UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CINEMA E AUDIOVISUAL
MESTRADO EM CINEMA E AUDIOVISUAL

CELIO REGINALDO MOREIRA PIMENTEL

CINE RECREIO NO SÉCULO XX

Sal, trilhos e a resistência do cinema de rua em Cabo Frio/RJ



NITERÓI
2025

CELIO REGINALDO MOREIRA PIMENTEL

CINE RECREIO NO SÉCULO XX
SAL, TRILHOS E A RESISTÊNCIA DO CINEMA DE RUA EM CABO FRIO/RJ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Cinema e Audiovisual.

Orientador:

Prof. Dr. Rafael de Luna Freire

Niterói

2025

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

P644c Pimentel, Celio Reginaldo Moreira
CINE RECREIO NO SÉCULO XX : Sal, trilhos e a resistência do cinema de rua em Cabo Frio/RJ / Celio Reginaldo Moreira Pimentel. - 2025.
97 f.: il.

Orientador: Rafael de Luna Freire.
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2025.

1. História do Cinema. 2. Cine Recreio. 3. Cabo Frio/RJ. 4. Cinema de rua. 5. Produção intelectual. I. Luna Freire, Rafael de, orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL

PPGCINE UFF PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CINEMA E AUDIOVISUAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Ata de Defesa do mestrando **CELIO REGINALDO MOREIRA PIMENTEL,** na forma em que se segue:

Aos 24 (vinte e quatro) dias do mês de março de dois mil e vinte e cinco, às 14:30 horas, na sede do Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual, em banca formada por videoconferência, instalou-se a banca examinadora da dissertação de Mestrado em Cinema e Audiovisual de **CELIO REGINALDO MOREIRA PIMENTEL** formada pelos seguintes professores doutores: Rafael de Luna Freire (orientador - presidente da banca - UFF), João Luiz Vieira (UFF) e Filipe Brito Gama (Uesb). Abertos os trabalhos, o presidente da banca passou a palavra ao aluno para que expusesse oralmente o seu trabalho, intitulado**: "CINE RECREIO NO SÉCULO XX: sal, trilhos e a resistência do cinema de rua em Cabo Frio/RJ"**. Feita a exposição, o presidente da banca passou a palavra aos outros membros para que comentassem o trabalho e arguissem o aluno, para a seguir também comentar o trabalho e as observações feitas pelos professores. Feitos os comentários e arguições, a banca se reuniu e emitiu o seguinte parecer:

A banca destaca a dissertação como uma contribuição nova para os estudos sobre a história das salas de cinema no interior do Brasil, especificamente, no âmbito do Estado do Rio de Janeiro. A banca recomenda a revisão do texto antes da entrega da versão final.

Assim, a banca considerou o aluno APROVADO (X) NÃO APROVADO ( ).

Nada mais havendo, foram encerrados os trabalhos e eu, Prof. Dr. Rafael de Luna Freire, lavrei a ata que vai por mim assinada e pelos demais membros da banca

gov.br Documento assinado digitalmente
RAFAEL DE LUNA FREIRE
Data: 03/04/2025 12:02:06-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Rafael de Luna Freire (Orientador - presidente da banca - UFF)

gov.br Documento assinado digitalmente
JOAO LUIZ VIEIRA
Data: 03/04/2025 09:44:55-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. João Luiz Vieira (UFF)

gov.br Documento assinado digitalmente
FILIPE BRITO GAMA
Data: 26/03/2025 16:11:11-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Filipe Brito Gama (Uesb)

AGRADECIMENTOS

Neste momento de conclusão da minha dissertação de mestrado, é com um profundo sentimento de gratidão que me dirijo à Universidade Federal Fluminense. Durante os dois anos dedicados à pesquisa sobre o Cine Recreio, tive a oportunidade de desenvolver conceitos e percepções valiosas sobre o Cinema de Rua, reconhecendo-o como um patrimônio histórico e imaterial da cidade de Cabo Frio – RJ.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual - PPGCine-UFF, expresso meu mais profundo respeito e admiração. Vocês foram fundamentais para que eu pudesse alcançar os momentos finais desta jornada acadêmica.

Um agradecimento especial ao professor Doutor Rafael de Luna Freire, que com rigor e gentileza orientou minha dissertação, guiando-me com maestria e permitindo que eu entendesse a importância da distribuidora Pathé Frères e as exibições no Cine Recreio no início do século XX.

Ao professor Doutor João Luiz Vieira, minha gratidão por suas valiosas considerações sobre minha dissertação, que foram cruciais até a finalização da disciplina. Agradeço também ao professor Doutor Filipe Gama por integrar a banca de defesa, concluindo assim meu ciclo acadêmico como mestrando.

Ao professor Doutor Fernando Morais da Costa, sou grato por me proporcionar uma compreensão mais profunda sobre a história do cinema e das civilizações. A doutora Talitha Ferraz também merece meu agradecimento por sua pesquisa historiográfica sobre o cinema de rua, que foi inspiradora.

A vida acadêmica me possibilitou ser aluno do mestrado do PPGCine-UFF, iniciando esta caminhada no primeiro semestre de 2023. Quantas glórias para meu coração e mente!

Minha gratidão se estende à minha família. Ao meu pai Sotero, por manter-me nos trilhos desta pesquisa; à minha esposa, Marize, por seu incentivo e compreensão, tornando minha jornada mais segura e leve. Agradeço aos meus filhos, Glauber, Maurício e Raoni, e ao meu sobrinho Felipe, além de Nelson, Jorge, e às doutoras Marina e Mariana, que sempre torceram por mim e atenderam a todos os meus pedidos de socorro.

Não posso esquecer daqueles que, de alguma forma, fizeram parte do Cine Recreio, compartilhando suas histórias e vivências: Meri Damaceno, Milton Alencar e Paulo Henrique “Paul”.

Aos meus colegas do PPGCine-UFF: Tiago Quintes, Bernardo, Alex, Marco, Yanara, Thiago, Mônica e Mariana, agradeço a parceria, conversas e ideias que enriqueceram este processo.

Meus sinceros e profundos agradecimentos a todos que fizeram parte desta jornada.

RESUMO

Do ponto vista econômico, os sistemas de transporte ferroviário, marítimo e fluvial, no início do século XX, eram os elementos de ligação entre as áreas produtoras de bens primários aos portos de onde estes poderiam ser enviados para as zonas industriais e urbanas. Na década de 1910, a cidade de Cabo Frio/RJ passava por uma disputa política entre dois grupos econômicos, Liras e Jagunços, que disputavam o território e influenciavam a economia local com a instalação do Cine Recreio. Este trabalho de pesquisa tem como finalidade estudar o processo de distribuição e exibição cinematográficas, no período de 1910 a 1917, demandada pelo Cine Recreio, buscando contribuir para que o local seja considerado uma referência de patrimônio histórico e imaterial da cidade de Cabo Frio/RJ. O estudo utilizou uma abordagem interdisciplinar, combinando fontes literárias, documentais e uma pesquisa de campo para a compreensão da história do cinema no cenário cultural na cidade de Cabo Frio, especialmente em contextos locais pouco explorados pela historiografia tradicional. Os resultados deste trabalho evidenciam o histórico da evolução da indústria cinematográfica durante décadas de exibição de filmes na cidade, que podem servir como referência para os estudos acerca dos cinemas de rua no Brasil.

Palavras-chave: História do cinema. Cine Recreio. Cinema de rua. Cabo Frio. Distribuição cinematográfica.

ABSTRACT

From an economic perspective, in the early 20th century, rail, maritime and river transport systems were the connecting elements between the areas producing primary goods and the ports from where these could be sent to industrial and urban areas. In the 1910s, the city of Cabo Frio/RJ was experiencing a political dispute between two economic groups, Liras and Jagunços, who were fighting over the territory and influencing the local economy with the installation of Cine Recreio. This research work aims to study the process of film distribution and exhibition, from 1910 to 1917, demanded by Cine Recreio, seeking to contribute to the location being considered a reference of historical and intangible heritage of the city of Cabo Frio/RJ. The study used an interdisciplinary approach, combining literary and documentary sources and field research to understand the history of cinema in the cultural scene of the city of Cabo Frio, especially in local contexts little explored by traditional historiography. The results of this study show the history of the evolution of the film industry during decades of film screenings in the city, which can serve as a reference for studies on street cinemas in Brazil.

Keywords: History of cinema. Cine Recreio. Street cinema. Cabo Frio. Film distribution.

SUMÁRIO

1 **INTRODUÇÃO** 13

2 **A RELAÇÃO ENTRE FERROVIA, NAVEGAÇÃO E O CINE RECREIO EM CABO FRIO** 17

2.1 **Os primeiros contatos e os impactos da colonização portuguesa sobre os povos originários em Cabo Frio** 17

2.2 **A fundação do município de Cabo Frio** 20

2.3 **A indústria salineira e o desenvolvimento econômico de Cabo Frio** 23

2.4 **Ferrovia, navegação e o Cine Recreio em Cabo Frio** 25

3 **O PAPEL TRANSFORMADOR DO CINEMA RECREIO NA CULTURA E POLÍTICA DE CABO FRIO (1910-1917)** 39

3.1 **A chegada do cinema em Cabo Frio em 1910** 39

3.2 **Três momentos que marcaram a instalação do Cinema Recreio em Cabo Frio** . 42

4 **O CINE RECREIO COMO PATRIMÔNIO DA CIDADE DE CABO FRIO** 57

4.1 **O funcionamento de 1917 a 2002** 57

4.2 **O Cine Recreio como patrimônio da cidade de Cabo Frio** 60

4.2.1 *Entrevista com Milton Alencar em 18 de novembro de 2024* 60

4.2.2 *Entrevista com Paulo Henrique Moreira em 18 de novembro de 2024* 63

4.2.3 *Entrevista com Meri Damaceno em 20 de janeiro de 2025* 65

4.2.4 *Entrevista realizada com Marisa no dia 21 de novembro de 2024* 67

4.3 **A trajetória do Cine Recreio em Cabo Frio – memórias e transformações** 68

5 **CONCLUSÃO** 71

EPÍLOGO 73

OBRAS CITADAS 75

OBRAS CONSULTADAS 77

APÊNDICES 80

Apêndice 1 – Entrevista na íntegra com Milton Alencar 80

Apêndice 2 – Entrevista na íntegra com Paulo Henrique Moreira (“Paul”) 83

Apêndice 3 – Entrevista na íntegra com Meri Damaceno 87

Apêndice 4 – Entrevista na íntegra com Marisa 89

ANEXOS 91

Anexo 1 – Termo de Aforamento do terreno onde foi construído o “Cinematographo” de Cabo Frio – 1914 91

Anexo 2 – Foto da Praça Porto da Rocha sem autor s/data Cine Teatro Recreio 93

Anexo 3 – Mapas da Estrada de Ferro Leopoldina 95

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Gravura *Lamento dos Tamoios* 19
Figura 2 - Mapa dos sítios arqueológicos da Região dos Lagos 20
Figura 3 - Província do Rio de Janeiro no período 1838 a 1842 21
Figura 4 - Croqui da Lagoa de Araruama em 1875 22
Figura 5 - Cartaz da Companhia de Navegação da Lagoa de Araruama 23
Figura 6 - Foto Salina em Aveiro - Portugal (2023) 24
Figura 7 - Foto Salina em Cabo Frio (1940) 24
Figura 8 - Estação de trem Juturnaíba, em Silva Jardim 26
Figura 9 - Lagoa de Juturnaíba – Cartas da Costa Brasileira Cabo de São Tomé ao Rio de Janeiro 27
Figura 10 - Publicação sobre a construção da estrada de Ferro Maricá 28
Figura 11 - Mapa Croqui dos Ramais da "Estrada de Ferro Leopoldina e E.F. Maricá" 30
Figura 12 - Ancoradouro no Canal Itajuru, meados de 1915 31
Figura 13 - Inauguração da Estação Ferroviária de Iguaba Grande 33
Figura 14 - Carregamento de sal no porto de Araruama 34
Figura 15 - Imagem do "Cinema-Teatro" que consta no censo de 1920 35
Figura 16 - Revista da época demonstra como era a vida da cidade de Cabo Frio 36
Figura 17 - Principais Comerciantes de Cabo Frio em 1919 37
Figura 18 - Antiga Ponte de Ferro Miguel de Carvalho de Cabo Frio 37
Figura 19 - Foto da obra de construção da Ponte Feliciano Sodré em 1925 38
Figura 20 - Matéria do jornal *O Fluminense* - Inauguração do Cinema Recreio em 1910 41
Figura 21 - Obelisco da Praça Porto Rocha – Cabo Frio, RJ 45
Figura 22 - Cine Recreio em 1915, durante o tricentenário de Cabo Frio 46
Figura 23 - Fachada do Cine Teatro Recreio em 1915, no tricentenário de Cabo Frio 46
Figura 24 - Comemorações do tricentenário de Cabo Frio, em 1915 47
Figura 25 - Diretoria das comemorações do tricentenário de Cabo Frio 47
Figura 26 - Crianças no período das comemorações do Tricentenário de Cabo Frio 48
Figura 27 - Lancha Cometa que interligava Cabo Frio a Iguaba Grande 49
Figura 28 - Estação de trem de Neves 49
Figura 29 - Cartaz de A noiva de bronze, primeiro filme exibido no Cine Recreio 50
Figura 30 - Cartaz do Seriado exibido *Bull's Eye* 51
Figura 31 - Florismundo Baptista Machado e sua Filha Dulce 52

Figura 32 - Família de Florismundo Machado 54
Figura 33 - Foto de Pedro Guedes Alcoforado 56
Figura 34 - Sala do Cine Nanci um dos cinemas fechados em São Gonçalo 57
Figura 35 - Cine Shopping Recreio em 2024 59
Figura 36 - Cartaz do filme *O circo das qualidades humanas* 61
Figura 37 - Programação do Festival IV Curto Cabo Frio, realizado em 2010 62
Figura 38 - Portaria do Cine Recreio em 1997 64
Figura 39 - Cartaz que se encontra na escadaria do Cine Recreio em 2024 68

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Planilha da Navegação a Vapor Lagoa de Araruama.....22
Tabela 2 - Informações sobre salinas e seus proprietários de Cabo Frio 32
Tabela 3 - Produtos e impostos arrecadados no estado do Rio de Janeiro em 1917 34

1 INTRODUÇÃO

Parafraseando Florestan Fernandes em sua dissertação de mestrado que consta no livro *Organização Social dos Tupinambá* (1963), com bastante alegria escrevo estas linhas. Quem teria, há 25 anos, imaginado, que um trabalho como o Cine Recreio, redigido com a única preocupação de esgotar todos os recursos científicos para apresentar a poucos especialistas uma dissertação de Mestre em Cinema e Audiovisual, encontraria tanta ressonância! Introduzo a presente obra, depois de ser aprovada pela banca examinadora composta pelo professor doutor Rafael de Luna Freire, coordenador e os professores doutores João Luiz Vieira e Filipe Gama.

Do ponto de vista do desenvolvimento econômico mundial, a partir da metade do século XIX, os sistemas de transporte ferroviário, marítimo e fluvial caracterizados como redes de distribuição comercial entre regiões e países – tal como existiam nos continentes asiáticos, australiano, africano e latino americano – permitiam a ligação física das áreas produtoras de bens primários aos portos de onde esses bens poderiam ser enviados para as zonas industriais e urbanas de todo o mundo (HOBSBAWM, 2010, p. 91).

Como estratégias para a produção industrial dos primeiros tempos, as malhas ferroviárias e marítimas eram responsáveis pelas rotas de circulação mais extensas, com as ferrovias funcionando como eixos de ligação entre a região produtora e os portos. No Brasil, São Paulo era o maior produtor de café do país e possuía a malha ferroviária mais desenvolvida em comparação a outros estados, criada para escoar os grãos produzidos nas fazendas do interior para o porto de Santos (FREIRE, 2022).

Neste contexto, surge a criação do mercado cinematográfico no Brasil, em 1910, a partir da importação de filmes para exibição nas grandes metrópoles e nas cidades do interior do País (FREIRE, 2022, p. 31). Os serviços da nova invenção, o “cinematógrafo”, introduziram o modo de ver cinema no planeta, o que contribuiu para que as colônias utilizassem os serviços de exibição de filmes.

> A Pathé Frères, importada pelo agente exclusivo no Brasil, Marc Ferrez (1843–1923), a primeira distribuidora de filmes do país, foi instrumental na criação do mercado cinematográfico brasileiro. Marc Ferrez tornou-se o pioneiro distribuidor cinematográfico do Brasil (FREIRE, 2022, p. 31).

As linhas de trem permitiram que o homem de negócios Francisco Serrador (1872-1941), imigrante valenciano que veio para o Brasil ainda jovem, se tornasse empresário de diversões em Curitiba, incorporando o cinema em suas atividades. Serrador instalou-se em São Paulo em 30 de agosto de 1907. Tal como Staffa, possuía grande estoque de filmes, inclusive da Pathé Frères. A exibição de filmes fez sucesso no estado de São Paulo, e foi importante nos

planos da empresa MF&F (1843-1923) – primeira exibidora distribuidora de filmes do país foi instrumental na criação do mercado cinematográfico brasileiro. (FREIRE, 2022, p. 22, 53-55).

Entender o desenvolvimento histórico e cinematográfico no Brasil envolve compreender como o cinema surgiu na Europa no final do século XIX e se expandiu globalmente, estabelecendo sistemas de produção e distribuição de filmes que afetaram a cultura e o desenvolvimento econômico de países da América do Sul e da Ásia.

Em seu fundamental estudo, Richard Abel (2007) demonstrou como a presença dos filmes franceses da Pathé Frères no mercado americano foi a mais importante condição para a proliferação de pequenos estabelecimentos comerciais urbanos, convertidos em salas de projeção – os chamados *Nickelodeons* – entre 1905 e 1906. A aquisição desses filmes foi o fator crucial para a estagnação da indústria cinematográfica no Brasil. Marc Ferrez adquiria pacotes completos de películas e equipamentos, muitas vezes oriundos do mercado de segunda mão. Vale destacar que a Pathé chegou a construir fábricas nos países onde sua distribuição era mais intensa. Esse contexto mostra como as grandes metrópoles estabeleceram uma distribuição monopolista que perpetuou a dependência das colônias em relação aos centros produtores de cinema. Nesse sentido, Rafael de Luna Freire (2022) descreve como, no Brasil, essa expansão foi marcante entre 1907 e 1915, período em que a Pathé[1] consolidou suas vendas, promovendo cultura de entretenimento.

Os primeiros cinemas brasileiros, como descritos por Freire (2022, p. 27), dependeram de vários fatores para estabelecer a exibição em locais fixos, mas a distribuição regular de filmes novos foi um dos principais aspectos que pesaram sobre essa questão. Os centros produtores de cinema seguiam o processo de distribuição, conforme descrito:

> Os empresários geralmente adquiriam um pacote completo: equipamentos de projeção e cópias de fitas, inicialmente comprados apenas no exterior. Os mesmos títulos, de curta duração, eram exibidos de localidade em localidade, dezenas de vezes, até o seu completo comprometimento físico, se não fossem vendidos antes para outro exibidor. Desse modo, não demorou muito para surgir um mercado de segunda mão no Brasil, tanto de cópias quanto de equipamentos de projeção (FREIRE, 2022, p. 20).

Os exibidores em diversas localidades interioranas utilizavam a ferrovia e a navegação para chegar às localidades mais distantes da capital, e, quando necessário, o transporte em lombo de animais.

No início do século XX, a localidade de Cabo Frio, no estado do Rio de Janeiro, tinha como principal atividade econômica a extração de sal. No entanto, havia carência de transporte

[1] A Pathé surgiu na França no final do século XIX e teve seu período de atuação no mercado cinematográfico brasileiro entre 1905 e 1906. Nesse período, Marc Ferrez detinha a exclusividade de sua representação no Brasil (FREIRE, 2022, p. 27).

para escoar a produção, já que a ferrovia utilizada ficava a 48 km distante. Era necessário transportar o sal por meio de barcaças passando pela Lagoa de Araruama, seguindo pelo Rio São João, até chegar a Silva Jardim/RJ, na Estação de Juturnaíba.

Com a expansão do mercado cinematográfico para o interior do Brasil, a exibição de filmes no Cine Recreio, em Cabo Frio, teve início em 1910, conforme registrado no jornal *O Fluminense* de 7 de outubro daquele ano. Meri Damaceno (2012) escreve que os filmes chegavam à Estação de Juturnaíba, em Silva Jardim, onde havia um porto no qual aportavam as lanchas Palestina e Cometa, de propriedade de Paes de Abreu, responsáveis pelo transporte dos filmes.

A indústria salineira, que na década de 1910 atingiu seu recorde em produção de sal, contribuiu para o crescimento econômico de Cabo Frio, o que, por sua vez, favoreceu o surgimento de investimentos voltados para as áreas sociais e culturais. Nesse contexto, a dinâmica dos investidores, que viam no cinema uma oportunidade de montar salas e criar opções de entretenimento para a população, tornou essencial a integração entre o cinema e o teatro.

A melhoria na infraestrutura de transporte foi fundamental para a regularização e ampliação da distribuição e exibição de filmes na cidade entre 1910 e 1917. Esse processo foi impulsionado pelo prolongamento da Estrada de Ferro Maricá, que, a partir de 1915, conectava Neves (em São Gonçalo/RJ) à estação ferroviária de Iguaba Grande/RJ. A partir de Iguaba Grande, os filmes eram transportados de barco ou em lombo de burro até Cabo Frio, conforme descrito por Terra (2009). Recordo que, durante minha infância, meu pai, Sotero Luiz Pimentel, foi chefe da estação de trem de Iguaba Grande na década de 1950. Observava atentamente os acontecimentos que, sem dúvida, remontam a décadas anteriores a 1950. O fluxo de despachos e recebimentos de mercadorias, provenientes de grandes centros como o Rio de Janeiro — então capital do país —, era intenso, e a interligação entre os modais ferroviário e náutico atendia às crescentes demandas de acesso a bens, produtos e serviços entre as cidades. Esse contexto foi crucial para a chegada do cinema em Cabo Frio, tema que venho discutindo ao longo deste trabalho.

O objetivo deste trabalho de pesquisa é estudar e compreender as dinâmicas históricas e sociais que levaram à implantação do Cine Recreio, localizado no município de Cabo Frio, analisando sua relevância para a cultura local e buscando corroborar a ideia de que o Cine Recreio deve ser reconhecido como patrimônio histórico, na categoria “Cinema de Rua”. Para isso, foram analisados os processos históricos, econômicos, sociais e políticos ocorridos entre 1910 e 1917, que possibilitaram a criação do Cine Recreio, destacando a interação entre a

extração e a comercialização do sal, os transportes da época – ferroviário e de navegação –, a imigração, a política e o desenvolvimento econômico.

A princípio, o tema parecia de fácil compreensão, mas a complexidade se revelou maior à medida que avancei nos estudos oferecidos pelo Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense (PPG-Cine-UFF), na linha de pesquisa História e Política. Essa linha de pesquisa abrange reflexões sobre a economia da produção de sal, o transporte ferroviário e náutico e a produção cinematográfica, o que me levou a abordar a política local da época na cidade de Cabo Frio.

Na primeira parte (Seção 2), é apresentada uma pesquisa sobre a historicidade do cinema em Cabo Frio, abrangendo o período de 1503 a 1910, com a chegada do cinema à cidade. Para tanto, foi analisado o território desde a presença dos povos originários indígenas até 1615, quando foi fundada a cidade de Cabo Frio. Além disso, foram investigadas as imigrações portuguesa e francesa, que exploravam o pau-brasil como recurso econômico. Também abordou-se a ocupação do território, a divisão em municípios no período da escravidão e a introdução da ferrovia e da navegação como meios de exploração da indústria salineira.

Na segunda parte (Seção 3), são discutidas as políticas de distribuição da indústria cinematográfica para o Norte Fluminense, atendendo à demanda de Cabo Frio na época. Esses processos ajudaram a definir os mercados interioranos do estado do Rio de Janeiro, tendo o Pathé Frères como principal distribuidor.

Na terceira parte (Seção 4), apresenta-se uma análise da conjuntura mencionada nas duas primeiras partes, com o intuito de relacionar os contextos históricos da cinematografia no período de 1917 até o fim do cinema de rua em Cabo Frio, momento em que ocorreu a demolição do Cine Recreio e sua transformação em Cine Shopping Recreio. Para isso, foram entrevistadas pessoas que fizeram parte da história do Cine Recreio e contribuíram, através de suas memórias históricas, relatando os fatos ocorridos durante décadas do cinema de rua, como Meri Damaceno, escritora e memorialista de Cabo Frio, o cineasta e político Milton Alencar, e o administrador e proprietário do Cine Recreio entre 1993 e 1998, Paulo Henrique “Paul”, que compartilharam suas recordações sobre o Cine Recreio.

2 A RELAÇÃO ENTRE FERROVIA, NAVEGAÇÃO E O CINE RECREIO EM CABO FRIO

O município de Cabo Frio, localizado na região dos Lagos, no estado do Rio de Janeiro, possui uma história rica e complexa que remonta à presença de povos originários. Antes da chegada dos colonizadores europeus, a região era habitada por diferentes grupos indígenas, como os Tupinambás, conhecidos por sua organização social, práticas culturais e vasto conhecimento sobre meio ambiente, agricultura e produção de artefatos de cerâmica.

Com a chegada dos europeus no século XVI, iniciou-se um processo de colonização que impactou significativamente os povos originários. A expansão portuguesa trouxe conflitos armados, além da introdução de doenças, que resultaram na diminuição drástica da população indígena local. Conforme destaca Silva (2020, p. 45), “a chegada dos colonizadores não representou apenas uma alteração territorial, mas uma transformação cultural imposta aos povos nativos”. O interesse europeu pela região de Cabo Frio estava diretamente relacionado a sua posição estratégica e à abundância de recursos, como o pau-brasil, explorado intensivamente desde o início do período colonial. Em 1615, foi fundada a cidade de Cabo Frio, consolidando a presença portuguesa e inaugurando um novo ciclo de ocupação, que desconsiderava os direitos e tradições dos povos originários indígenas.

2.1 Os primeiros contatos e os impactos da colonização portuguesa sobre os povos originários em Cabo Frio

Os primeiros contatos entre os portugueses e os povos originários do Brasil são descritos nos relatos da época, que reportam o tratamento colonial de exploração na apropriação do pau-brasil que foi levado para Europa, além de demonstrarem o descontentamento do povo Tamoio, que foi hostilizado por parte dos portugueses, abrindo caminho para que os franceses se tornassem aliados dos indígenas. Essa literatura ora citada pode conter imprecisões ou interpretações subjetivas, o que pode gerar incertezas históricas. No entanto, tais relatos, juntamente com os documentos contemporâneos da expedição de Pedro Álvares Cabral no período da descoberta do Brasil, ajudam a construir uma compreensão mais completa da exploração e da colonização das terras brasileiras durante o período das Grandes Navegações.

Embora não deixemos de ter um olhar crítico sobre esses documentos, buscando neles, para além das narrativas, o que possa haver de olhares enviesados, entende-se que eles trazem riquezas de época inestimáveis. Halbwachs (2006, p. 25) reflete que “Tudo se passa como se

confrontássemos vários depoimentos. É porque concordam, no essencial, apesar de algumas divergências, que podemos reconstruir um conjunto de lembranças de modo a reconhecê-lo".

Os povos originários Tamoios, no século XVI, estabeleciam fronteiras com diversos grupos tribais, com os quais viviam em constante conflito. Ao norte do estado do Rio de Janeiro, os Tamoios faziam fronteira com os Goytacazes, que se localizavam a sete léguas (aproximadamente 34 km) de Cabo de São Tomé. Ao sul, seus vizinhos eram os Tupiniquins ou Guaianás, indígenas aliados dos portugueses. No interior, os Tamoios limitavam-se com os Carajás, os Guaianás e os Maracajás. Léry (1557, p. 154 *apud* FERNANDES, 1963, p. 27) informa que, nos territórios habitados pelos Tamoios, ainda existiam remanescentes do período de conquista dos territórios pelos Tupinambás. Já Anchieta (1558 *apud* FERNANDES, 1963, p. 27) culpava os portugueses pela ruptura brusca das relações amigáveis com aqueles aborígenes: "sendo dantes muito amigos dos portugueses se levantaram contra eles por grandes agravos e injustiças que lhes fizeram, e receberam os franceses, dos quais nenhuns agravos receberam". Os maus tratos dispensados aos Tupinambás teriam partido dos colonos que ficaram numa feitoria deixada por Américo Vespúcio, em 1504, ou de outra, que possivelmente existira no Rio de Janeiro (ABREU, p. 388 apud FERNANDES, 1963, p. 27).

O novo objetivo vital dos portugueses tornou-se, pois, a expulsão dos Tupinambás de seu último baluarte. A conquista definitiva de Cabo Frio só foi conseguida em 1574, seis anos depois. Neste período, alguns grupos Tupinambás locais estabeleceram relações com os portugueses.

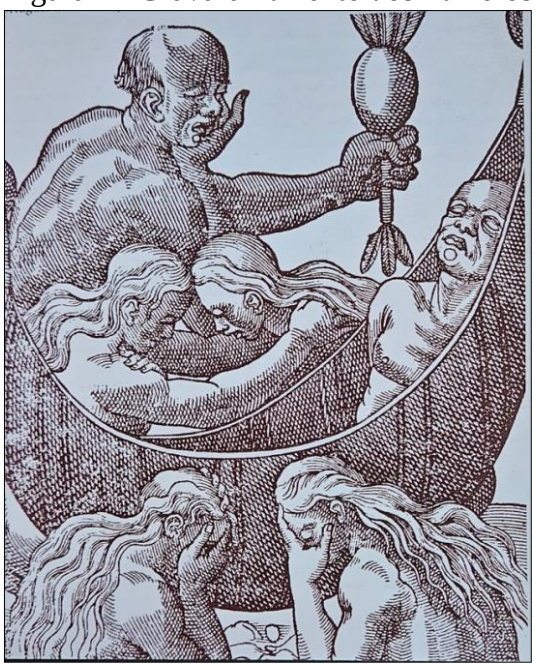
Segundo Gabriel Soares, os Tupinambás "foram encontrados, mortos infinitos, e cativos oito a dez mil almas" (FERNANDES, 1963, p. 28). Na matéria intitulada "Uma preciosa descoberta", publicada no jornal *O Paiz* em 14 de junho de 1914, são relatados os confrontos entre conquistadores e indígenas em Cabo Frio, mencionando a descoberta de numerosos esqueletos que pareciam indicar o local de uma batalha, evidenciando as lutas entre os conquistadores e os indígenas.

A maioria dos sobreviventes emigrou para o sertão, afastando-se de toda a costa, "com espanto do que tinham visto" (FERNANDES, 1963, p. 32). Relata-se que alguns dos sobreviventes, ao fugirem, formaram um novo grupo, denominado Ararapés, enquanto outros se submeteram e se tornaram cristãos.

Em 1574, ocorreu o maior combate entre portugueses e franceses, no qual os Tamoios deram apoio aos franceses. Eles enfrentaram os portugueses que, vindo do Rio de Janeiro/RJ com o objetivo de expulsar os franceses, seguiram para Cabo Frio, como já havia acontecido na Baía de Guanabara. Nesse combate, os portugueses, com o apoio do povo Temiminó,

liderado por Arariboia, enfrentaram os Tamoios, que foram derrotados, e os franceses foram expulsos de Cabo Frio. Arariboia foi batizado como Martim Afonso e, em reconhecimento pelos serviços prestados, recebeu a feitoria de São Lourenço, atual cidade de Niterói. Esse feito é descrito por Eduardo Bueno (2013, p. 85). A Figura 1 apresenta a gravura *Lamento dos Tamoios*, publicada em 1578, no livro de Jean de Léry (BUENO, 2013, p. 85).

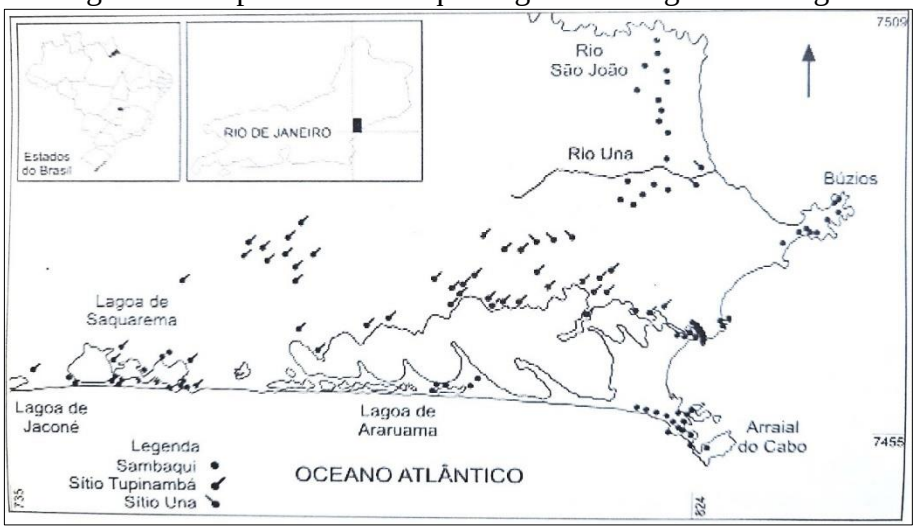
Figura 1 - Gravura *Lamento dos Tamoios*



Fonte: Bueno (2013, p. 85).

Os sítios arqueológicos descobertos no início do século XXI têm evidenciado a existência dos povos originários que habitaram o território compreendido como Cabo Frio, no período anterior à chegada dos colonizadores portugueses ao Brasil no século XVI. O mapa da Figura 2 apresenta os sítios Tupinambás na Região dos Lagos, no estado do Rio de Janeiro.

Figura 2 - Mapa dos sítios arqueológicos da Região dos Lagos



Fonte: Moura e Moreira (2020, p. 33).

2.2 A fundação do município de Cabo Frio

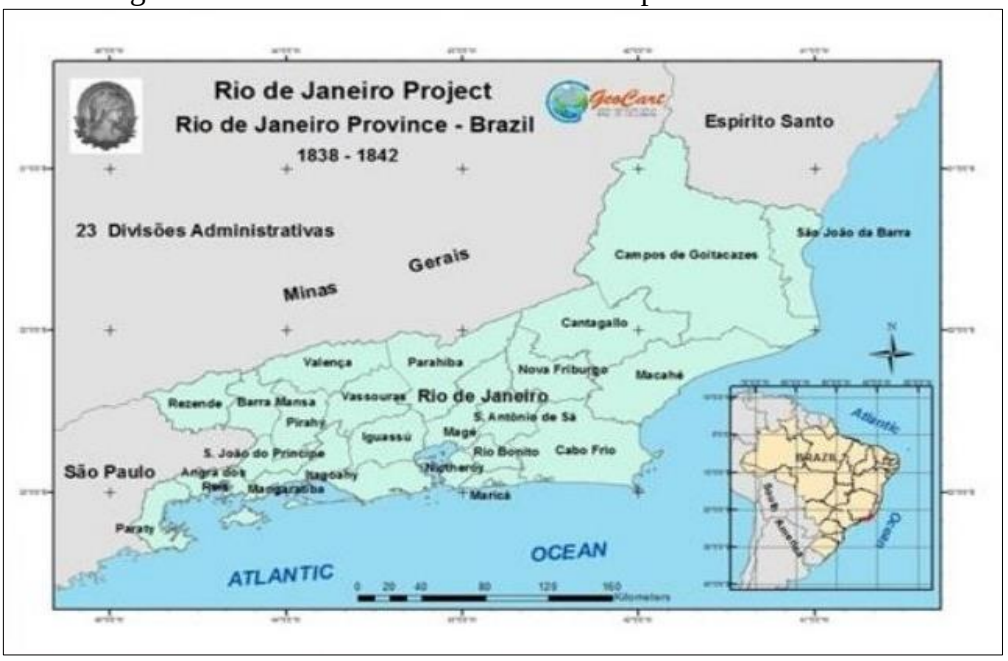
A fundação de Cabo Frio ocorreu em 1615 com o desmembramento de vários municípios, conforme descrito por Béranger (1993, p. 38):

> Em 1813 foram criados os municípios de Macaé e Nova Friburgo, do desmembramento de Cabo Frio; em 1841, Capivari, desmembrado de Cabo Frio, Macaé e Friburgo; em 1846, Barra de São João, formado do desmembramento de Macaé e Cabo Frio; em 1859 criado o município de Araruama tirado de Cabo Frio e Capivari; São Pedro da Aldeia, em 1890.

O mapa da Figura 3 apresenta uma das mais prováveis divisões administrativas da Província do Rio de Janeiro no período de 1838 a 1842, conforme a *Chorographica da Província do Rio de Janeiro* (1839), do Arquivo Nacional, que delimita os limites territoriais das vinte e três províncias.

As mudanças ocorridas entre 1872 e 1893 configuraram a geografia territorial dos municípios, que não apresentaram crescimento significativo na época no estado do Rio de Janeiro. Cabo Frio, por exemplo, perdeu uma parte significativa de seu território, conforme descrevem Moura e Moreira (2020, p. 97).

Figura 3 - Província do Rio de Janeiro no período 1838 a 1842



Fonte: Adaptação do Projeto para ilustrar o mapa oficial da época que mostra os municípios emancipados entre os anos de 1838 e 1842

Nesse contexto, a mão de obra escravizada, que ainda predominava, começou a ser substituída em função das instalações das salinas. Esse setor passou a contar com a força de trabalho de imigrantes portugueses, que adaptaram técnicas trazidas das cidades salineiras de Portugal para Cabo Frio. Holanda (2006), no livro *Raízes do Brasil*, identifica esse pensamento sobre os povos afro-brasileiros como um complemento à mão de obra da sociedade capitalista daquele momento, receosa das mudanças definidas por esse novo modelo econômico. Ele comenta:

> As grandes fortunas à sombra do comércio negreiro tendiam e, por conseguinte, em favor de um governo disposto a enfrentá-las em hesitações toda a descendência ainda numerosa dos Caramurus da Regência. É sabido que o nativismo lusófobo chegou a representar, direta e indiretamente, uma ponderável influência no movimento para a supressão do tráfico (HOLANDA, 2006, p. 72).

As rotas marítimas e fluviais eram responsáveis pelo escoamento das produções agrícolas entre as cidades e a Corte no Rio de Janeiro. Em 1886, foram transportados 39.507 kg de carga e 1.887 passageiros (vide Tabela 1).

Tabela 1 - Planilha da Navegação a Vapor Lagoa de Araruama

Ano	Mês	Nº de Viagens	Exportação	Importação	Carga Trânsito	Total	Passageiros
1886	Jan	Nove	972	749	960	2.681	177
	Fev	Oito	1.933	583	692	3.208	132
	Mar	Nove	1.894	929	1.118	3.941	186
	Abr	Oito	520	602	704	1.826	167
	Mai	Nove	700	706	682	2.088	106
	Jun	Nove	2.425	546	845	3.816	101
	Jul	Dez	1.546	770	783	3.099	100
	Ago	Nove	701	570	735	2.006	161
	Set	Oito	2.196	925	1.022	4.143	152
	Out	Nove	2.917	882	1.238	5.037	179
	Nov	Nove	2.082	398	1.372	3.852	269
	Dez	Oito	1.981	722	1.107	3.810	157
	Soma	105	19.867	8.382	11.258	39.507	1.887

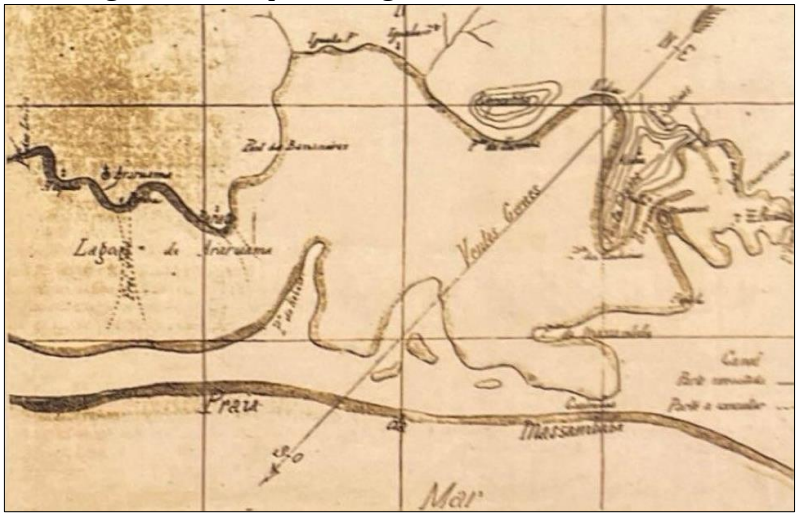
Fonte: Rio de Janeiro (1887, p. 68)

Alcoforado (1936, p. 27) menciona que:

> O abandono ocorrido em Cabo Frio a partir da abolição da escravatura, uma vez que com a falta de braços para a lavoura, produziu-se uma inteira paralisação de forças e de energias. Tudo caiu no abandono. Em 1890, a cidade sofreu grande desmembramento, deslocando-se seu território em outros municípios e ficando ele apenas a península da restinga até a Pernambuca e pelo sertão até o rio São João, a nove léguas da cidade.

A navegação a vapor era utilizada como principal meio de transporte através da Lagoa de Araruama, representada na Figura 4. Tratava-se de um importante eixo comercial conectando Cabo Frio, Araruama/RJ, São Pedro da Aldeia/RJ, Iguaba Grande e Silva Jardim, que já contava com uma ferrovia interligada à Corte no Rio de Janeiro.

Figura 4 - Croqui da Lagoa de Araruama em 1875

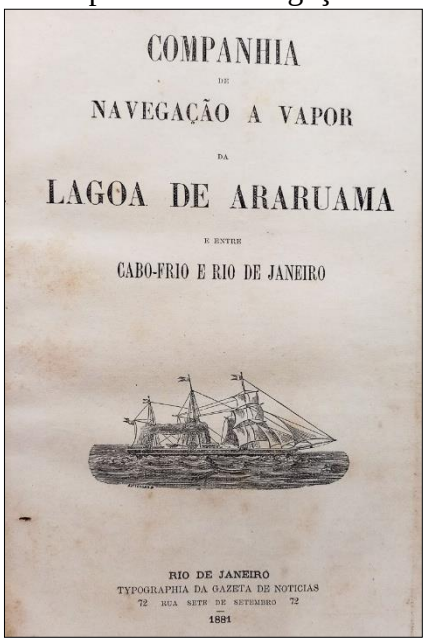


Fonte: O Olhar da Memória – Vol. III Projeto Ong Aspergillus Prefeitura Municipal de Araruama

Legenda: Reprodução do croqui da Lagoa de Araruama, elaborado pelo engenheiro Léger Palmer, onde aparecem os nomes da cidade de Araruama, a capela de Parati e o Hospício, a localidade da Penha (Pontinha), com os esporões submersos da Ponta do Frei João. Também se observam: Ponte dos Leites, Bananeiras e Iguaba Pequena.

Entre o final do século XIX e início do século XX, as companhias de navegação desempenharam papel crucial na região, levando diversos produtos, incluindo latas de filmes, que começaram a ser transportadas em 1915. Os primeiros mapas da Lagoa de Araruama foram elaborados pela influência do sal na região, com o objetivo de potencializar o comércio, inventariar áreas concessionadas e planejar obras de dragagem. O Porto de Cabo Frio era interligado à Corte no Rio de Janeiro por navegação a vapor. A Figura 5 ilustra o cartaz da Companhia de Navegação da Lagoa de Araruama, em 1881.

Figura 5 - Cartaz da Companhia de Navegação da Lagoa de Araruama



Fonte: foto de arquivo - Roberto de Magalhães Gouvêa

Legenda: publicação de 1881 da "Companhia de Navegação a Vapor da Lagoa de Araruama e entre Cabo-Frio e Rio de Janeiro" pertencente a firma "Jordão & Cia." que também atracava no porto de Ponte dos Leites. O gerente dessa empresa era o engenheiro Leger Palmer; Pesquisa: Achilles Pagalidis (Acervo BN Digital)

2.3 A indústria salineira e o desenvolvimento econômico de Cabo Frio

A economia de Cabo Frio cresceu significativamente no início do século XX, impulsionada pela indústria salineira, que expandiu a produção e gerou emprego e renda. A reorganização econômica trouxe alívio para uma sociedade que havia perdido sua autoestima após o declínio da produção agrícola, explorada utilizando mão de obra escravizada.

Em 1885, Luiz Gago, português com experiência nas salinas de Aveiro, fundou a salina *Acahira*. Em 1887, Dr. Adolpho Lindenberg iniciou a construção de outra salina, marcando o

início de uma nova era na indústria salineira. Segundo Alcoforado (1936, p. 57), a produção total de sal em 1890 foi de 80 mil sacos. A Figura 6 apresenta a foto de uma salina em Aveiro, Portugal, com data de 2023; e a Figura 7, a Salina em Cabo Frio em 1940.

Figura 6 - Foto Salina em Aveiro - Portugal (2023)



Fonte: Foto de Nelson Kenji Osanai (2023).
Legenda: A forma diferenciada das salinas de Aveiro, onde há os rodamoinhos, diferente das salinas instaladas em Cabo Frio e região no início das instalações das salinas em 1895 pelos imigrantes que vieram de Aveiro - Portugal.

Figura 7 - Foto Salina em Cabo Frio (1940)



Fonte: Foto, Cartão Postal Wolney, c.1940.
Legenda: O processo do sal é o mesmo implantado nas salinas de Portugal, no qual o cata-vento puxa a água e joga nos cristalizadores a uma temperatura de 3º C. Assim se dá a colheita do sal.

O transporte do sal, por sua vez, era um desafio para a modernização do sistema de distribuição e a consolidação das rotas. O transporte dos produtos de Silva Jardim por um ramal ferroviário da *Leopoldina Railway*, distante 48 km de Cabo Frio, foi uma das soluções desenvolvidas para atender às demandas comerciais. Nesse período, destaca-se a importância do transporte ferroviário para a economia e a cultura na região, com olhar especial para Cabo Frio, Campos dos Goytacazes e cidades vizinhas, entre o final do século XIX e início do século

XX. O impacto das ferrovias foi significativo na distribuição de produtos como sal, pescado e cal, e na chegada de bens culturais, como filmes e equipamentos cinematográficos.

Quintes (2022, p. 27) aponta mais um fator relevante para a compreensão da distribuição de filmes por meio do transporte sobre trilhos, que pode ser observado como uma estratégia desenvolvida pelos distribuidores e exibidores para alcançar as cidades mais distantes dos centros, como o Rio de Janeiro, no final do século XIX. De acordo com Quintes, em 1873 foi inaugurada a Estrada de Ferro Campos para São Sebastião, e em 1875, a Estrada de Ferro Campos para Macaé, pertencente à Companhia Leopoldina. Na mesma época, foi inaugurada a Estrada de Ferro de Campos para Carangola, em Minas Gerais.

Já em 1910, o exibidor de filmes que atendia Campos dos Goytacazes/RJ possivelmente utilizava a estação de trem de Juturnaíba, em Silva Jardim, para realizar o transbordo dos filmes para barcaças, que faziam o trajeto de Silva Jardim até Cabo Frio, via Rio São João e Lagoa de Araruama. As fitas exibidas em Campos, por Pascoal Segreto, provavelmente foram as primeiras a serem apresentadas em Cabo Frio em 1910. Freire (2022, p. 46) informa que Segreto, proprietário de espaços de entretenimento, obteve a indicação para desenvolver diversões não apenas no Rio de Janeiro, mas também em outras cidades.

Freire cita a carta da MF&F para Segreto, datada de 18 de abril de 1910, na qual a empresa apresentava as condições para um contrato de fornecimento de filmes da Pathé Frères, que seria efetivamente assinado dez dias depois. Os Ferrez sugeriram a Segreto explorar as novidades em outros bairros e cidades do Rio de Janeiro – mencionando a Praça Onze, onde ele havia recém-inaugurado o Parque Novidades, e a cidade de Campos dos Goytacazes, no norte do estado, onde Segreto mantinha o Parque Paris – ou até mesmo em estados como São Paulo e Bahia.

Um estudo sobre o cinema em Montes Claros/MG destaca que a chegada da Estrada de Ferro Central do Brasil em 1926 melhorou o acesso, a quantidade e a diversidade de filmes na região, sugerindo uma correlação entre o desenvolvimento do cinema e a expansão ferroviária.[2]

2.4 Ferrovia, navegação e o Cine Recreio em Cabo Frio

[2] Conforme pesquisa realizada no Portal de Periódicos da UFRJ, foi encontrada uma referência que contribui para o entendimento da distribuição de filmes no Brasil no início do século XX. Embora esse exemplo se refira a um período posterior ao solicitado, ele ilustra como as ferrovias poderiam ter influenciado a distribuição de filmes em outras regiões do Brasil nas décadas anteriores. Para obter informações mais precisas sobre a distribuição de filmes por trem entre 1910 e 1917, seria necessário consultar arquivos históricos específicos, como registros de empresas ferroviárias, distribuidoras de filmes ou periódicos da época, que possam conter referências a essa prática.

O desenvolvimento do Cine Recreio em Cabo Frio estava ligado à infraestrutura dos transportes ferroviário e hidroviário disponíveis na época (1910 a 1917). A ferrovia, especialmente representada pela Estrada de Ferro Leopoldina e pela Estrada de Ferro Maricá, foi essencial para a chegada de bens culturais à região, como filmes e equipamentos cinematográficos.

No início do século XX, a Estação de Juturnaíba em Silva Jardim (Figura 8), que fazia parte do ramal da Estrada de Ferro Leopoldina, desempenhou um papel estratégico na navegação entre as duas cidades A ferrovia e a navegação proporcionavam, para os produtores da região, o meio de escoar os produtos para os grandes centros, embarcados pelo Rio São João até a Lagoa de Juturnaíba. A Figura 9 apresenta o mapa do trajeto feito entre Cabo Frio e a Estação de Juturnaíba.

Figura 8 - Estação de trem Juturnaíba, em Silva Jardim

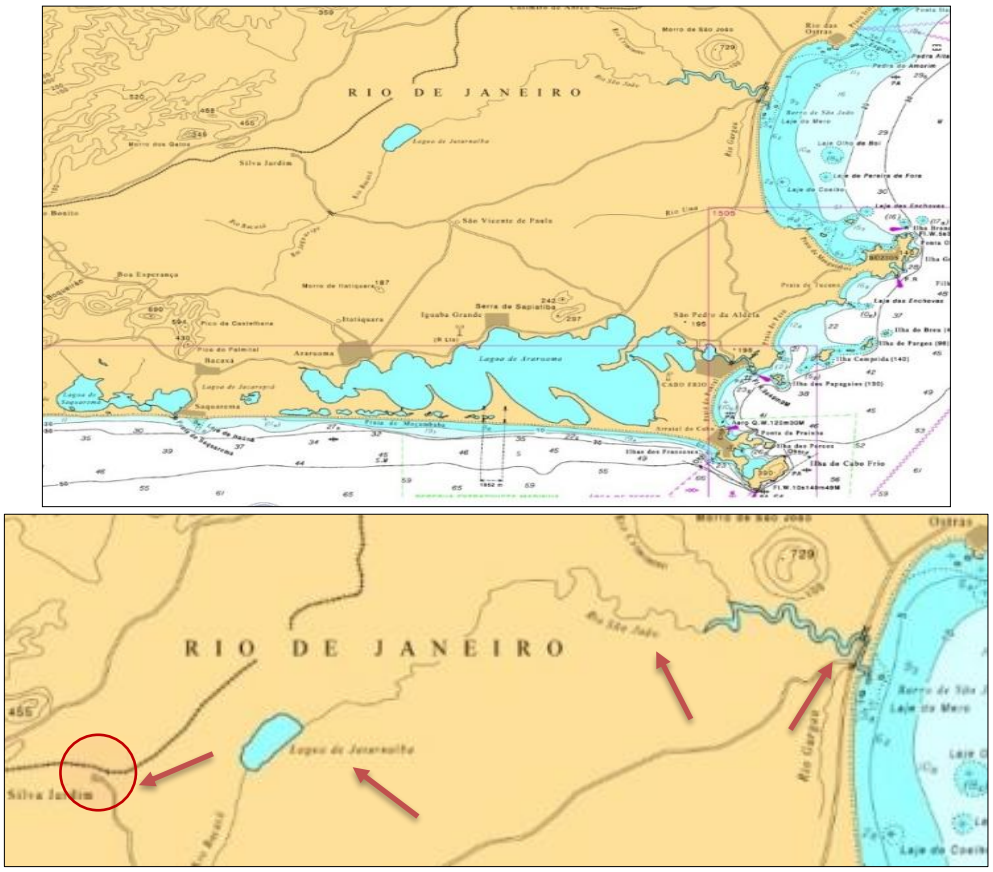


Fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/efl_rj_litoral/juturnaiba.htm

Legenda: A estação de trem de Juturnaíba, em Silva Jardim, fazia a baldeação do trem para os barcos que transportavam produtos entre Silva Jardim e Cabo Frio. Podemos supor que os primeiros filmes exibidos em 1910 possam ter seguido este trajeto.

A Estação Juturnaíba interligava Niterói a Campos dos Goytacazes, que, além de receber produtos importados de Niterói e do Rio de Janeiro, também exportava produtos das regiões vizinhas.

Figura 9 - Lagoa de Juturnaíba – Cartas da Costa Brasileira Cabo de São Tomé ao Rio de Janeiro



Fonte: CENTRO DE HIDROGRAFIA MARINHA, 2024.

Legenda: o mapa descreve a interligação entre as lagoas de Araruama e de Juturnaíba feita pelo rio São João, que era a via navegável que ligava o porto de Cabo Frio à estação de trem de Silva Jardim, levando os produtos e recebendo produtos e serviços. Na figura de baixo, em destaque, a Lagoa de Juturnaíba.

Até 1915, o transporte para Cabo Frio dependia exclusivamente desse sistema. Porém, com a inauguração de uma empresa de navegação que fazia a ligação direta entre a Estação de Iguaba Grande e Cabo Frio, através da Lagoa de Araruama, este se tornou o transporte mais eficiente, conforme depoimento de Massa, entrevistado por Damaceno (2012). “A ampliação da rede ferroviária até Iguaba Grande e a inclusão de embarcações para o transporte na Lagoa de Araruama permitiram que Cabo Frio recebesse os mesmos filmes exibidos em Campos e no Rio de Janeiro.”. Damaceno (2012, p.109) continua:

> A gestão do transporte dos filmes era delegada a um funcionário do Cine Recreio, que buscava as latas de filmes diretamente na estação ferroviária de Iguaba Grande. As embarcações utilizadas, como a lancha Cometa, transportavam os filmes até Cabo Frio, garantindo que a cidade participasse do circuito cinematográfico nacional.

O Relatório Provincial da Assembleia Legislativa Provincial do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO, 1885) constatava que o relatório do ano de 1873 informava que:

> Transitariam pelo ramal ferroviário 2700 toneladas de café, 225 de açúcar e 1450 de diversos outros gêneros como milhos, feijão, farinha etc., e mais 350 pas de

> aguardente. Esses gêneros, que constavam do desenvolvimento da lavoura da região, adicionavam-se à indústria da pesca exercida em grande escala nas lagoas de Araruama, Jaconé e Maricá. Anualmente eram enviados para o mercado de Niterói e da corte, 9600 jacas de peixe pesando 288 toneladas, e a criação de aves com aproximadamente 396 toneladas, além de carvão vegetal e outros produtos (RIO DE JANEIRO, 1873, p. 8).

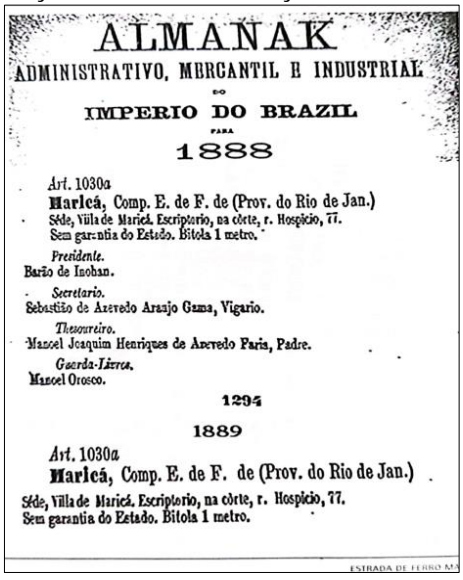
Diante deste contexto, percebemos que a construção de um ramal ferroviário atenderia a demanda de produtos da lavoura, pescado e aguardente que já eram consumidos em Niterói e no Rio de Janeiro.

A implantação de um ramal ferroviário que ligasse Neves, em São Gonçalo, à Baía de Guanabara, até Araruama, na Lagoa de Araruama, tornou-se necessária devido às grandes dificuldades enfrentadas pelos salineiros para escoar seu produto, como citado pelo *Relatório do Ministério da Viação e Obras Públicas* (SÁ, 1910, p. 126):

> Ao lado do sal, a produção de outros artigos pode ser objeto de futura indústria, algumas já iniciadas como as que já existem no município de Araruama, de oito caieiras, cuja produção anual tem sido de 5.000 sacas, não obstante a dificuldade de uma exportação, que tem sido feita, até hoje em cargueiros para São Pedro D'Aldeia, a 18 km, Capivary (Silva Jardim) a 36 km e Rio Bonito, a 48 km de distância, sendo, as duas últimas estações da Estrada de Ferro Leopoldina.

Outra tentativa que viabilizaria a chegada do trem até as margens da Lagoa de Araruama ocorreu a partir do contrato assinado entre França e Brasil. A concessão da Estrada de Ferro Maricá foi formalizada no ano de 1885 (Figura 10), período em que foram assinados, pelo Presidente da Província, os decretos que concediam a concessão aos seus representantes. Em primeiro momento, foi sancionada a Lei nº 2.799, de 17 de novembro de 1885.

Figura 10 - Publicação sobre a construção da estrada de Ferro Maricá



ALMANAK

ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL

DO

IMPERIO DO BRAZIL

PARA

1888

Art. 1030a

Maricá, Comp. E. de F. de (Prov. do Rio de Jan.)

Séde, Villa de Maricá. Escriptorio, na côrte, r. Hospicio, 77.

Sem garantia do Estado. Bitola 1 metro.

Presidente.

Barão de Inohan.

Secretario.

Sebastião de Azevedo Araujo Gama, Vigario.

Thesoureiro.

Manoel Joaquim Henriques de Azevedo Faria, Padre.

Guarda-Livros.

Manoel Orosco.

1294

1889

Art. 1030a

Maricá, Comp. E. de F. de (Prov. do Rio de Jan.)

Séde, Villa de Maricá. Escriptorio, na côrte, r. Hospicio, 77.

Sem garantia do Estado. Bitola 1 metro.

ESTRADA DE FERRO MA

Fonte: Revista Almanak (1888).

Legenda: O Barão de Inoã contribuiu pata que a Estrada de Ferro Maricá alcançasse seu objetivo. Conforme mostrado na Revista Almanak, o Império do Brasil o nomeia presidente da Cia E.F. Maricá, em 1889.

A partir daquele momento, ficaram definidas as condições necessárias para a construção do ramal ferroviário de Maricá. No entanto, foi constituída uma comissão pela sociedade local, com o apoio da oligarquia da região, para desenvolver o projeto de acordo com o investimento necessário para garantir seu êxito. A comissão foi formada em 1887, às vésperas da Proclamação da República, sendo liderada pelo fazendeiro José Antônio Soares Ribeiro, Barão de Inoã, que desempenhou um papel fundamental na viabilização do importante projeto para a Vila de Maricá.

> O Barão de Inoã contava com nomes ilustres como: Barbosa de Oliveira, Caetano Rodrigues, Cesário Alvim, Padre Araujo Gama, Padre Henrique e o Coronel Joaquim Mariano Álvares de Castro, todos membros ativos da comunidade política fluminense, esta comissão idealizadora para construção da ferrovia. Tinha como tarefa que 'os enchia de esperança e orgulho' Cabe ressaltar que toda empreitada de construção da Estrada de Ferro Maricá foi realizada sem dinheiro dos cofres do Império (REVISTA MARICÁ JÁ, 2003, p. 2 e 3).

O Decreto-Lei nº 2.799, de 17 de novembro de 1887, conferiu aos engenheiros José Thomas de Aguiar, Castro Joaquim e José Barrão José a primeira concessão para a construção da Estrada de Ferro Maricá. No entanto, essa concessão foi mais uma ação técnica por parte do governo imperial do que uma formalização feita pela sociedade de Maricá. Para que a obra fosse realizada, foram necessárias mudanças durante a construção da estrada de ferro que ligaria Alcântara à Vila de Maricá. Outras modificações também foram feitas pela Assembleia Legislativa Provincial até que a ferrovia fosse, de fato, construída.

Por outro lado, a Compagnie Générale de Chemins de Fer des Etats Unis du Brésil teve como meta a inauguração de diversas estações de trem ao longo dos trechos entre Nilo Peçanha e a Lagoa de Araruama, abrangendo 64 km. Para que isso se concretizasse, vários processos legais e decretos foram documentados pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, em relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, através do Ministério da Viação e Obras Públicas. Mudanças de donatários ocorreram, incluindo a presença da empresa francesa, que passou a administrar o ramal a partir do prolongamento da ferrovia, conforme descrito no *Relatório do Ministério da Viação e Obras Públicas* (SÁ, 1910, p. 167).

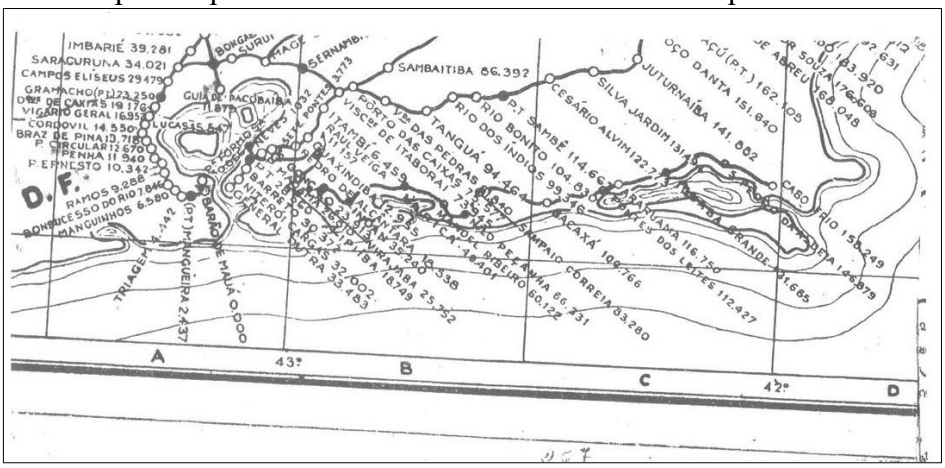
A prosperidade econômica de Cabo Frio possibilitou o desenvolvimento social e cultural da cidade, impulsionado pela organização social que renascia, e também pelas influências dos acontecimentos ocorridos na capital, Rio de Janeiro, e em Campos dos Goytacazes. Essas influências ajudaram a expandir para a região os espetáculos teatrais e

cinematográficos, tendo grupos políticos locais desempenhado um papel importante no processo cultural de Cabo Frio.

O desenvolvimento cultural da cidade teve início com a formação de um grupo de teatro que apresentou a peça “Terra das Macacas”, escrita por Nico Felix, no Cine Teatro Recreio. Antes, as peças eram encenadas apenas em Campos dos Goytacazes e no Rio de Janeiro. Da mesma forma, o cinema chegou por meio dos grupos políticos Liras e Jagunços – como será descrito mais adiante, quando o teatro e o cinema passaram a constituir as principais formas de entretenimento da cidade a partir de 1910.

Os equipamentos e filmes chegavam a Cabo Frio por meio dos sistemas de transporte ferroviário e hidroviário para serem exibidos no Cine Recreio. Antes de 1915, a empresa responsável pela distribuição de filmes utilizava o ramal ferroviário da Estrada de Ferro Leopoldina, que interligava Niterói a Campos dos Goytacazes. A Figura 11 apresenta o Mapa Croqui dos Ramais da Estrada de Ferro Leopoldina; a linha tracejada com os pequenos círculos na parte superior representa a linha férrea e suas respectivas estações, que faziam a ligação de Niterói a Campos dos Goytacazes. Na Estação de Juturnaíba, em Silva Jardim, os filmes e equipamentos eram transferidos para uma barcaça que seguia pelo Rio São João até Cabo Frio. Era dessa forma que possivelmente as películas e os aparelhos cinematográficos chegavam à cidade, considerando que esse era o principal meio de transporte de cargas e passageiros na época.

Figura 11 - Mapa Croqui dos Ramais da “Estrada de Ferro Leopoldina e E.F. Maricá”



Fonte: Acervo do autor.

Legenda: O croqui foi doado pelo ferroviário Sid Magioli durante um trabalho de campo da presente pesquisa. Posteriormente, foi transposto para uma prancheta de desenho, o que resultou na figura apresentada com baixa qualidade.

A partir de 1915, com a inauguração do ramal ferroviário da Estrada de Ferro Maricá, que ligava o Distrito de Neves (em São Gonçalo) à Vila de Iguaba Grande (em São Pedro da Aldeia), a situação mudou. No mapa da Figura 11, a linha tracejada com os pequenos círculos na parte inferior representa a linha férrea e suas respectivas estações, ligando Neves a Iguaba Grande. Havia também um ancoradouro para as barcaças na Lagoa de Araruama que faziam o transporte de passageiros e pequenas bagagens com destino para Cabo Frio. Nessa época, foi inaugurada uma empresa de navegação que estabeleceu a ligação entre Cabo Frio e Iguaba Grande, via Lagoa de Araruama. A Figura 12 mostra o ancoradouro no Canal Itajuru, em Cabo Frio, por volta de 1915.

Figura 12 - Ancoradouro no Canal Itajuru, meados de 1915



Fonte: A. M. Souza (1915). Arquivo Wolney

A necessidade de escoar a produção local, especialmente de sal, foi um fator determinante para o prolongamento da Estrada de Ferro Maricá até a Lagoa de Araruama. O relatório do Ministério de Viação e Obras Públicas estimou uma produção anual de 35 toneladas de sal nos municípios de Cabo Frio, São Pedro da Aldeia e Araruama. A Tabela 2 apresenta uma planilha de Alcoforado (1936, p. 94), adaptada pelo autor, onde são apresentados dados sobre a extensão por hectare das salinas de Cabo Frio, por proprietário, e as respectivas produções em sacos de sal.

Entre 1930 e 1935, as planilhas de produção das salinas elaboradas por Alcoforado (1936, p. 94) indicam um crescimento contínuo da indústria salineira na região. Em 1930, por

exemplo, Cabo Frio, São Pedro da Aldeia e Araruama exportaram um total de 962.843 sacos de 70 kg de sal, o que gerou uma arrecadação significativa de impostos federais, estaduais e municipais. O salineiro Florismundo Baptista Machado, proprietário da salina São Salvador, com uma área de 6 hectares e uma produção de 11 mil sacos, foi o responsável pela construção da primeira sala de cinema em Cabo Frio, conforme registrado em diversos documentos cartoriais e relatos de livros. Além disso, o ex-proprietário do Cinema Recreio, Paulo Henrique, conhecido como Paul, mencionou em sua entrevista, descrita na Seção 4 e Apêndice 1, que o alvará do Cine Recreio foi o terceiro registrado na junta comercial da cidade.

Tabela 2 - Informações sobre salinas e seus proprietários de Cabo Frio

Item	Salina	Proprietário	Área (hectare)	Sacos
3	Acahyra	Domingos João Gago	12	700
30	Ponta do Costa	Lindenberg& Cia	70	49.700
31	Perynas	Cia Salinas Perynas	198	124.300
38	Santa Cruz	Berenger & Soares	-	800
39	São Luiz	Luiz da Silva Gago	10	5.000
40	S. Salvador	Florismundo Baptista Machado	6	11.000
41	S. José	João Silva	6	600

Fonte: Adaptada de Alcoforado (1936, p. 94).

A Ferrovia Maricá e sua expansão até a estação de Araruama ocorreram em dezembro de 1913. Já a estação terminal de Iguaba Grande, conforme citado no livro *Estrada de Ferro Maricá* (PIMENTEL, 2016), foi inaugurada em dezembro de 1914 (Figura 13). No entanto, foi somente em 1915 que as empresas de navegação começaram a realizar o trajeto entre Iguaba Grande e Cabo Frio. Esse marco foi fundamental para o desenvolvimento econômico, social e cultural da região.

Através de documentos oficiais e relatórios históricos, é possível traçar o percurso dessa ferrovia, desde sua concepção até seu impacto nas atividades comerciais e na vida cotidiana das comunidades locais.

Figura 13 - Inauguração da Estação Ferroviária de Iguaba Grande



Fonte: Malta (1914).

Legenda: A Estação Ferroviária terminal de Iguaba Grande foi inaugurada em 11 de dezembro de 1914, destacando-se como um marco para a indústria salineira, o transporte de produtos das lavouras e a chegada dos filmes para o Cine Recreio.

A transferência de novos donatários da Estrada de Ferro Maricá foi registrada em documento contratual entre o governo do Brasil e o governo da França, assinado em um banco internacional em Londres, em 5 de março de 1910. Tais fatos históricos estão documentados pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Exemplo disso é o Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil sob a pasta da Viação e Obras Públicas (1910, p. 167):

> O prolongamento da Estrada de Ferro de Maricá de Nilo Peçanha a Iguaba Grande com um desenvolvimento de 64 km, além da estação terminal de Iguaba Grande, está sendo construído por conta da União, com entrada de arrendamento, de conformidade com a autorização constante do decreto nº 7942 de 7 de abril de 1910 pela Compagnie Generale de Chemins de Fer dês Etats Unis du Bresil a quem por transferências sucessivas cabe hoje o gozo da respectiva concessão.

Pode-se perceber que o crescimento da cidade de Cabo Frio ocorreu de forma paralela e conjunta com a ferrovia, que representava o principal meio de transporte da indústria salineira. Além disso, a ferrovia contribuiu significativamente para o desenvolvimento das comunicações, oferecendo aos produtores rurais maior acesso e fluidez na recepção de jornais e revistas da capital, bem como no envio de latas de filmes para exibição no Cine Recreio.[3]

[3] Conforme será abordado na Seção 3, os filmes eram retirados na estação de trem de Neves, em São Gonçalo, e transportados até a estação de trem de Iguaba Grande.

A indústria salineira teve um desempenho significativo com o auxílio do transporte ferroviário a pleno vapor, o que permitiu que os municípios se tornassem os principais produtores de sal, cal e pescado do estado do Rio de Janeiro. O sal produzido em Cabo Frio, São Pedro da Aldeia e Araruama era exportado para a Zona da Mata, em Minas Gerais, e para Anápolis, em Goiás, além de outras cidades. A Figura 14 mostra o carregamento de sal no ancoradouro de Araruama, enquanto a Tabela 3 apresenta os produtos e impostos arrecadados na moeda corrente, no estado do Rio de Janeiro em 1917.

Figura 14 - Carregamento de sal no porto de Araruama



Fonte: s/ autor (1915).

Tabela 3 - Produtos e impostos arrecadados no estado do Rio de Janeiro em 1917

Mensagem Presidencial: Venceslau Bráz
Exercício de 1917 PG.76
Imposto de Importação para consumo
Renda de Impostos de consumo de janeiro a dezembro de 1916 e 1915

		1916		**1915**	
Artigos	**Unidade**	**Quantidade**	**Impostos Arrecadados (Réis)**	**Quantidade**	**Impostos Arrecadados (Réis)**
Ovos	Quilo	11.487.789	59.512$848	9.370.704	46391$005
Fósforos	Lata	184.224	55:267$149	113.123	43:926$010
Queijo	Quilo	643.030	16:892$16	534.595	15:347$343
Sal	Quilo	1.047.120	104:712$040	1.603.323	120:352$330

Fonte: Adaptado de Mensagem (1917, p. 76) - Ministério da Viação e Obras Públicas

No início do cinema em Cabo Frio, o proprietário do Cine Recreio encarregava um empregado de buscar os filmes na estação de trem de Neves, em São Gonçalo. Quando o trem

chegava à estação de Iguaba Grande, os filmes eram transportados de lancha, sendo a Lancha Cometa a principal embarcação responsável por esse trajeto até Cabo Frio.[4]

No censo de 1920, a população de Cabo Frio era de 15 mil habitantes, sendo 5.677 homens e 8.328 mulheres, entre os quais havia 224 homens estrangeiros e 83 mulheres estrangeiras. Do total, 3.071 sabiam ler, enquanto o restante era analfabeto. A cidade contava com 4.324 pessoas residindo em 833 casas. O comércio era regular, com quatro casas exportadoras de sal, das quais duas também atuavam no comércio atacadista, além de 36 lojas de varejo. O município possuía 50 salinas, seis grandes caieiras, uma fábrica de produtos químicos, uma usina elétrica, um "Cinema-Teatro" (Figura 15), três estaleiros de construção naval, quatro igrejas católicas e duas protestantes, um hospital de caridade moderno, um grupo escolar com capacidade para 800 alunos, uma cadeia moderna, um posto meteorológico, duas farmácias, um colégio secundário, duas coletorias, correios e telégrafos, dois hotéis, restaurantes, cafés, bilhares, clubes de diversões, entre outros (RELATÓRIO PROVINCIAL, 1920, p. 28).

Figura 15 - Imagem do "Cinema-Teatro" que consta no censo de 1920



Fonte: Anônimo, s.d. – Leilão Eletrônico Edição: Cabo Frio dos Tempos de Outrora.
Legenda: A construção mais clara à direita do templo, é o prédio erguido (e já extinto) para comemorar o tricentenário de Cabo Frio, em 1915, denominado Império do Divino Espírito Santo. Ao lado deste, mais escuro, ficava o antigo cinema da cidade: o Cine Recreio.

A Figura 16 apresenta uma página de uma revista da época, demonstrando a vida na cidade em 1919, enquanto a Figura 17 exibe uma foto de comerciantes no mesmo ano. A Figura

[4] Os serviços prestados pela Estrada de Ferro Leopoldina e pela companhia de navegação entre 1910 e 1915, assim como os da Estrada de Ferro Maricá nos anos subsequentes, foram de fundamental importância para a instalação do cinema em Cabo Frio no início do século XX.

18 apresenta uma foto da antiga Ponte de Ferro Miguel de Carvalho, cartão postal da cidade, construída em estrutura de ferro por operários espanhóis. Essa antiga ponte desabou em 1920, durante as obras de manutenção. A Figura 19 apresenta uma foto da construção da atual Ponte Feliciano Sodré, inaugurada em 1926.

Figura 16 - Revista da época demonstra como era a vida da cidade de Cabo Frio



CIDADES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO 921

Julio Pereira da Rosa — Cidade.
Manoel Jandre — Cidade.
Antonio Pereira R. Junior — S. José do Ribeirão.
Lucas Sabino — S. José do Ribeirão.
Pedro Hugo Fell — Banquete.
Camillo Schueller Jaccoud — Barra Alegre.
FARMACIAS:
Carlos Sá Rocha — Cidade.
Felix Feliciano Pinto — Cidade.
João Rodrigues Gomes — Cidade.
L. M. Pentes & Cia. — Cidade.
Manoel Rodrigues de Oliveira — Cidade.
Antonio Carriello — S. José do Ribeirão.
Tenda Correia da Rocha — Banquete.
HOTEIS E PENSÕES:
Manoel Feliciano Pinto — Cidade.
Manoel Alves da Costa — Cidade.
IMPRENSA:
O Liberal.
OFICINA MECANICA:
João Figueira Rodrigues — Cidade.
PADARIAS E CONFEITARIAS:
Carvalho & Irmão — Cidade.
Francisco Caetano Carriello — Cidade.
Oswaldo Serrano — Cidade.
Domingos Carriello — S. José do Ribeirão.
Sebastião Santos — S. José do Ribeirão.
RELOJOARIAS E OURIVESARIAS:
Darii Bienhat — S. José do Ribeirão.
SERRARIAS:
Julio Menneras — Cidade.
TIPOGRAFIAS:
Antonio Carvalho — Cidade.
Ibrain Carvalho Mansur — Cidade.
O Liberal — Cidade.

CABO FRIO

AÇOUGUES:
Flavio da Silva Porto.
Francisco Pereira de Souza.
AGRICULTORES E LAVRADORES:
Evaristo Hosold — Fazenda de Campos Novos.
Alberto Francisco da Silva.
Jonas Antunes Fernandes.
Leocadio Brasilio de Carvalho.
Guilhermina Pereira Brasil.
ALFAIATARIAS:
Sadanki Amagati.
Saturnino Xavier.
ARMADORES DE NAVIOS:
Souza Mattos & Cia.
Berenger & Cia.
Pring & Cia.
Pereira Bastos & Cia.
A. M. A. Silva & Cia.
ARMARINHO E FAZENDAS:
André da Costa Simas.
Berenger & Cia.
Dumião Costa.
Elias Miguel.
Ayub Jess.
Farah Irmão & Cia.
Gonçalves e Silva.
João Simão & Filho.
Jorge Elias Farah.
José Simas Filho.
M. Y. Costa.
Sarah Kapes.
AUTOMOVEIS E ACESSORIOS:
Companhia Industrial de Cabo Frio.
BOMBEIRO E FUNILEIRO:
Cyprian José de Andrade.
CAFÉS E BARS:
Alexis Pinto Navellino.
Alice Torres.
Antonio Bastos.
Benifacio Valente de Carvalho.
Eugenio Rosa (Com Bilhares).
J. Oliveira.
José Bastos (Com Bilhares).
Manoel Vitorino Carriço (Com Bilhares).
Othenil Leite.
A. Guimarães.
CAL:
Berenger & Cia.
Joaquim Jorge de Souza.
Pereira Bastos & Cia.
Pring & Cia.
Souza Mattos & Cia.
CARPINTARIAS:
Agrigio Marques.
João Baptista Pereira.
CINEMA:
Arary Costa Machado.
CERAMICAS:
Antonio Luis do Fonseca.
Theodoro Mesq. da Silveira.
CONSERVAÇÃO DE PEIXE:
A. Mesquita.
ELETRICIDADE:
Companhia Industrial de Cabo Frio.
ESTALEIROS:
José Augusto Saraiva.
Souza Mattos & Cia.
Berenger & Cia.
FARMACIAS:
Alfredo Luiz Santa Rosa.
Annibal do Valle & Cia.
FERRAGENS, TINTAS E LOUÇAS:
Avelino Porfirio Guimarães.
Antonio Gomes Novaral.
Berenger & Cia.
Damião Costa.
Pereira Bastos & Cia.
GELO (Fabrica de):
A. Mesquita.
HOTEIS:
J. Torres.
Francisco Pereira de Souza.
LOTERIAS:
José Cupertino Sant'Anna.
OFICINAS MECANICAS:
A. Mendes & Irmão.
José Pereira de Carvalho.
PADARIAS:
Alcebiades Pereira da Silva.
Henrique Tastes.
J. Marab & Cia.
Pereira Loyola & Cia.
Avelino G. dos Santos.
RELIGIÃO:
Templos:
Igreja Matriz de N. S. da Assumpção.
SAL (Exportadores de):
Berenger & Cia.
Taboada & Cia.
Souza Mattos & Cia.
Pereira Bastos & Cia.
Pring & Cia.
Cia. Industrial Perinas.
SALINEIROS:
Cia. Salinas Peninas.
Pereira Bastos & Cia.
Souza Mattos & Cia.
Lindemberg & Cia.
Joaquim Alves Nogueira da Silva.
Carlos Palmer.
Dr. Julio Mercendes do Amaral.
D. Rosa de Sousa Grego.
Ramos e Cavamaura.
Francisco Nunes.
Augusto de Magalhães Bastos.
Berenger & Cia.
Vieira Berenger & Filho.
Fortunato Baptista Machado.
João Ferreira Christovam.
Luiz Benjamin Lindemberg & Barbalho.
Cunha & Soveral.
Dr. Luiz de Souza Gago.
Domingos João Gago.
SECOS E MOLHADOS:
Avelino Porfirio Guimarães.
Adeodato Macedo da Silva.
Albano Francisco da Silva.
Alcides da Silva Porto.
Alvaro de Almeida.
Alvim Macedo.
Anatolio Borges Teixeira.
America Lopes.
Amphiloquio Antunes Fernandes.
Anselmo Cantuaria.
Antonio Costa.
Antonio Feliciano de Almeida.
Antonio Ferreira dos Santos.
Augusto Gomes Soveral.
Antonio Sacramento.
Aristides Ferreira dos Santos.
Aristides Freire.
Aristides Julio da Conceição.
Attindo Barbosa Guimarães.
Augusto Franceschi.
Azevedo & Cia.
Berenger & Cia.
Bernardino Mendes.
Braulio Carvalho de Souza.
Candido Fabrete.
Cecilano Marques de Macedo.
Celeste Ferreira.
Companhia Salina Perinas.
Corneilo de Azevedo Penela.
Correia & Cia.
Correia & Simas.
Carvello & Irmão.
Damião Costa.
Delfina Vargas Berenger.
Domingos Sousa.
Durval & Carlos.
Elias Joaquim.
Ernesto Macedo.
Eugenio de Oliveira Simões.
Eugenio Reis.
Eurico Mathias Filho.
Evaristo Francisco dos Santos Netto.
Evaristo Floriano Pimentel.
Ferreira & Santos.
Flavio da Silva Pinto.
Fortunato Francisco de Faria.
Francisco Luis de Silveira.
Francisco Vieira de Araujo.
Gentil Garcia Porto.
Gonçalves e Silva.
Gonçalves & Sousa.
Henrique Carvalho.
Irineu Gonçalves dos Santos.
J. Marab & Cia.
Jonas Antunes Fernandes.
João Antonio Sampaio.
João Correia Camargo.
João Simão da Rosita.
João Vieira de Macedo.
Joaquim Alves de Miranda.
Joaquim Felix de Andrade.
Joaquim José Vieira.
Joaquim Luis da Silva.
Joaquim Martins Filho.
Joaquim Moreira dos Santos.
Joaquim Quitanilha.
Jocelino Martins de Sousa.

Fonte: RIO DE JANEIRO, 1920. Hemeroteca da Biblioteca Nacional – Revista das cidades do Estado do Rio de Janeiro, p. 921

Figura 17 - Principais Comerciantes de Cabo Frio em 1919



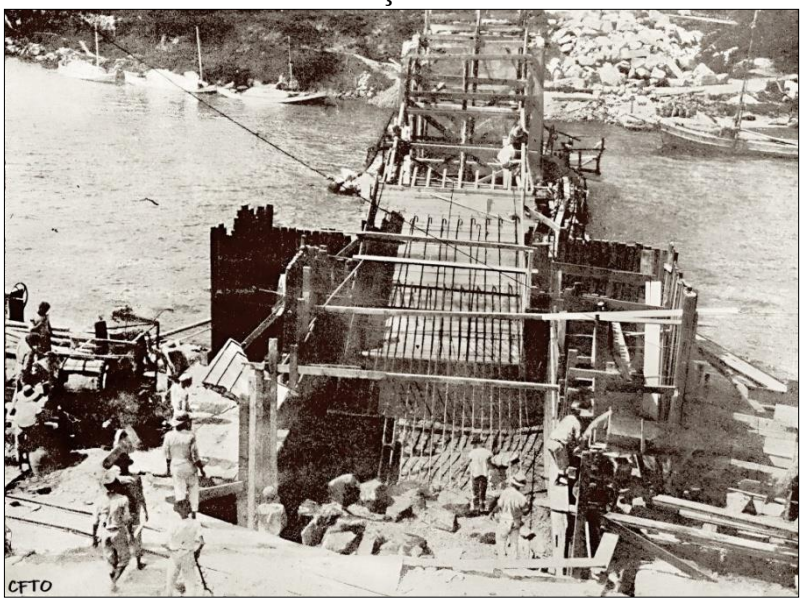
Fonte: Anônimo - Foto dos Comerciantes Cabo-frienses em 1919.

Figura 18 - Antiga Ponte de Ferro Miguel de Carvalho de Cabo Frio



Fonte: Cartão Postal. Edição: Cabo Frio dos Tempos de Outrora.

Figura 19 - Foto da obra de construção da Ponte Feliciano Sodré em 1925



Fonte: Acervo BN Digital, c 1925. Edição: Cabo Frio dos Tempos de Outrora

Legenda: Cinco anos após o desabamento da antiga ponte de ferro Miguel de Carvalho, em 1920, durante uma obra de manutenção, iniciou-se, em setembro de 1925, um novo projeto, de autoria dos engenheiros Fellipe dos Santos Reis e Lino Collet, para a construção de uma nova ponte, em concreto armado, executada pela firma Christiani &Nielsen. A imagem na tela mostra a Ponte Feliciano Sodré ainda em construção, vista a partir do Morro do Telégrafo.

O comércio em Cabo Frio se desenvolveu nesse período, com a indústria salineira no auge de sua produção voltada para o mercado nacional. Alcoforado (1936) foi responsável pelo levantamento estatístico de Cabo Frio em 1920, sob a coordenação do Departamento de Estatística e Publicidade da Secretaria dos Negócios do Trabalho. A produção salineira era o principal indicador econômico do estado do Rio de Janeiro, evidenciando a importância de Cabo Frio na década de 1920.

A luz em Cabo Frio no início do século XX era muito precária a toda a população, conforme descreve Abel F. Béranger. Primitivamente, os habitantes faziam uso de luz do querosene. A iluminação pública, consistia em postes com lampiões nas principais ruas da cidade. Em 1918, o francês Alberto Mazur inaugura a luz elétrica com motor a carvão (gasogênio) e depois, em 1932, pela Companhia Industrial de Cabo Frio sob a gerência do Sr. José Paes de Abreu.

A conjuntura dos acontecimentos no início do século XX conduziu Cabo Frio a se transformar em uma cidade em processo de desenvolvimento industrial, comercial e cultural. Foi a partir dessa época que ocorreram investimentos em várias frentes de negócios e um *boom* de transformações culturais em todo o país, especialmente no Rio de Janeiro, capital federal na época. O Cine Recreio fez parte desse desenvolvimento, entre 1910 e 1917, contribuindo para o crescimento da atividade cinematográfica da cidade, tema central deste trabalho de pesquisa.

3 O PAPEL TRANSFORMADOR DO CINEMA RECREIO NA CULTURA E POLÍTICA DE CABO FRIO (1910-1917)

Cabo Frio entre os anos de 1910 e 1917 é marcado por um período de transformação política, social e cultural. Esta seção busca compreender os fatores que possibilitaram a criação da primeira sala de cinema na cidade, o Cine Recreio[5], e sua relevância para a comunidade local. Ao analisar aspectos sociais, econômicos e políticos, é possível traçar um panorama desse marco histórico cinematográfico no processo de construção do cinema em Cabo Frio. O Termo de Aforamento do terreno, por meio do qual o Poder Legislativo da cidade concede o espaço para a construção do cinematógrafo consta no Anexo1.

3.1 A chegada do cinema em Cabo Frio em 1910

Na década de 1960, a ideia de assistir a filmes em uma sala de cinema trazia à memória o tempo em que frequentávamos as matinês de domingo nos cinemas de rua dos nossos bairros, um momento especial. Inicialmente, víamos a informação no certificado de censura liberando o filme, seguida pelo cinejornal do Canal 100, um seriado e, finalmente, a apresentação do filme principal. Neste momento, apareciam na tela a estátua da Columbia Pictures ou o leão da MGM (Metro-Goldwyn-Mayer), ou ainda a águia da RKO (Radio Pictures), que eram as principais distribuidoras de filmes americanos da época.

A música "Cinema Olympia", composta por Caetano Veloso e interpretada por Gal Costa em 1969, remete à experiência sensorial e afetiva das sessões de cinema nas salas de rua durante o século XX. Nela, o compositor baiano expressa sua admiração pelo cinema como fenômeno cultural e social, e manifesta o desejo de reviver esse espaço coletivo de fruição artística: *"Quero um lugar pra mim e pra você / na matinê do cinema Olympia"* (VELOSO, 1969).

O Cinema Olympia, fundado em 1915, foi o segundo mais antigo da cidade de Salvador. De acordo com Couto (2021), em sua página digital "Memórias de Salvador", o Olympia localizava-se na Baixa do Sapateiro e era um dos principais pontos de encontro popular da cidade. O cinema era conhecido por suas matinês, que começavam por volta das

[5] Segundo o dicionário, "recreio" é algo que serve para divertir; uma brincadeira, divertimento ou folguedo. Também pode ser um trajeto de certa extensão percorrido com exercício ou lazer, um passeio. O termo também pode se referir a um lugar próprio para se recrear. De acordo com o Dicionário Houaiss, "recreio" pode ser a forma conjugada da primeira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "recrear", ou, como substantivo masculino, significa passatempo, divertimento, prazer, deleite, ou ainda um lugar ameno e agradável.

12h30 ou 13h, devido à grande quantidade de filmes exibidos em sequência. Essas sessões tornaram-se célebres pela intensa participação do público, cujos gritos e aplausos podiam ser ouvidos do lado de fora da sala. Segundo o autor, *"a barulheira que vinha de dentro chegava a incomodar quem passava lá fora — era uma gritaria infernal"* (COUTO, 2021, s.p.).

A programação do Olympia era predominantemente composta por filmes de faroeste e mistério, gêneros que fomentavam a identificação emocional do público com os protagonistas. O público, muitas vezes oriundo das classes populares, reagia de forma efusiva às cenas, torcendo com entusiasmo pelos heróis ou heroínas da narrativa. Essa relação direta e espontânea com o filme fazia do cinema de rua um espaço de sociabilidade e de expressão cultural.

Um elemento marcante na canção de Caetano é a menção à "geral", setor mais barato do cinema, localizado no último andar da sala de exibição. Os chamados "Geral-Quero" eram frequentados por um público diverso, composto por pessoas de diferentes classes sociais, estilos de vida e ideologias. Nesse sentido, o cinema tornava-se também um espaço de convivência democrática, em que os limites sociais se diluíam diante da experiência cinematográfica compartilhada.

A canção de Veloso (1969) sintetiza essa atmosfera ao afirmar:

> Não quero mais essas tardes mornais, normais.
> Não quero mais vídeo tape, mormaço, março, abril.
> Eu quero pulgas mil na geral.
> Eu quero a geral.
> Eu quero ouvir gargalhada geral.
> Quero um lugar pra mim e pra você na matinê do cinema Olympia.

O trecho não apenas invoca a memória coletiva associada ao cinema de rua, mas também critica a homogeneização das formas de consumo audiovisual contemporâneas, como o vídeo tape e a televisão. A letra é uma reivindicação nostálgica de um espaço de encontro, emoção e pertencimento social, o que reforça a importância da sala de cinema como lugar simbólico de construção de identidades e memórias urbanas.

Esse sentimento de assistir filmes estendeu-se por quase todo o século XX. Jean-Claude Bernardet é um importante teórico do cinema no Brasil. Em seu livro *O que é cinema* (1986), o autor descreve a sétima arte como um complexo ritual que envolve diversos elementos, desde o gosto pelo espetáculo até a publicidade, a produção e a distribuição de filmes, a exibição nas salas de cinema e a experiência dos espectadores. Ele questiona: "Que máquina é essa que nos leva a gostar ou não de determinada história? Cinema sempre foi assim? Cinema só pode ser assim?" (BERNARDET, 1986). Neste trabalho, sua obra é utilizada para contextualizar o cinema como uma experiência multifacetada.

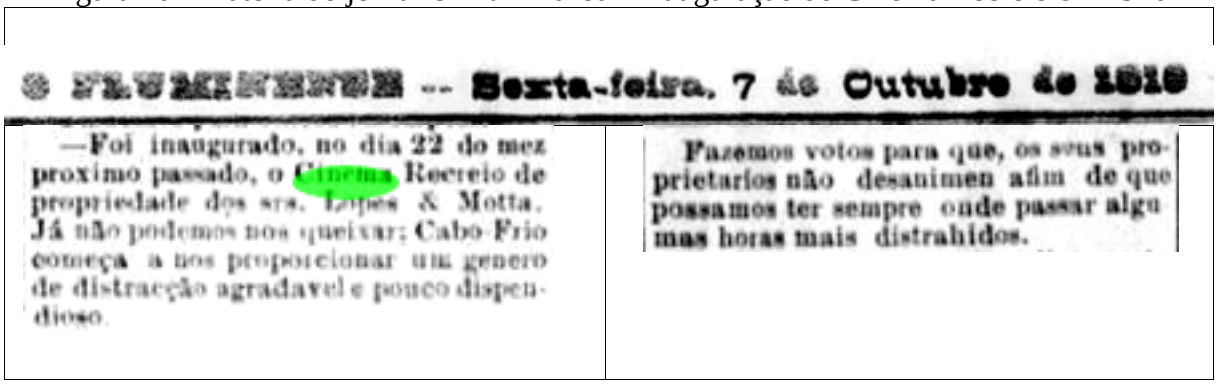
Esta contextualização imaginária sobre assistir a filmes conduz à análise da chegada do cinema em Cabo Frio, em 1910. Consideram-se dois fatores que contribuíram para a instalação do Cine Recreio na cidade: o fator econômico, relacionado à produção de sal, e o fator político, liderado por dois grupos políticos Jagunços e Liras, que definiu o local para a instalação do cinema.

O Cine Recreio possivelmente teve sua data de estreia em 1910, conforme uma matéria publicada no jornal *O Fluminense*, edição 7866, de 7 de outubro de 1910 (Figura 20). Na coluna do jornal intitulada "Pelo Interior – Cabo Frio", sem assinatura do correspondente, a nota descreve a inauguração do Cine Recreio:

> Foi inaugurado o cinema Recreio de propriedade dos Srs Lopes e Motta. Já não podemos mais queixar, Cabo Frio começa a nos proporcionar um gênero de distração agradável e pouco dispendioso. Fazemos votos para que, os seus proprietários não desanimem a fim de que possamos ter sempre onde passar algumas horas mais distraídas (INAUGURAÇÃO…, 1910, p. 2).

Não podemos afirmar que tal inauguração tenha sido a primeira exibição de filmes em Cabo Frio, inclusive porque já existiam exibições nas cidades vizinhas de Macaé e Campos dos Goytacazes, como noticiado em jornais da época. No entanto, esse registro é de importância documental, indicando a inauguração do Cine Recreio na cidade.

Figura 20 - Matéria do jornal *O Fluminense* - Inauguração do Cinema Recreio em 1910



—Foi inaugurado, no dia 22 do mez proximo passado, o Cinema Recreio de propriedade dos srs. Lopes & Motta. Já não podemos nos queixar; Cabo-Frio começa a nos proporcionar um genero de distracção agradavel e pouco dispendioso.

Fazemos votos para que, os seus proprietarios não desanimem afim de que possamos ter sempre onde passar algumas horas mais distrahidos.

Fonte: *O Fluminense* (1910, p. 2).

Antonio Azevedo, conhecido como Nico Felix, foi o idealizador do Clube Dramático Internacional, o primeiro grupo teatral de Cabo Frio, que estava ligado à Euterpe e cobrava ingressos do público para apresentações de peças e poesias. Assim como na participação cultural, que envolvia as bandas de música rivais, Lira Lusa Brasileira (Liras) e Euterpe Cabo-Frienses (Jagunços), as forças políticas oligárquicas por trás dessas ações também competiam para trazer a melhor companhia teatral à cidade.

Quando uma apresentação mais onerosa era organizada, em que se tornava necessário unir as duas facções, a plateia precisava ser dividida para evitar conflitos acirrados. Essas disputas de tendências políticas no teatro eram resolvidas através do corredor central, com as alas das cadeiras no cinema sendo organizadas da mesma forma.

Segundo Porfírio Soares Netto (1918), a história dos Jagunços e Liras, durante as duas primeiras décadas de 1900, causou transtornos à população devido às disputas políticas territoriais, que ocorreram em razão da não participação dos órgãos representativos governamentais. O autor descreve:

> Outro não menos curioso é o espírito de facção. Tempos houve em que se formaram partidos até sobre bandas de música: uma a da Lyra Luso Brazileira e outra, a Euterpe Cabo-Friense (Jagunços). A primeira ocupou, com os seus admiradores e associados, a parte da cidade que vae do largo da Assumpção até a Barra; a segunda, a que começando do mesmo ponto acaba no Morro da Guia. Separaram-se bairros, populações e até o comércio. Eram duas cidades rivais.
>
> Um Lyra não se arriscava, sem maior necessidade, a entrar no bairro Jagunço e vice-versa. Dessas divergências saíram conflitos sérios em que correu sangue e incendiaram-se casas. Lavrou neste tempo a luta entre o Dr. Alfredo Backer e a Vice-Presidência da República, de maneira que as sociedades musicais filiaram-se pôr fim aos partidos políticos. Hoje, porém, apesar dos ressentimentos antigos, as antigas famílias Lyras e Jagunças já se começam a aproximar e dentro em breve estarão no seio de Abrahão.
>
> Parece que o velho espírito de discórdia religiosa, trazido pelos Calvinistas, deixou aí uma semente perdida qualquer, porque esta é a única pequena cidade brasileira do interior, onde se observa um grupo regular de protestantes. Isto aliás deve ser atribuído, em grande parte, a falta de tino das autoridades eclesiásticas, que não cuidaram em tempo oportuno de agir como deviam (NETTO, 1918).[6]

A chegada do cinema em Cabo Frio não ocorreu isoladamente, mas sim como parte de um movimento mais amplo de disseminação do Cinema pelo Brasil. No início do século XX, o cinema estava em ascensão como uma nova forma de arte e entretenimento, e sua introdução em cidades interioranas como Cabo Frio refletia os avanços culturais da época.

3.2 Três momentos que marcaram a instalação do Cinema Recreio em Cabo Frio

A instalação do Cine Recreio em Cabo Frio pode ser dividida em três momentos significativos que marcaram a história do cinema na cidade. O primeiro momento compreendeu a sua inauguração, em 1910, e as primeiras exibições de filmes, estabelecendo o Cine Recreio como um marco de entretenimento na cidade. Nesse período inicial, os filmes e equipamentos

[6] Porfírio Soares Netto escreveu artigos em 1918 sobre acontecimentos ocorridos em Cabo Frio no início do século XX. É possível que tenha sido colunista e correspondente para jornais das cidades de Niterói e Rio de Janeiro, como foi o caso do jornal *O Fluminense*, de 1910, cuja coluna não era assinada, e que fez referência à inauguração do Cine Recreio.

cinematográficos eram trazidos do Rio de Janeiro por meio da Estrada de Ferro Leopoldina até a estação de Juturnaíba e, de lá, seguiam de barco até Cabo Frio, enfrentando os desafios da distância na época. O segundo momento ocorreu em 1915, com a comemoração do Tri centenário de Fundação de Cabo Frio, quando os festejos coincidiram com uma série de atividades políticas, culturais e esportivas. Por último, o terceiro momento, que tem início em 1917, marcou uma significativa modernização do Cine Recreio, com a inauguração de uma sala de cinema com novos recursos, oferecendo melhores estruturas e acomodações ao público. Esse período também foi notável pela mudança de administração, com a transferência do cinema para um novo proprietário, que trouxe novas perspectivas e investimentos para o estabelecimento.

No primeiro momento, em 1910, o Cine Recreio foi instalado em uma sala adaptada para a projeção de filmes e apresentações culturais. O cronista Antonio Terra (2003) menciona que a tela era um lençol colocado na parede e a iluminação era feita com luz de carbureto. Quanto às primeiras exibições, o autor narra que o cinema era coberto por folhas de zinco, e quando um menino não conseguia entrar de carona, jogava pedras no telhado, fazendo um grande barulho até que uma autoridade aparecesse para afastá-lo.

Meri Damaceno (2012), em seu livro *Guardas da Memória Cabo Frio*, cita Hilton Massa, que informa que o primeiro cinematógrafo da cidade foi de Luís Motta conforme, descrito no jornal *O Fluminense* (1910, p. 2). Em seguida, o cinema foi assumido pelo Sr. Mário Sales, um homem dinâmico que, devido aos seus inúmeros afazeres, passou o cinema para o empresário Florismundo Machado, que morava em Campos dos Goytacazes. Chegando à cidade, ele viu oportunidades de negócios e, posteriormente, se tornou proprietário da salina São Salvador (TERRA, 2003, p. 29).

O primeiro filme exibido foi sobre um macaco descascando uma banana. Quando o filme terminou, aplaudiram muito, mas, no dia seguinte, comentava-se na bica de água, em frente à farmácia de Zé do Valle: “Quem é o macaco? Ele é parecido com Lira ou Jagunço?” Para evitar conflitos, o temido delegado Juca Macedo interveio e pôs fim aos comentários. Damaceno (2012) registra esse momento de forma historiográfica, por meio da oralidade de Hilton Massa, destacando a importância do Cine Recreio para a comunidade local e seu papel na formação de gerações de espectadores por meio do cinema de rua. A narrativa dos filmes assistidos, contada de pessoa a pessoa, manteve viva a memória desse marco cultural na história de Cabo Frio.

Damaceno (2012) também cita Hilton Massa, que relata um depoimento sobre o Sr. Manoel Lopes da Guia, conhecido como “O Pacificador”. Manoel foi um líder equilibrado, do

grupo político dos Jagunços, e teve um tempo significativo à frente da Câmara dos Vereadores de Cabo Frio (1914). Sua liderança ajudou a pacificar as tensões entre os grupos políticos, o que culminou na formação de um grupo musical, em 1914, composto por membros das duas bandas de música rivais. Em 1915, a cidade recebeu a visita do governador Nilo Peçanha para as comemorações do tricentenário de Cabo Frio. Durante as festividades, foi produzido um filme documentando a inauguração do obelisco na Praça Porto Rocha. Este registro audiovisual mostra populares e autoridades reunidos na praça aguardando o descerramento do monumento, que ostenta uma placa com os dizeres: “O governo do Estado ao povo”. O filme também captura a apresentação da banda no coreto e a distribuição de bilhetes para sorteios de medalhas e brindes. Este documentário é um importante registro histórico das celebrações do tricentenário de Cabo Frio e da inauguração do obelisco na Praça Porto Rocha, e que sobreviveu ao tempo, mostrando uma atmosfera política aparentemente pacificada. Nessa época, Manoel Lopes da Guia era proprietário do filme.

Infelizmente, não encontrei registros específicos sobre os cinegrafistas ou a equipe técnica envolvida na produção do filme documental que registrou a inauguração do obelisco na Praça Porto Rocha, em Cabo Frio, durante as comemorações do tricentenário da cidade em 1915. Esse tipo de documentação era raro no Brasil naquela época, e os registros audiovisuais disponíveis são escassos e, muitas vezes, não creditam os profissionais envolvidos. É possível que esse filme tenha sido produzido por cinegrafistas itinerantes ou por empresas pioneiras do cinema brasileiro, como a Pathé Frères ou a Casa Edison, que realizavam registros de eventos públicos para exibição em cinemas locais. No entanto, sem informações mais detalhadas, é difícil identificar com precisão os responsáveis pela produção.

Figura 21 - Obelisco da Praça Porto Rocha – Cabo Frio, RJ



Fonte: acervo Janos Graber 22 de março de 2013

O segundo momento, em 1915, caracteriza-se pelas supracitadas comemorações, tendo os festejos coincidido com uma série de atividades políticas, culturais e esportivas. O teatro e o cinema tiveram sua sala construída a partir desses festejos. O tricentenário da cidade foi um marco importante que contribuiu para que os principais grupos políticos de Cabo Frio, os Liras e os Jagunços, disputassem o espaço político. As exibições de filmes, com assentos diferenciados para os correligionários de cada grupo, tornaram-se ocasiões para sátiras e rivalidades. Supõe-se que os filmes, vindos do Rio de Janeiro, eram transportados pela Estrada de Ferro Maricá até Iguaba Grande, e de lá seguiam no lombo de um burro até Cabo Frio, onde eram levados após as sessões isso em um pequeno momento do Cine Recreio (TERRA, 2003, p. 29).

O professor Achilles Pagalidis, em sua página de memórias sobre Cabo Frio, publicada nas redes sociais em 3 de janeiro de 2025, transcreve o Termo de Aforamento do terreno (Anexo 1), no qual se descreve a concessão do terreno para a construção de um Cinematógrafo em 24 de dezembro de 1913. Para a construção do prédio mourisco do Cine Teatro, o Sr. Florismundo Machado contratou o arquiteto João Abrantes. No local, foi construído o Cine Teatro Recreio de Cabo Frio. As Figura 22 e Figura 23 apresentam fotos do Cine Recreio em 1915, durante as comemorações do tricentenário de Cabo Frio.

Figura 22 - Cine Recreio em 1915, durante o tricentenário de Cabo Frio



Fonte: Foto de Picarelli e Malta.[7]

Figura 23 - Fachada do Cine Teatro Recreio em 1915, no tricentenário de Cabo Frio



Fonte: Autor desconhecido.

A Figura 24 apresenta uma foto relativa aos eventos comemorativos do Tricentenário de Cabo Frio, 1915, que constam no livro de Damaceno (2012, p. 267). A Figura 25 mostra uma foto da Diretoria do Tricentenário de Cabo Frio, oriunda da Hemeroteca da Biblioteca Nacional – Memorial Cabo Frio.

[7] As fotos do tricentenário de Cabo Frio, de 1915, tiradas por Picarelli e Malta, possivelmente foram trazidas para a cidade com a comitiva responsável pela obra do prédio do cinematógrafo. No entanto, Massa menciona que a inauguração do cinema ocorreu em 1917. Acredita-se, portanto, que o Cine Recreio tenha sido utilizado antes mesmo de uma inauguração oficial.

Figura 24 - Comemorações do tricentenário de Cabo Frio, em 1915



Fotos tomadas por ocasião do Tri-Centenário de Cabo Frio. **Ao alto,** entre outros, Tufy Antonio, Dr. Luiz Palmier, Adolpho Beranger, Manoel Lopes de Guia, Augusto Lourenço da Cunha, Dr. Simões da Silva, Sergio de Souza, Gustavo **Beranger,** Francisco Pereira Garcia. **Ao centro:** Em volta do Sr. Barão Homem de Mello, Irma Nobre, Marianna Godinho, Maricota Beranger, Olivia Beranger, Carlos Palmer, Dr. Luiz Palmier e Minervina Aguiar, entre outros. **Em baixo:** Padre Domingos da Rocha Mendes, sob o pálio.

Fonte: Hilton Massa p. 267

Legenda: As fotos tiradas durante as comemorações do tricentenário de Cabo Frio apresentam, na parte superior, entre outras pessoas, Tufy Antonio, Dr. Simões da Silva, Sérgio de Souza, Gustavo Béranger e Francisco Pereira Garcia. No centro, estão, ao redor do Sr. Barão Homem de Mello, Irma Nobre, Marianna Godinho, Maricota Béranger, Carlos Palmier, Dr. Luiz Palmier e Minervina Aguiar, entre outros. Na parte inferior, destaca-se o Padre Domingos da Rocha Mendes, sob o pálio.

Figura 25 - Diretoria das comemorações do tricentenário de Cabo Frio



Fonte: Hemeroteca da BN – Memorial Cabo Frio

A relação entre cinema, literatura e imigração é, portanto, uma rica teia de interações que ajudam a moldar a identidade cultural das sociedades. Essa interseção não apenas oferece entretenimento, mas também educa e inspira, promovendo um diálogo contínuo entre o passado e o presente, entre o local e o global. A Figura 26 apresenta uma foto das crianças no período do tricentenário de Cabo Frio, proveniente da Hemeroteca da Biblioteca Nacional – Memorial Cabo Frio.

Figura 26 - Crianças no período das comemorações do Tricentenário de Cabo Frio



Fonte: A. Malta - Câmara dos Vereadores de Cabo Frio.

O terceiro momento do Cine Recreio, em 1917, foi marcado pela exibição do filme *A noiva de bronze* (Figura 29). Os filmes eram seriados e chegavam somente às quartas-feiras. Quando a lancha, dirigida por Zé Agulha e Gavião Moreira, chegava à Casa Branca – uma casa comercial que existia em Cabo Frio –, o povo batia palmas, pois significava que haveria cinema. Ari e Aspino ficavam aguardando os seis enlatados de filmes. Florismundo Machado era o responsável por mandar buscar os filmes na estação de trem de Neves, no município de São Gonçalo. O funcionário encarregado de realizar esse serviço recebia as latas de filme na estação de Neves e, em seguida, pegava o trem com destino à estação de Iguaba Grande, de onde partia de lancha para Cabo Frio. A Figura 27 mostra a foto da Lancha Cometa, que fazia a interligação entre Cabo Frio e Iguaba Grande.

Figura 27 - Lancha Cometa que interligava Cabo Frio a Iguaba Grande



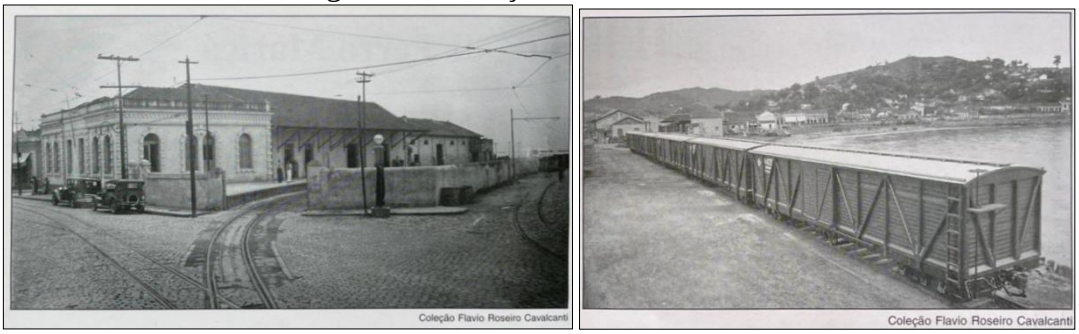
Fonte: da Cia de Navegação Norte Fluminense

Legenda: A lancha ligava Cabo Frio à estação terminal Iguaba Grande e partia com destino a Neves, São Gonçalo, pela Estrada de Ferro Maricá (SILVA, 2008).

Meri Damaceno (2012) cita em seu livro que as latas de filmes eram recebidas para serem transportadas no trem até Iguaba Grande e, depois, utilizava-se a lancha para transportá-las até Cabo Frio, onde eram exibidas no Cine Recreio.

O transporte foi crucial para garantir a regularidade das exibições cinematográficas em Cabo Frio, permitindo que o cinema se estabelecesse como uma forma de entretenimento popular e acessível na cidade de Cabo Frio –fato que se confirma com o desenvolvimento da ferrovia como elemento de integração entre cidades. A Figura 28 apresenta as fotos 01 e 02 do acervo de Flávio Roseiro Cavalcanti, que constam no livro *A formação das estradas de ferro no Rio de Janeiro: o resgate de sua memória* (RODRIGUEZ, 2004), do engenheiro Hélio Suêvo Rodriguez. Na foto 01, vemos a Estação de Neves, no município de São Gonçalo. Na foto 02, é mostrado o pátio da Estação de Neves com os vagões de carga.

Figura 28 - Estação de trem de Neves



Fonte: Acervos Flavio Roseiro Cavalcanti

Legenda: Estação de trem de Neves (esquerda); Pátio da estação de Neves com os vagões de carga (direita)

Hilton Massa descreve os comentários de sua tia Zizinha, que falava com ele sobre o filme estadunidense *A noiva de bronze*, estrelado pelo ator Eddie Polo. Nesta ocasião, já havia luz elétrica no cinema de Florismundo Machado. A pianista Dona Mocinha Carlota, casada com o compositor Pedro de Sá Pereira, tocava o piano ao vivo. Quando faleceu, foi substituída por Isabel Lopes.

Figura 29 - Cartaz de A noiva de bronze, primeiro filme exibido no Cine Recreio



Fonte: https://www.themoviedb.org/?language=pt-BR.
Legenda: o filme é um drama estadunidense de 1917; gênero *Western*; com 50 minutos de duração

No filme “A Noiva de Bronze” (1917), Harvey Ogden, interpretado por Eddie Polo, é o protagonista que enfrenta uma jornada de autodescoberta e desafios pessoais. Após ser expulso por seu pai, ele busca seu caminho nas Florestas do Norte do Canadá, onde se envolve com a cultura indígena e se vê em uma situação inesperada ao ser resgatado por A-Che-Chee. A atuação de Eddie Polo como Harvey Ogden é marcada por um desempenho emocional, refletindo a luta interna do personagem entre a rebeldia e a necessidade de se adaptar a novas circunstâncias. Sua interpretação transmite tanto a vulnerabilidade quanto a determinação de Harvey, especialmente quando ele é pressionado a se casar com A-Che-Chee para manter a boa vontade dos índios. A dinâmica entre os personagens e a evolução da trama oferecem um vislumbre da luta entre as expectativas familiares e a busca pela independência. O filme, como muitos da época, faz uso de expressões e linguagem corporal para transmitir emoções, uma vez

que o diálogo falado não era uma parte da experiência cinematográfica até a chegada do cinema sonoro.

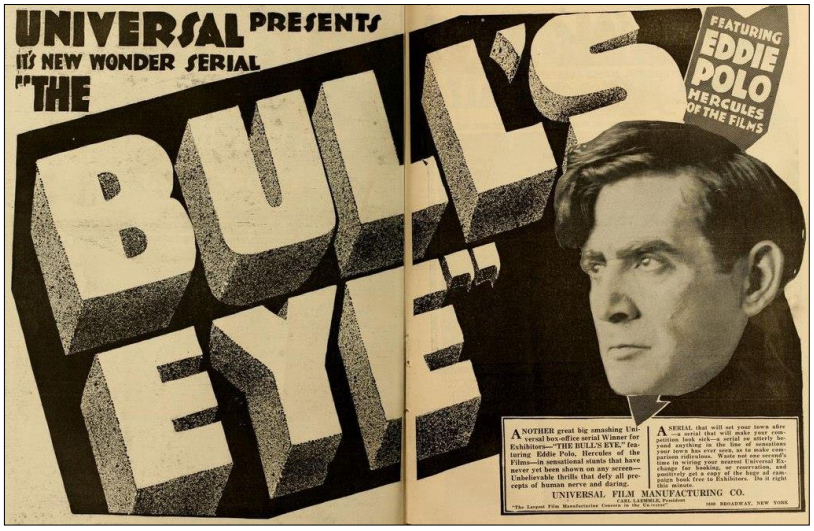
Eddie Polo, ator consagrado da época, era apelidado de “Hércules das Telas” e estrelava filmes de sucesso no cinema americano. Em uma exibição no Cine Recreio, um fato marcante na história do cinema ocorreu durante a exibição de um de seus filmes. Eddie Polo interpretava o mocinho Cody, que usava uma camisa quadriculada e tinha como rival o temido Sola. Em uma cena do filme, o bandido Sola, conforme descrito por um espectador, ficava escondido atrás de uma árvore, esperando Cody passar para matá-lo.

Na plateia do cinema, na segunda classe, estava um homem de Cabo Frio conhecido como Severo Boiadeiro. Ao ver Cody se aproximando da árvore, Severo levantou-se da cadeira e começou a gritar: “Cody, Cody! Sola está atrás da árvore e vai te matar!” O personagem Cody, claro, não ouvia seus apelos, e Severo continuava gritando cada vez mais alto. Tomado de uma fúria imensa, ele atirou seu tamanco na tela do cinema, sob os protestos dos demais espectadores. O tamanco fez um buraco na tela, que ficou visível por anos.

O filme, conforme citado por Damaceno (2012, p. 110), e de acordo com o cartaz na Figura 30, era o seriado *Bull’s Eye*, que foi exibido nos cinemas em 1917 e 1918. O ocorrido com Severo Boiadeiro tornou-se um fato pitoresco em Cabo Frio, e foi narrado por várias gerações. Esse episódio marcou a história do cinema local, pois a interação do público com a ação do filme, ao ponto de um espectador tomar uma atitude tão deliberada, transformou-se em anedota, lembrada como um marco na memória do cinema de rua.

O seriado *Bull’s Eye* foi bem aceito pelo público da época, e Eddie Polo era um ator muito popular. Além deste, outros filmes exibidos no Cine Recreio incluíam produções com Carlitos, além de faroestes estrelados por Buck Jones e Tom Mix (DAMACENO, 2012, p. 109-110).

Figura 30 - Cartaz do Seriado exibido *Bull’s Eye*



Fonte: https://www.themoviedb.org/?language=pt-BR.

No cinema, havia duas classes: a principal e a segunda classe, conforme demonstrado no Anexo 2. O ingresso da primeira classe custava mil réis, e, da segunda, 400 réis. Na segunda classe, era permitida a entrada com tamancos, mas, na primeira classe, era exigido traje social. Além das cadeiras e poltronas, havia um camarote, localizado à esquerda de quem entrava, destinado àqueles que preferiam um espaço mais reservado. O cinema possuía duas entradas independentes: pela frente, entrava o público da primeira classe, e, pelo portão lateral, o da segunda classe. Conforme citado por Hilton Massa em Damaceno (2012, p. 110), posteriormente, o proprietário, Sr. Florismundo Machado (conhecido pelo povo como Machadinho), passou a administração do cinema para seu filho mais velho, Araci. A Figura 31 mostra a foto da família de Sr. Florismundo.

Figura 31 - Florismundo Baptista Machado e sua Filha Dulce



Foto: Arquivo BN Digital, 1928; Edição: Cabo Frio dos Tempos de Outrora

A fotografia em questão captura um momento de intimidade entre Florismundo Baptista Machado e sua filha Dulce. Nascido em 1876, Florismundo foi uma figura multifacetada em sua comunidade, exercendo funções como funcionário público, político e empresário salineiro em São Salvador. Seu legado familiar é extenso, com filhos de seus dois primeiros casamentos e de seu último matrimônio, totalizando doze descendentes. Florismundo foi um influente vereador na década de 1910 e ocupou o cargo de prefeito interino de Cabo Frio em 1930, destacando-se na política local em um período de transformações sociais e econômicas. A fotografia não apenas documenta sua presença na vida familiar, mas também serve como um testemunho visual de sua participação na sociedade da época. A imagem de um pai com sua filha pode ser interpretada como um símbolo da continuidade da família e das tradições, refletindo valores que eram fundamentais para a sociedade do início do século XX. Um aspecto interessante da história de Florismundo Machado é a conexão com o espaço urbano de Cabo Frio. Em 1917, destaca-se ao inaugura as novas instalações do Cine Teatro Recreio onde até os dias atuais pertencem a seus herdeiros, o terreno que hoje abriga a sede do Tamoyo Esporte Clube, localizado na Avenida Nilo Peçanha, era parte de suas propriedades, adquirido pela agremiação em 10 de setembro de 1926. Essa informação não apenas contextualiza a importância econômica de Florismundo, mas também ilustra como indivíduos influentes moldaram a infraestrutura e a cultura da cidade. A análise desta fotografia, portanto, transcende o simples registro visual, permitindo uma reflexão mais profunda sobre as relações familiares, a política local e a evolução urbana.

Figura 32 - Família de Florismundo Machado



Fonte: Damaceno (2012, p. 116).

Posteriormente, o cinema foi adquirido pelo Sr. Waldemar, que desempenhava diversas funções, desde porteiro até operador. Embora tivesse dois auxiliares, Rodolfo Sobrosa (porteiro da primeira classe) e Urbano Guia (porteiro da segunda classe), Waldemar também era responsável pela operação do cinema. Ele relata que, com a chegada do cinema falado, os responsáveis pela projeção dos filmes eram Ari Gago e Aspino Loyola.

O Sr. Waldemar passou o cinema para o Sr. Armando de Castro, um português que também era proprietário da Casa Canal (um grande armazém da época). Devido ao seu temperamento exigente, ele não suportou as demandas da juventude assídua ao cinema e, então, transferiu a administração para seu sócio no comércio, Sr. Warner. Este permaneceu por um longo período, até que passou a direção para Raimundo, que, acredita-se, era também proprietário do Cinema Recreio e do prédio. A administração do cinema ficou com seu amigo João Luiz Granado Paranhos. O arrendamento do Cine Recreio na década de 1990, como será visto na entrevista com Paulo Henrique Moreira (“Paul”) na Seção 4, também é relevante para entender a evolução do cinema na cidade.

Este estudo revela a forte presença da história do cinema como um micro estudo da cinematografia brasileira, especialmente durante as primeiras exibições do cinematógrafo, ainda sem energia elétrica.

A implantação do Cinema Recreio em Cabo Frio, entre 1910 e 1917, foi um marco importante na história da cidade, representando não apenas uma inovação cultural, mas também um catalisador para o desenvolvimento político, econômico e social da região. Ao analisar esse período, é possível entender melhor não só a evolução do cinema no Brasil, mas também como

a “coqueluche” do momento chegou à cidade de Cabo Frio, tornando-se uma das primeiras salas de cinema a ser implantada nas cidades interioranas. Seu impacto na comunidade local e sua contribuição para a construção da identidade cultural e social de Cabo Frio, assim como nas cidades vizinhas que iniciaram a implantação de salas de cinema em toda a Região dos Lagos, são notáveis.

As investigações sobre o olhar literário dos memorialistas na história contemporânea de Cabo Frio têm contribuído para uma análise mais aprofundada do tema do cinema de rua na cidade. As principais fontes escritas utilizadas são jornais e fotografias, que oferecem uma aproximação temporal com os eventos. Os escritores Hilton Massa, Abel F. Béranger, Pedro Guedes Alcoforado e Antonio Terra utilizaram depoimentos de familiares e a oralidade da população local da época em que se deu o objeto de estudo Cine Recreio 1910 até 1917 que é a síntese desta seção. Na Figura 33, vê-se um retrato de Pedro Guedes Alcoforado.

Figura 33 - Foto de Pedro Guedes Alcoforado



Fonte: Arquivo família Alcoforado

Legenda: O escritor e jornalista Pedro Guedes Alcoforado (1892-1965) fundou em Cabo Frio o jornal semanal *O Arauto* (1917) e foi autor de diversas obras literárias, como *O sal fluminense* (1924), *O Tupi na geografia fluminense* (1950) e *Culpa dos paes* (1952).

Meri Damaceno tem realizado estudos sobre a preservação da historiografia local desde 1980, por meio de pesquisas de campo com entrevistas de antigos moradores e até mesmo de familiares que viveram ou ainda vivem na cidade. O professor memorialista e pesquisador Achilles Pagalidis tem resgatado a história visual de Cabo Frio, constituindo um acervo fotográfico que dá continuidade à memória local.

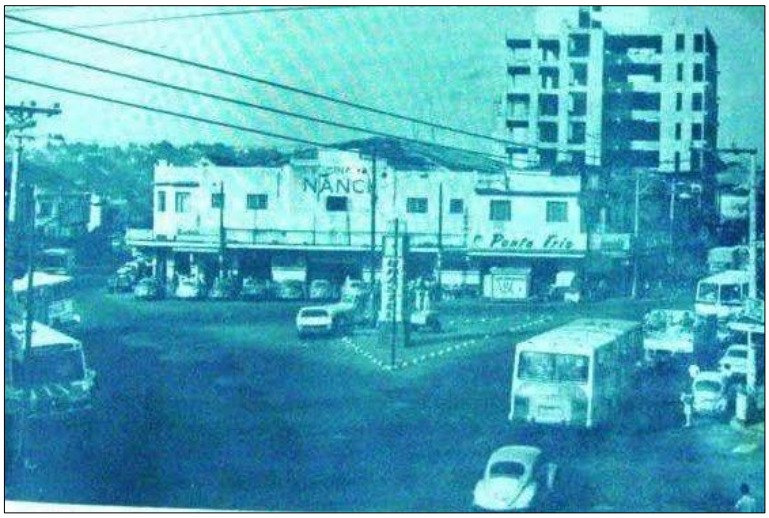
Segundo Silva, Campos e Modesto (2014), o olhar literário dos memorialistas na história contemporânea pode ser considerado uma ferramenta essencial para a pesquisa histórica. No livro *Por uma geografia das existências* (2014), esses autores discutem a relação entre sociedade, espaço geográfico e tempo histórico, destacando a necessidade de integrar estrutura e ação humana. A oralidade, reconhecida academicamente a partir dos anos 1970, desempenha um papel fundamental nesse processo de resgate e compreensão histórica.

4 O CINE RECREIO COMO PATRIMÔNIO DA CIDADE DE CABO FRIO

O Cine Recreio iniciou suas projeções em 1910, mantendo-se aberto por várias décadas. Mesmo com a mudança de diversos proprietários, destacou-se como um dos cinemas de rua que mais resistiu ao tempo. Durante o século XX, foi uma das salas cinematográficas mais longevas, com uma continuidade de funcionamento que perdurou por muito tempo, sem interrupções nas exibições dos filmes. O Cine Recreio, dessa forma, pode ser considerado um dos cinemas de rua mais antigos do país.

A maioria dos cinemas de rua no Brasil, no entanto, teve seu fechamento no século passado. Tal afirmação é corroborada por uma recente pesquisa realizada pelo jornalista Felipe Galeno (2024) sobre cinemas de rua na cidade de São Gonçalo. Galeno (2024) cita o fechamento de 16 salas de cinema na cidade, que juntas somavam mais de 9 mil assentos. Nesse mesmo artigo, a professora Talitha Ferraz também contribui com sua pesquisa sobre o fechamento dos Cinemas de Rua no Brasil. A Figura 34 apresenta uma foto da sala do Cine Nanci, um dos cinemas fechados em São Gonçalo.

Figura 34 - Sala do Cine Nanci um dos cinemas fechados em São Gonçalo



Fonte: Jornal O São Gonçalo de 18/11/2024

4.1 O funcionamento de 1917 a 2002

Nesta seção, abordamos o funcionamento do cinema de rua de Cabo Frio no período de 1917 a 2002, apresentando informações relevantes para a área de estudos acerca dos cinemas de rua.

A partir de 1917, ocorreram diversas mudanças na cinematografia mundial, como a transição do cinema mudo para o sonoro, que se consolidou nos anos 1930. Nesse período, inovações tecnológicas foram introduzidas na indústria cinematográfica, o que levou uma parcela dos exibidores de filmes a não se adaptarem às novidades, resultando no fechamento de várias salas. No caso do Cine Recreio, seus diversos proprietários tiveram que se adaptar às inovações que desafiavam a continuidade das projeções. Os principais desafios enfrentados foram o surgimento da televisão no Brasil em 1950 e a chegada das locadoras de vídeo no final da década de 1970.

Em Cabo Frio, as décadas de 1960, 1970 e 1980 foram marcadas por uma intensa atividade turística, superando a produção de sal como a principal atividade econômica do município. Durante esse período, diversos artistas do cinema, da música e da televisão residiam ou se hospedavam na cidade, aproveitando o paraíso que era a cidade para veranear e desfrutar de momentos de lazer. Um exemplo disso foi a atriz francesa Brigitte Bardot que esteve em Búzios, então Terceiro Distrito de Cabo Fio, em dois momentos. Em 1964, hospedou-se numa casa na Praia de Manguinhos, com o namorado Bob Zagury.

O Cine Recreio, localizado na Praça Porto Rocha em Cabo Frio, desempenhou um papel significativo no contexto cinematográfico brasileiro entre as décadas de 1970 e 1990. Este estudo busca reconstruir memórias e compreender a relevância do espaço tanto para produções nacionais quanto para eventos culturais marcantes.

Para Ferraz (GALENO, 2024), não é possível apontar um único “vilão” que tenha contribuído para a decadência dos cinemas de rua: “São vários aspectos e, mais do que a variedade deles, é também o modo como esses aspectos se combinam entre si, dependendo do contexto econômico, urbano e, muitas vezes, político de determinadas localidades”. Um desses fatores é a predominância de uma lógica “motorizada” de mobilidade, que afastou os espectadores das calçadas e aumentou a demanda por espaços com estacionamentos. Outro fator é a crise da segurança pública: “A escalada da violência urbana faz com que as pessoas se sintam amedrontadas em realizar suas sociabilidades no espaço público. Então, em geral, elas priorizam lazeres em lugares domésticos, fechados e que tenham vigilância, como os shoppings”, explica Ferraz (GALENO, 2024).

A sala do Cine Recreio, conhecida como “Mourisco”, foi construída em 1915 por Florismundo Machado. Posteriormente, foi demolida, e os atuais herdeiros do prédio construíram um shopping, no qual foram instaladas várias salas, sendo duas destinadas à exibição de filmes. No entanto, desde 2014, essas salas não estão mais em funcionamento. A Figura 35 apresenta uma foto de 2024 do Cine Shopping Recreio.

Figura 35 - Cine Shopping Recreio em 2024



Fonte: Acervo do autor.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi realizada uma pesquisa oral com investigação de campo, por meio da aplicação de questionários e da realização de entrevistas gravadas em formato audiovisual. Posteriormente, essas entrevistas foram transcritas para possibilitar uma melhor compreensão dos relatos. Os depoimentos foram colhidos com pessoas que vivenciaram o Cine Recreio em Cabo Frio a partir da segunda metade do século XX, incluindo ex-funcionários do cinema, bem como uma escritora e memorialista da cidade. Foram entrevistados o senhor Paulo Henrique Moreira (“Paul”), proprietário e gerente do Cine Recreio no período de 1993 a 1998; o senhor Milton Alencar, cineasta que utilizava o Cine Recreio profissionalmente para desenvolver produções cinematográficas; entrevista no formato audiovisual e a senhora Meri Damaceno, pesquisadora e memorialista de Cabo Frio. Entrevista em formato remoto pelo celular. A senhora Marisa, funcionária administrativa que participou da transição do Cinema para a sua nova configuração no interior do Shopping Recreio, também foi entrevistada.

Este trabalho adota a metodologia da pesquisa oral, fundamentando-se na abordagem proposta por Verena Alberti. Segundo a autora, embora alguns programas de história oral incluam a participação ativa do entrevistado na etapa de transcrição — fornecendo-lhe uma cópia final para aprovação —, no programa de História Oral do CPDOC, essa prática não é adotada como padrão, a menos que o próprio entrevistado condicione sua autorização à revisão do material transcrito (ALBERTI, 2004). Inspirado por essa perspectiva, o presente estudo valoriza os depoimentos como fontes vivas de memória, reconhecendo a relevância do registro

oral para a reconstrução de experiências históricas ligadas ao Cine Recreio e à cidade de Cabo Frio.

4.2 O Cine Recreio como patrimônio da cidade de Cabo Frio

O Cine Recreio é provavelmente o estabelecimento com maior tempo de exibição na história do cinema de rua no Brasil. Analisar sua existência temporal e a preservação da cultura no século XX tem como objetivo destacar a importância da cultura brasileira de assistir filmes em salas tradicionais localizadas nos bairros das cidades.

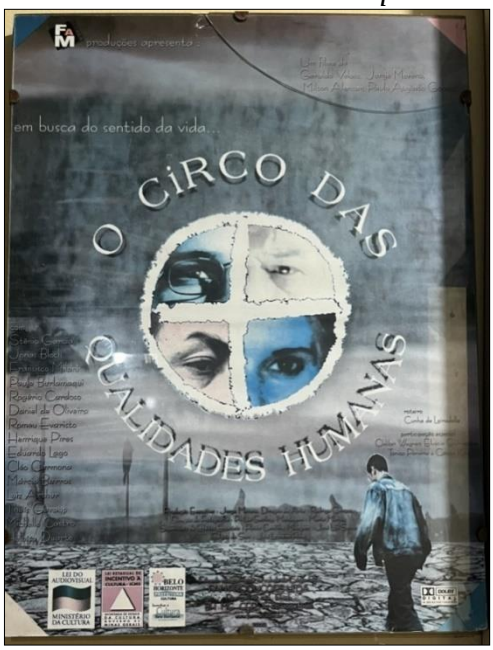
A seguir, são apresentadas informações extraídas das entrevistas resultantes da pesquisa de campo, realizadas em 18 de novembro de 2024 e 21 de janeiro de 2025. Estas entrevistas estão documentadas nos Apêndices 1 a 4.

4.2.1 Entrevista com Milton Alencar em 18 de novembro de 2024

Em seu depoimento, apresentado na íntegra no Apêndice 1, Milton Alencar falou sobre sua relação com o Cine Recreio, que teve início entre os anos de 1974 e 1977, quando realizava diversos trabalhos cinematográficos na região. A proximidade de Cabo Frio com o Rio de Janeiro e seu fácil acesso tornavam a cidade uma locação atrativa para filmagens. Naquele período, filmes eram produzidos na cidade e o material negativo era enviado para revelação nos laboratórios da Líder no Rio de Janeiro.

Alencar recordou-se particularmente de assistir aos copiões (versões preliminares dos filmes) no Cine Recreio, juntamente com a equipe técnica e o elenco, antes de o material seguir para os cortes finais. Foi nesse contexto que ele teve seu primeiro contato profissional com o espaço – não como espectador, mas como parte do processo de criação e análise de filmes. A Figura 36 traz o cartaz de um dos filmes em que Milton Alencar trabalhou.

Figura 36 - Cartaz do filme *O circo das qualidades humanas*



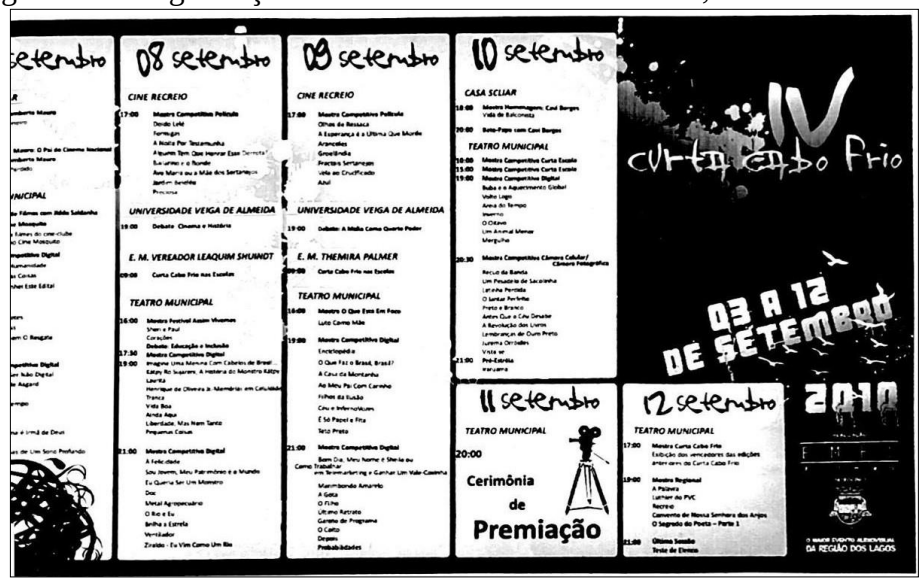
Fonte: Milton Alencar que teve o copião visto no Cine Recreio (1998)

Segundo Milton Alencar, entre os projetos realizados na cidade, *Robinson Crusoe*, uma produção da Demusa Filmes, se destaca, além de outras obras envolvendo os humoristas Os Trapalhões. A empresa Demusa, vinculada a Renato Aragão e Dedé Santana, frequentemente utilizava a região para filmagens. Outro marco importante foi o filme *O homem da cabeça de ouro*, cuja produção manteve a equipe de filmagem por cerca de um mês hospedada no Hotel Marli.

O Cine Recreio foi palco de importantes festivais de cinema, realizados durante três ou quatro anos, com destaque para o Festival de Cinema de Cabo Frio que teve edições em 1973, 1974 e 1975. Ocorreram cinco festivais de curta-metragem em Cabo Frio nos anos de 2007 a 2011, promovidos pela Secretaria de Cultura da cidade. O primeiro deles, em 2007, homenageou o crítico de cinema e TV Adolfo Cruz. Nos festivais de cinema anteriores, estiveram presentes a Miss Martha Rocha e Jece Valadão, que também assinaram na calçada da fama. Conforme ilustrado na Figura 37, esses eventos contaram com a presença de artistas renomados, como Vera Fischer e Reinaldo Gonzaga, e exibiram produções como *Os amores da pantera*, protagonizado por Vera Mendes. Na ocasião, uma "calçada da fama" foi instalada em frente ao Cine Recreio, eternizando as marcas dos artistas que visitaram a cidade.[8]

[8]De 2007 a 2011, foram realizados em Cabo Frio os Festivais de Cinema Curta Cabo Frio. O Cine Recreio teve uma mostra durante esse período, pois a sala possuía projetor de 35 mm, o que permitia a exibição dos filmes em película.

Figura 37 - Programação do Festival IV Curto Cabo Frio, realizado em 2010



Fonte: do autor, 2010.

Além de sua função cinematográfica, o Cine Recreio também foi utilizado para eventos socioculturais, como o debate político organizado durante a campanha eleitoral municipal. Esse encontro, que reuniu candidatos à prefeitura de Cabo Frio, como José Bonifácio e Roberto Bigode, foi registrado em vídeo e transmitido por emissoras locais, como a TV Búzios (posteriormente Eco TV). O evento evidenciou a versatilidade do espaço, que transcendeu a exibição de filmes, consolidando-se como um local de encontros culturais e políticos.

Nos anos subsequentes, o Cine Recreio foi demolido para dar lugar a um shopping center. Contudo, Alencar ainda guarda registros da demolição e equipamentos do cinema, como projetores de 35 milímetros. Esses itens, segundo ele, fazem parte do acervo cultural de Cabo Frio e devem integrar o futuro Centro de Memória.

Alencar destacou a importância de preservar a memória do Cine Recreio, que foi um ponto de encontro para cineastas, atores e espectadores. Ele mencionou o trabalho de recuperação de filmes antigos realizado pela Cinemateca Brasileira e outros centros especializados: "*A memória do Cine Recreio está viva nos acervos e nas lembranças das pessoas que viveram aquela época. Precisamos investir na digitalização e conservação desses materiais.*"

A entrevista com Milton Alencar revela a importância do Cine Recreio para a história cultural de Cabo Frio e do cinema brasileiro. Seu depoimento reforça a necessidade de iniciativas que resgatem e valorizem a memória de espaços como esse, fundamentais para a formação da identidade cultural local.

4.2.2 Entrevista com Paulo Henrique Moreira em 18 de novembro de 2024

O senhor Paulo Henrique Moreira, conhecido como “Paul”, cuja entrevista é apresentada no Apêndice 2, falou sobre o cinema em Cabo Frio, especificamente de quando se tornou proprietário arrendatário do Cine Recreio, de 1993 a 1998. Paul foi funcionário executivo do Serpro e, em 1990, foi demitido pelo governo Collor. Em 1993, foi convidado para administrar o Cine Recreio e, para entender melhor a história do cinema, solicitou a seu amigo, o cineasta e professor Roberto Moura, que realizasse uma pesquisa sobre a origem do Cine Recreio, que, segundo suas informações, teve início em 1917.[9]

A história começa com um salineiro rico que, após viajar para a Europa, conheceu o cinema e decidiu trazê-lo para Cabo Frio. De acordo com Roberto Moura, o empresário trouxe não apenas os equipamentos, mas também um operador alemão. O cinema foi montado em um espaço que ocupava parte da Praça Porto Rocha. O primeiro local para exibição foi improvisado, com uma tela montada no fundo de um salão e cadeiras dispostas de forma improvisada, muitas vezes trazidas pelos próprios espectadores. Mais tarde, foi construída uma estrutura fixa com palco, tela e espaço para um pianista, que acompanhava os filmes mudos com música ao vivo.

Nos anos 1960, o cinema passou a pertencer à empresa chamada Casa Canal, a principal loja de departamento da cidade de Cabo Frio. Um dos sócios era João Luiz Granado, que contava que o cinema era tão lucrativo que, em um mês, rendia o suficiente para comprar um carro à vista. No entanto, com o passar do tempo, a atividade comercial cinematográfica na cidade deixou de ser atraente para os investidores. Nos anos 1990, o Cine Recreio estava abandonado, exibindo principalmente filmes de Kung Fu e pornografia.

Foi então que Paul decidiu revitalizar o espaço, removendo os filmes pornográficos e de pancadaria do catálogo. Uma das iniciativas mais impactantes foi a alteração no calendário de exibições. Até então, o cinema operava fora do circuito nacional de lançamentos, iniciando suas sessões às quintas-feiras. Paul conseguiu negociar com as distribuidoras para alinhar o Cine Recreio ao calendário nacional, iniciando as exibições às sextas-feiras. Isso atraiu um público maior e permitiu o acesso a filmes com maior apelo comercial. Em 1994, teve a sorte de exibir *O Rei Leão*, um grande sucesso que ajudou a reerguer o cinema.

[9] Roberto Moura, professor da UFF e proprietário da Corisco Filmes, foi encarregado de fazer um levantamento sobre o início do cinema em Cabo Frio. Ele realizou uma pesquisa e me entregou um resumo detalhado.

Além disso, Paul iniciou uma campanha para arrecadar fundos para a renovação das cadeiras: os doadores recebiam ingressos e tinham seus nomes gravados nas poltronas. A estratégia foi bem-sucedida e ajudou a modernizar parte do espaço. Em 1997, o cinema comemorou os 80 anos de sua inauguração. É importante destacar que o Cine Recreio foi um marco histórico, anterior à Cinelândia, de 1920. A Figura 38 mostra uma foto da portaria do Cine Recreio em 1997.

Figura 38 - Portaria do Cine Recreio em 1997



Fonte: Paul - Baleiro Dida, conhecido por todos

Legenda: O baleiro Dida, conhecido por gerações entre 1970 e 2000, ficava em frente à portaria do Cine Recreio. Esta foto, tirada por Paul em 1997, ano em que se comemoraram os 80 anos da sala, mostra o cartaz do filme em exibição, que era uma produção da Disney: *101 Dálmatas*, lançado em dezembro de 1996.

Entre os filmes de maior sucesso exibidos no Cine Recreio, destacam-se *Entrevista com o vampiro*, lançado em janeiro, e *Titanic*, em 1998, que permaneceu em cartaz por dois meses e gerou uma receita significativa. No entanto, apesar desses sucessos pontuais, o mercado cinematográfico local já estava em declínio, possivelmente devido ao aumento da competitividade com grandes redes de cinema.

Paul enfatizou a dificuldade de gerir um cinema em um mercado considerado “perigoso e mafioso”. Ele explicou o rígido sistema de distribuição de filmes, no qual o não pagamento de uma produção dentro do prazo estipulado resultava no bloqueio total de novos lançamentos. Apesar disso, destacou que o Cine Recreio possuía uma reputação sólida como bom pagador, o que foi crucial para restabelecer parcerias com grandes distribuidoras, como 20th Century Fox e Universal Studios.

Paul também relatou um episódio marcante envolvendo a exibição do filme *Casablanca* na inauguração do bar do cinema, quando recebeu uma advertência da distribuidora

Warner Bros, que ameaçou chamar a Polícia Federal devido à proibição de exibição da película. Ele também mencionou o sucesso de *Vem dançar comigo* (1992), um filme australiano que tinha apenas três cópias no Brasil. Paul, interessado em exibir o filme, conversou com o responsável pela distribuidora pequena, que lhe informou que o custo da cópia era de 100 dólares. Sem hesitar, Paul pegou os 100 dólares que tinha na carteira, pagou e levou a cópia do filme para o Cine Recreio.

Apesar do sucesso temporário, o cinema enfrentava problemas estruturais e econômicos. A falta de ar-condicionado foi um dos desafios mencionados, e Paul observou que, na época, as locadoras não eram concorrentes diretas, pois o filme precisava ser lançado nos cinemas antes de ser distribuído para as locadoras, o que tornava a operação cada vez mais inviável.

Em 1998, com o falecimento do proprietário do prédio onde o cinema operava, a situação se tornou insustentável, resultando no fechamento definitivo do Cine Recreio.

A trajetória do Cine Recreio reflete a evolução do cinema como indústria e forma de entretenimento no Brasil. Desde sua origem pioneira em 1917, até sua revitalização temporária nos anos 1990, a história do cinema em Cabo Frio exemplifica os desafios e as transformações do setor, bem como o impacto cultural que esses espaços tiveram nas comunidades locais.

Ao final de sua gestão, o prédio foi requisitado pelos herdeiros do proprietário. Apesar dos desafios, Paul expressou seu orgulho por ter contribuído para preservar parte da história do cinema em Cabo Frio.

4.2.3 Entrevista com Meri Damaceno em 20 de janeiro de 2025

No Apêndice 3, é apresentada a entrevista com a Sra. Meri Damaceno, que recordou um evento muito especial ocorrido quando tinha 9 ou 10 anos de idade. Foi a primeira vez que sua mãe levou os filhos ao cinema – ela e seus irmãos mais novos. O evento aconteceu no Cine Recreio, que estava lotado. Mesmo sendo crianças e não entendendo muito bem o que estava acontecendo, o evento deixou uma marca em sua memória. Era o lançamento do sabão em pó Omo. Na época, o sabão usado em casa era o Rinso ou o Minerva, que eram os mais comuns. O Omo estava sendo apresentado como algo revolucionário: o “Omo Total”, que prometia roupas mais brancas e radiantes.

Após a apresentação do lançamento do sabão, exibiram um filme italiano chamado *Dio, Come Ti Amo*. Era um drama romântico, estrelado pela atriz italiana Gigliola Cinquetti e

o ator Mark Damon. Meri lembra-se de que, apesar de serem crianças, todos apreciaram muito o filme.

Ela também mencionou que o evento teve um grande impacto na cidade. O cinema estava lotado, o que foi um grande sucesso para a época, especialmente pela demonstração ao vivo do produto e pela exibição do filme. Essa experiência ficou gravada em sua memória como uma experiência única.

Quando questionada sobre outras experiências cinematográficas marcantes de sua infância, ela lembrou de quando tinha entre 11 e 12 anos, quando um professor da Escola Antônio da Cunha Azevedo utilizava um projetor de filmes emprestado pelo Seu Nestor da Verdade, uma figura conhecida na região, que tinha um projetor Super 8 e o emprestava para exibir filmes para as crianças. Ela se recordou de assistir a vários filmes dessa forma.

Meri contou que, na adolescência, assistiu ao filme *Roberto Carlos em ritmo de aventura* (dirigido por Roberto Farias, 1968). Ela se lembra que, nessa época, se arrumava com suas amigas e iam ao cinema em grupo para assistir à matinê, que começava por volta das cinco da tarde e terminava às sete. Lembrou-se de como era uma experiência divertida.

Meri relatou também que, embora não fosse muito frequente, no final dos anos 1970, o cinema de Cabo Frio exibiu muitos filmes de Kung Fu ou pornográficos. Quando havia um filme mais interessante, como *Roberto Carlos em ritmo de aventura*, elas iam assistir. Para os filmes impróprios para menores, era exigido documento de identidade, o que tornava difícil para adolescentes como ela conseguiram assistir a esses filmes.

Ela se lembrou com carinho dos filmes e eventos que conseguiu assistir em sua juventude, e como o cinema, mesmo com poucas oportunidades, sempre trouxe algo especial para a sua vida cotidiana. Já na vida adulta, mesmo casada, ela relatou que, nos anos 1990, foi assistir ao filme *Dança com lobos* com seu marido. Essa foi uma das últimas vezes que foi ao cinema, que, naquela época, já não tinha mais a mesma força, mas, ainda assim, foi uma experiência especial.

O que mais marcou Meri foram as longas filas para os grandes lançamentos. Quando havia um filme premiado ou muito famoso, especialmente estadunidense, era necessário chegar horas antes para garantir um lugar na sessão. Embora fosse cansativo, ela afirmou que valia a pena. Hoje, reviver essas memórias é muito gratificante para ela. Contudo, o que realmente ficou em sua memória foi aquela primeira experiência no cinema, com o lançamento do sabão Omo. Ela disse que nunca esquecerá as mulheres lavando roupa no palco do cinema em Cabo Frio – o que ela relatou como “uma verdadeira maluquice!”.

4.2.4 Entrevista realizada com Marisa no dia 21 de novembro de 2024

No Apêndice 4, é apresentada a entrevista com Marisa, que começou a trabalhar no Cine Shopping Recreio em 2002. Ela relatou que, inicialmente, trabalhava como funcionária de serviços gerais, realizando limpeza e ajudando na segurança do local. Embora fosse um trabalho simples, ela destacou a importância de suas funções para manter o cinema funcionando. A Figura 39 apresenta uma foto do cartaz que se encontra na escadaria do Cine Recreio em 21 de novembro de 2024.

Marisa explicou que o Cine Shopping Recreio possuía duas salas, a primeira com 109 cadeiras e a segunda, com 99. Ambas eram carpetadas e apresentavam acabamento em camurça, o que conferia um charme especial ao local. Marisa disse que, em várias ocasiões, o número de pessoas era maior que a capacidade das salas e, muitas vezes, os espectadores acabavam se acomodando no chão para assistir aos filmes. Um exemplo memorável foi a exibição do filme *Carandiru* (2003), cujas filas, ela lembrou, davam voltas no quarteirão, com duas sessões à noite, sempre lotadas. Segundo ela, foi uma época muito movimentada.

Marisa informou também que, infelizmente, o maquinário e as cadeiras do cinema não existem mais. Ela também comentou que é frequentemente questionada sobre o Cine Shopping Recreio, com muitas pessoas perguntando se o cinema vai voltar, e disse acreditar que muitos sentem falta do cinema.

Para Marisa, o Cine Shopping Recreio foi mais do que um trabalho; foi um lugar cheio de histórias e momentos marcantes para a cidade. Ela expressou tristeza ao ver as salas vazias, mas disse se sentir feliz por ter feito parte dessa história.

Figura 39 - Cartaz que se encontra na escadaria do Cine Recreio em 2024



Fonte: Acervo do autor.

4.3 A trajetória do Cine Recreio em Cabo Frio – memórias e transformações

Esta dissertação investiga a história e o impacto cultural do Cine Recreio, um cinema de rua que marcou a cidade de Cabo Frio por mais de um século. Por meio de entrevistas com figuras-chave, como Milton Alencar, Paulo Henrique Moreira (Paul), Meri Damaceno e Marisa, o estudo explora as diversas fases do cinema, desde sua fundação em 1910 até sua transformação em um espaço comercial. Os depoimentos destacam a relevância do Cine Recreio na cultura da cidade e refletem sobre os desafios enfrentados pelo setor cinematográfico, além da importância de preservar a memória coletiva.

Milton Alencar destacou a importância de Cabo Frio como locação cinematográfica entre 1974 e 1977. Filmes como *Robinson Crusoe* e produções dos humoristas Os Trapalhões foram realizados na cidade, aproveitando sua proximidade com o Rio de Janeiro. O Cine Recreio não apenas exibiu essas produções, mas também serviu como espaço para revisão de copiões (versões preliminares dos filmes). O cinema sediou importantes festivais, incluindo o Festival de Cinema de Cabo Frio, que contou com artistas renomados, como Vera Fischer e Reinaldo Gonzaga. A criação de uma “calçada da fama” reforçou o impacto cultural do Cine Recreio na década de 1970.

Paulo Henrique Moreira marcou a fase de revitalização do Cine Recreio nos anos 1990. Paul assumiu a administração do Cine Recreio em 1993 com o objetivo de resgatar sua relevância. Ele modernizou a programação, alinhando-a ao calendário nacional de lançamentos

e eliminando conteúdos pornográficos. O sucesso de filmes como *O Rei Leão* (1994) e *Titanic* (1998) trouxe público de volta ao cinema. Paul também inovou ao realizar campanhas para arrecadação de fundos, modernizando o espaço com novas cadeiras. Apesar dos esforços, o mercado cinematográfico enfrentou desafios estruturais e financeiros, levando ao fechamento do Cine Recreio em 1998, após a morte do proprietário do prédio.

Meri Damaceno compartilhou memórias marcantes de sua relação com o cinema ao longo da vida. Sua primeira experiência ocorreu na infância, em um evento no Cine Recreio, em Cabo Frio, que marcou o lançamento do sabão em pó Omo, seguido pela exibição do filme italiano *Dio, Come Ti Amo*. Essa ocasião foi a única vez que Meri foi ao cinema com sua mãe. Durante a adolescência, Meri passou a frequentar matinês com amigas, assistindo a filmes como *Roberto Carlos em ritmo de aventura*. Ela também relembrou os desafios de acessar cinemas na época, quando a programação incluía principalmente filmes de Kung Fu ou produções adultas. Apesar das dificuldades, ela destacou filmes icônicos como *Tubarão* e obras estreladas por Jack Nicholson, de quem era admiradora. Na fase adulta, relatou assistir a *Dança com lobos* nos anos 1990. Ela também mencionou as transformações na experiência cinematográfica, como o declínio das longas filas e a mudança na popularidade das salas de exibição. A entrevista revela a importância cultural do cinema em diferentes etapas de sua vida.

O Cine Recreio representa um marco na história cultural de Cabo Frio e do cinema brasileiro. Suas contribuições como espaço de produção, exibição e encontros culturais são inestimáveis. A pesquisa reforça a necessidade de iniciativas que resgatem a memória desses espaços, assegurando que suas histórias continuem vivas para as gerações futuras.

Marisa relatou detalhes sobre a estrutura do cinema, que contava com duas salas e um acabamento charmoso de camurça. Ela destacou o impacto de produções como *Carandiru* (2003), que lotaram as salas e atraíram multidões. Infelizmente, após o fechamento do cinema, os maquinários e as cadeiras foram descartados, deixando as salas vazias. Marisa ressaltou o papel do Cine Recreio como espaço de memória coletiva e ponto de encontro cultural.

A importância da preservação histórica foi enfatizada tanto por Milton Alencar quanto por Paul e Meri Damasceno, que destacaram a necessidade de preservar a memória do Cine Recreio. A proposta de digitalização de acervos e a criação de um Centro de Memória se destacam como iniciativas urgentes. A transformação de um local que resgate a Memória do Cine Recreio também ressalta a importância de documentar o passado para valorizar o patrimônio cultural.

O Cine Recreio representa um marco na história cultural de Cabo Frio e do cinema brasileiro. Suas contribuições como espaço de produção, exibição e encontros culturais são

inestimáveis. A pesquisa reforça a necessidade de iniciativas que resgatem a memória desses espaços, assegurando que suas histórias continuem vivas para as gerações futuras

5 CONCLUSÃO

Este trabalho de pesquisa teve como objetivo o estudo da consolidação da instalação do Cine Recreio em Cabo Frio, resultante das mudanças no sistema de transporte, principalmente os modais ferroviário e náutico, o que viabilizou o processo de distribuição e exibição cinematográfica, no período de 1910 a 1917. Este estudo buscou resgatar e valorizar a história do cinema local, explorando as conexões entre a evolução urbana, as transformações socioeconômicas e as mudanças culturais que moldaram a identidade da região.

O trabalho descreveu a formação do território de Cabo Frio como ponto de partida para a pesquisa, revisitando o passado da cidade, desde os povos originários até os impactos da colonização portuguesa e francesa, marcados pela exploração do pau-brasil. A ocupação do território, a divisão em municípios e o uso da mão de obra escravizada foram aspectos determinantes para o desenvolvimento econômico inicial da cidade. A emergência da indústria salineira, no entanto, marcou uma nova era, com a consolidação do sal como o principal produto econômico da região.

No auge da produção salineira, surgiram demandas por uma infraestrutura que possibilitasse o transporte de mercadorias, conectando a economia local aos mercados externos. Nesse período, avançaram os projetos de transporte ferroviário e náutico. Essa infraestrutura não apenas supriu a necessidade da distribuição da produção agrícola e salineira, mas também criou as condições para que o cinema se estabelecesse em Cabo Frio. O Cine Recreio surgiu no contexto das primeiras décadas do século XX, com a introdução do hábito de assistir filmes como entretenimento popular. Em 1910, ocorreram as primeiras exibições cinematográficas na cidade, sendo a sala do Cine Recreio uma das primeiras a se consolidar como um espaço cultural que acolhia espectadores de diferentes classes sociais.

A pesquisa de campo e as entrevistas revelaram que grande parte da memória do Cine Recreio foi preservada por meio da oralidade e de documentos históricos, como jornais da época, registros oficiais e depoimentos familiares. As redes sociais também desempenharam um papel importante na coleta de memórias, permitindo que histórias pessoais fossem compartilhadas e resgatadas. Essa abordagem contribuiu para compreender as dimensões políticas, econômicas, sociais e culturais associadas ao cinema em Cabo Frio.

O desenvolvimento do Cine Recreio ocorreu em um período em que o Brasil era marcado pelo modelo político das oligarquias. Na cidade, grupos como os Liras e os Jagunços dominavam a cena política e influenciavam diretamente os rumos econômicos da região. A indústria do sal, principal fonte de renda local, refletia esse controle político. Silvio Romero, ao

estudar as oligarquias brasileiras, publicou *Oligarquias* e destacou como esses grupos moldavam as relações sociais e econômicas no período.

A distribuição de filmes foi um dos desafios enfrentados pelos administradores do Cine Recreio. Sem uma rede de transporte consolidada, os donos de cinemas dependiam de soluções criativas para garantir as exibições. Os filmes eram transportados da estação ferroviária de Neves, em São Gonçalo, com destino à estação de Iguaba Grande, de onde seguiam de lancha até Cabo Frio para exibição e devolução. Essa operação, descrita por fontes locais, exemplifica as dificuldades enfrentadas e a determinação dos exibidores em manter o cinema ativo.

O Cine Recreio não apenas sobreviveu a adversidades econômicas e políticas, mas também se consolidou como um espaço de desenvolvimento cultural. Ao longo das décadas, de 1910 a 2000, o cinema de rua desempenhou um papel vital na formação da identidade cultural cabo-friense, aproximando as comunidades locais e promovendo o acesso à arte e ao entretenimento.

A contribuição desta dissertação de mestrado busca resgatar e documentar a importância do Cine Recreio como um símbolo da resistência do cinema de rua em Cabo Frio. Este estudo reflete não apenas a história do cinema na cidade, mas também as dinâmicas políticas, econômicas e culturais que moldaram o município ao longo do século XX. A valorização de espaços como o Cine Recreio é essencial para preservar a memória coletiva e a identidade cultural de Cabo Frio para as gerações futuras.

Com esta pesquisa, encerramos o esforço de reconstruir e valorizar o Cine Recreio como símbolo da história cultural de Cabo Frio. Para além dos dados históricos e documentais aqui reunidos, permanece viva a memória afetiva de quem viveu o cinema de rua em sua plenitude. A seguir, compartilho um breve relato pessoal, que traduz em memórias as emoções que me acompanharam ao longo desta trajetória.

EPÍLOGO

Como um filme projetado em minha mente e em meu coração, esta pesquisa despertou lembranças profundas da minha trajetória e da paixão incondicional pelo cinema de rua que vivi em meados do século XX.

Minha história começa na casa onde nasci, integrada ao complexo da estação ferroviária de Iguaba Grande. Filho de Sotero Luiz Pimentel e Vicentina Moreira Pimentel, cresci sem compreender plenamente a importância histórica daquele espaço: na década de 1910, os filmes destinados ao Cine Teatro Recreio de Cabo Frio passavam justamente por essa estação. O termo "Cine Teatro" refletia a vocação multifuncional desses espaços no início do século XX, que combinavam exibições cinematográficas e apresentações teatrais.

Dos relatos de meu pai, lembro-me de saber que, no final dos anos 1950, alguém viajava de trem para exibir filmes no Clube Palmeiras de Iguaba Grande, encantando crianças e adultos — numa época em que Iguaba Grande sequer era um município emancipado. Aos seis anos, nossa família mudou-se para São Gonçalo, onde vivi minhas primeiras experiências cinematográficas em cores e som, frequentando as matinês do Cine Nova Cidade. Uma das recordações mais vívidas é do seriado *A Adaga de Salomão* (*Secret Service in Darkest Africa*), lançado nos Estados Unidos em 1943 pela Republic Pictures. Em preto e branco e com áudio, a trama cheia de ação acompanhava o agente Rex Bennett em sua luta contra alianças nazistas no Norte da África, sob direção de Spencer Gordon Bennet e roteiros de Royal K. Cole, Ronald Davidson e Basil Dickey, com Rod Cameron, Joan Marsh e Duncan Renaldo no elenco.

As matinês dominicais reuniam as crianças do bairro em torno do encantamento da sétima arte. Na juventude, passei a frequentar outros cinemas de rua de São Gonçalo, sendo o Cine Nanci — inaugurado em 1949 na Praça Luiz Palmier — o mais importante para nós. Foi ali, no Cine Nanci, que Marize, minha esposa, assistiu ao filme *Uma Mulata para Todos*[10], que

[10] Nos anos 1970, o cinema brasileiro enfrentava os rigores da censura imposta pelo regime militar, que restringia a liberdade de expressão e impedia a produção de obras com teor político mais explícito. Nesse contexto, emergiu a *pornochanchada*, uma vertente das tradicionais chanchadas que incorporava elementos eróticos e humorísticos para driblar a repressão estatal. Esses filmes, embora frequentemente rotulados como "pornográficos" pela população, utilizavam o humor grotesco e situações absurdas para criticar, de forma velada, as contradições sociais e políticas do país. *Uma Mulata Para Todos* (1975), dirigido por Roberto Machado, é um exemplo emblemático desse gênero. O filme narra a história de Rosa, uma jovem manicure ingênua que, ao chegar do interior ao Rio de Janeiro, é explorada por dois contraventores cariocas que a inserem em espetáculos duvidosos. Com 90 minutos de duração e estrelado por Julciléa Telles, Felipe Carone e Armando Riggo, a obra utiliza o humor escrachado e situações caricatas para retratar a exploração feminina e a marginalidade urbana.

trazia uma música de um amigo nosso, Domingos Sérgio. A convite de Dominguinhos, muitos amigos de São Gonçalo prestigiaram a sessão.

Cada bairro contava com seu próprio cinema, proporcionando uma rica diversidade cultural por meio da exibição de filmes nacionais e estrangeiros.

Em dezembro de 1990, já adulto e trabalhando na Telerj (Empresa de Telecomunicações do Estado do Rio de Janeiro), fui transferido para o escritório da Praça Porto Rocha, em Cabo Frio, próximo ao Cine Recreio. Todos os dias, ao sair do trabalho às 17 horas, passava em frente ao cinema e me encantava com os cartazes dos filmes em exibição. Àquela altura, muitos cinemas de rua da Região dos Lagos já haviam encerrado suas atividades, o que tornava o Cine Recreio um verdadeiro espaço de resistência cultural.

Minhas memórias não se restringem à tela: lembro também dos vendedores ambulantes que ficavam à porta do Cine Recreio — o baleiro e o pipoqueiro —, prontos para atender ao público nas sessões. Em 1997, realizei o sonho de assistir a um filme naquele cinema histórico, levando meus filhos Glauber, Maurício, Raoni e minha esposa Marize para ver *Guerra de Canudos* (1996), dirigido por Sérgio Rezende e produzido por Mariza Leão. A produção, baseada em episódios históricos do final do século XIX no sertão baiano, atraiu uma plateia lotada, e a experiência de compartilhá-la com minha família renovou a magia única dos cinemas de rua.

Com o tempo, o Cine Recreio se adaptou às transformações do mercado. Em 2010, já sob o nome de Cine Shopping Recreio, participei do IV Curta Cabo Frio, festival promovido pela Secretaria Municipal de Cultura. Assisti à Mostra Competitiva de Películas no dia 8 de setembro, com filmes como *Doida Lelé, Formigas* e *A Noite por Testemunha*, entre outros, no Cine Shopping Recreio. Também participei da Mostra Competitiva Digital, no Teatro Municipal de Cabo Frio, onde exibimos *Brilha a Estrela*, filme originalmente produzido em Super-8 e posteriormente digitalizado.

Segundo registros da Receita Federal, o Cine Recreio pertence à Empresa Cinematográfica Região dos Lagos Ltda, fundada em 20 de setembro de 1966 (CNPJ 28.840.676/0001-02), cuja atividade principal é a exibição cinematográfica (CNAE 59.14-6-00). Sua trajetória contribui de maneira significativa para a história da cinematografia brasileira, permanecendo viva na memória daqueles que, como eu, construíram parte de suas vidas embalados pela mágica luz que se projeta sobre a tela.

OBRAS CITADAS

A HISTÓRIA do trem em Maricá. *Maricá Já*, Maricá, ano 03, n. 13, jun.-ago. 2003.

ABEL, Richard. *Os perigos da Pathé ou a americanização dos primórdios do cinema americano*. 2007.

ALCOFORADO, Pedro Guedes. *O sal fluminense*. Niterói: Serviço Technico de Publicidade, 1936.

BÉRANGER, Abel. *Dados históricos de Cabo Frio*. Rio de Janeiro: Procaf, 1993.

BERNARDET, Jean-Claude. *O que é cinema*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

BUENO, Eduardo. *Uma história de cinco séculos de um país em construção*. São Paulo: Leya, 2013.

DAMACENO, Meri. *Cabofrianças*: "causos" resgatados. Cabo Frio: Editora Mar de Letras, 2012.

FAORO, R. *Donos*; LESSA, R. *Invenção*; LESSA, R. *Cidades*; LOVE, J. *Regionalismo*; ROMERO, S. *Oligarquias*; SALES, A. *Balanço*; SALES, C. *Propaganda*. 1913, FGV.

FERNANDES, Florestan. *A organização social dos Tupinambá*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1963.

FREIRE, Rafael de Luna. *O negócio do filme*: a distribuição cinematográfica no Brasil, 1907-1915. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, 2022.

GALENO, Felipe. Cinemas de rua: o que se perdeu com o fim das salas de exibição em São Gonçalo. *O São Gonçalo*, São Gonçalo, 18 nov. 2024. Disponível em: https://www.osaogoncalo.com.br/cultura-e-lazer/150294/cinemas-de-rua-o-que-se-perdeu-com-o-fim-das-salas-de-exibicao-em-sao-goncalo. Acesso em: 16 fev. 2025.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBSBAWM, Erik. J. *A era do capital, 1848-1857*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: 2006.

MALTA, Augusto. *Inauguração da Estação Ferroviária de Iguaba Grande*. 1914. Arquivo pessoal.

MOURA, José Francisco e MOREIRA, Luiz Guilherme ScaldaFerri. *História de Cabo Frio*: Dos sambaquieiros aos cabo-frienses (c.3.720 a. C. – 2020). Cabo Frio: Sophia Editora 2020.

NETTO, Porfirio Soares. *Luso Brazileira e outra, a Euterpe Cabo-Friense (Jagunços) Memórias da Cidade*. Cabo Frio: Imprensa Oficial, 1918.

PRIBERAM. *Recreio*. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2025. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/recreio. Acesso em: 16 fev. 2025.

QUINTES, Tiago Bravo Pinheiro de Freitas. *Atrações visuais e os primórdios do cinema em Campos dos Goytacazes*. 2022. Dissertação (Mestrado em Cinema e Audiovisual) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

RIO DE JANEIRO. *Annaes da Assembleia Legislativa Provincial do Rio de Janeiro*: segunda sessão ordinaria da vigesima-sexta legislatura. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1887. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/218740/per218740_1887_00001.pdf. Acesso em: 12.jun. 2024.

SÁ, Francisco. *Relatorio apresentado ao Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministério da Aviação e Obras Públicas*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1910. p. 161, 167.

SILVA, Cátia Antonia da; CAMPOS, Andrelino; MODESTO, Nilo S. *Por uma geografia das existências*: movimentos, ação social e produção do espaço. Rio de Janeiro: Consequência; Faperj, 2014.

SILVA, Joaquim. *Impactos da Colonização Portuguesa no Brasil*. São Paulo: Editora Moderna, 2020.

SILVA, Roberto Jorge. *Iguaba Grande*: dos Tupinambás à Emancipação. São Paulo: Livre Expressão, 2008.

TERRA, Antonio. *Crônicas*. Cabo Frio: Secretaria Municipal de Cultura, 2003.

VELOSO, Caetano. Cinema Olympia. Disponível em: https://www.letras.mus.br/elis-regina/123929/. Acesso em: 24 fev. 2025.

OBRAS CONSULTADAS

ALVES, Rogério Othon Teixeira; DE SOUZA NETO, Georgino Jorge; DA SILVA, Luciano Pereira. O trem-de-ferro e o cinema em Motes Claros-MG: a projeção de um divertimento pelos trilhos do sertão mineiro. *Recorde*: Revista de História do Esporte, Rio de Janeiro, Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer (Programa de Pós-Graduação em História Comparada/IH/UFRJ), v. 12, n. 2, p. 1-23, jul./dez. 2019.

BÉRANGER, Eugênio. *História Administrativa do Município de Cabo Frio*: divisão e reorganização territorial. Cabo Frio: Editora Local, 1993.

BERNARDET, Jean-Claude. *História do cinema brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência*: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Unesp, 1997.

CANCLINI, Néstor García. *O mundo inteiro como lugar estranho*. São Paulo: EDUSP, 2020.

CENTRO DE HIDROGRAFIA DA MARINHA. DO CABO DE SÃO TOMÉ AO RIO DE JANEIRO. 09 jul. 2024. 23000 (INT.2123). Disponível em: https://www.marinha.mil.br/chm/dados-do-segnav-cartas-raster-54. Acesso em: 15 fev. 2025.

DAMACENO, Meri. *Guardas da Memória Cabo Frio*. Cabo Frio: Mais Cópia, 2015. Vol. I.

DISNEY BRASIL. Clássicos no Disney+: '101 Dálmatas', o live-action que eternizou Glenn Close no papel de Cruella de Vil. Disponível em: https://www.disney.com.br/novidades/classicos-no-disney-plus-101-dalmatas-o-live-action-que-eternizou-glenn-close-no-papel-de-cruella-de-vil. Acesso em: 16 fev. 2025.

FERRAZ, Talitha Gomes. Salas de cinema e mobilidade urbana: dinâmicas dos espectadores-transeuntes em bairros do Rio de Janeiro. *Anais*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul, RS, 2 a 6 de setembro de 2010.

FOUCAULT, Michel. Two Lectures. In: FOUCAULT, Michel; GORDON, Colin (Ed.). *Power/Knowledge*: Selected Interviews and Other Writings 1972-1977. New York: Pantheon Books, 1980.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

LESSA, Renato. *Oligarquias*. s.d. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/OLIGARQUIAS.pdf. Acesso em: 15 jan. 2025.

MARICÁ JÁ. *História das Ferrovias de Maricá*. Edição especial. Maricá: 2003.

MARINHA DO BRASIL. Centro de Hidrografia da Marinha. *Do Cabo de São Tomé ao Rio de Janeiro*: Carta náutica nº 23000 (INT.2123).

METRO-GOLDWYN-MAYER. *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. São Francisco: Wikimedia Foundation, 2023.

MINISTÉRIO DA VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS. Relatório do Ministério da Viação e Obras Públicas. 1910. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/459194/per459194_1910_00001.pdf. Acesso em: 15 fev. 2025.

MORAES, Fernando. *Cinema e literatura*: um diálogo infinito. Rio de Janeiro: Editora Fluminense, 2015.

MOREIRA, Fernando. *Cabo Frio*: história e cultura. Rio de Janeiro: Editora Fluminense, 1990.

NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1975.

O FLUMINENSE. Pelo Interior – Cabo Frio. *O Fluminense*, n. 7866, p. 2, 07 out. 1910.

Página de memórias "Cabo Frio dos Tempos de Outrora" que registra a historicidade de Cabo Frio. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/245048754839354. Acesso em: 24 fev. 2025.

PIMENTEL, Celio Reginaldo Moreira. *Do sal à ferrovia em Araruama*: o desenvolvimento da Região dos Lagos. Araruama: Editora Hora Certa, 2021.

_____. *Estrada de Ferro Maricá*: desenvolvimento urbano e regional da área litorânea do estado do Rio de Janeiro. Araruama: Editora Hora Certa, 2016.

POLO, Eddie. *The Movie Database*. [*S. l.*: *s. n.*, *s. d.*]. Disponível em: https://www.themoviedb.org/person/1341395-eddie-polo. Acesso em: 24 jan. 2025.

PRADO JUNIOR, Caio. História econômica do Brasil. São Paulo: Editora Brasiliense, 1974.

Revista ALMANAK. Construção da Estrada de Ferro Maricá. Edição de 1888.

RIO DE JANEIRO. *Annaes da Assembleia Legislativa Provincial do Rio de Janeiro*: segundo anno da decima-nona legislatura. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1887.

RIO DE JANEIRO. *Annaes da Assembléia Legislativa Provincial do Rio de Janeiro*: segundo ato da decima nona candidatura. Rio de Janeiro: 1873. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/218740/per218740_1873_00002.pdf. Acesso em: 12. jun. 2024.

SOUZA, Luís Carlos de. *Cinema no Brasil*: das origens aos dias atuais. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

VALLE JUNIOR, Arthur. *Araruama*: ensaio de levantamento estatístico do município. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1937.

WIKIPEDIA. Estados Unidos. 26 jan. 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Estados_Unidos. Acesso em: 16 fev. 2025.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Entrevista na íntegra com Milton Alencar

Entrevista realizada em 21 de novembro de 2024, às 17 horas, na cidade de Cabo Frio, com Milton Alencar, graduado em Cinema pela UFF e diretor de diversos filmes, entre eles *Garrincha: a estrela solitária*. Ex-secretário municipal de Cultura de Cabo Frio, foi eleito vereador da cidade, com início do mandato em 2025.

Perguntas feitas ao entrevistado:

1. Milton, você tem uma trajetória extensa no cinema, formada pela UFF e com experiências em direção e produção. Conte-nos sobre seu primeiro contato com o Cine Recreio.
2. Quais produções dessa época você destaca?
3. O Cine Recreio teve uma relevância profissional na sua carreira?
4. Pode nos contar mais sobre os festivais e eventos organizados no Cine Recreio?
5. Como você enxerga o legado do Cine Recreio?
6. Alguma última reflexão sobre o impacto do Cine Recreio na cultura e no cinema brasileiro?

Transcrição do depoimento na íntegra

Minha experiência com o Cine Recreio foi na década de 1970, nos anos de 1974, 1975 e 1976. Durante esses três anos, eu vinha para Cabo Frio para filmar diversos filmes. A locação das filmagens era na cidade, por ser um lugar com boa iluminação, bons cenários e proximidade com o Rio de Janeiro. Era tudo muito tranquilo. A equipe com a qual eu trabalhava filmava, e o material negativo era levado para o laboratório da Líder, em Vila Isabel, no Rio de Janeiro, para ser revelado. O copiador era então trazido para Cabo Frio, e a equipe assistia ao copiador no Cine Recreio para seguir com as filmagens. Foi assim que tive meu primeiro contato cinematográfico com o Cine Recreio. O primeiro contato com os projetores, na minha vida profissional, foi exatamente assistindo ao copiador. Não foi para assistir a filmes, mas para a produção dos filmes que estavam sendo filmados em Cabo Frio nos anos 70.

Os filmes que fiz aqui incluíram *Robin Hood, o Trapalhão da Floresta*, dos Trapalhões, que eram quatro na época. Havia uma empresa do Renato Aragão e outra do Dedé,

Zacarias e Mussum. Naquela época, tanto o Renato quanto os outros faziam filmes. Outro filme que fiz em Cabo Frio foi *O Homem da Cabeça de Ouro*, de 1976. Durante as filmagens desse filme, fiquei na cidade por um mês, no Hotel Malibu. Foi nesse período que tive contato com o Cine Recreio, que realizava um festival de cinema que durou três ou quatro anos. Na época, havia uma calçada da fama no Hotel Malibu, onde os protagonistas dos filmes deixavam as marcas das mãos. Uma funcionária do hotel comentou que retirou a calçada inteira e guardou como recordação, porque ali estavam as marcas de artistas famosos da época.

Nesse festival de cinema, foi quando assisti a um filme pela primeira vez no Cine Recreio. Se não me engano, o filme foi *Os Amores da Pantera* (1977), dirigido por Jece Valadão, com roteiro de José Loureiro, e elenco de Vera Gimenez, Reinaldo Gonzaga e Paulo César Pereio. Em 1979, dirigi meu primeiro filme, e o segundo foi *Os Três Palhaços*. O cartaz foi feito em Cabo Frio, do mesmo jeito. Só que, dessa vez, eu já estava dirigindo. Filmávamos aqui e assistíamos ao copiador no Cine Recreio. O Cine Recreio, então, se tornou uma referência para mim, não só como espectador, mas também como parte da produção cinematográfica. Eu assistia aos copiões dos filmes que dirigi e filmei aqui em Cabo Frio. Lembro que fiquei um mês aqui e fui ao cinema duas ou três vezes. Em uma dessas, assisti ao *Exterminador do Futuro* (1984). Eu ia muito ao Cine Recreio e via o funcionamento do local, como profissional de cinema, assistindo ao copiador com toda a equipe e os artistas.

O Cine Recreio sempre nos atendeu perfeitamente. Depois, em 1999, peguei hepatite e fui medicado, tendo que ficar de repouso absoluto por pelo menos seis meses. Fiquei oito meses parado, sem poder me mover, na casa da mãe do Miguel, meu filho. Durante esse período, me aproximei mais da cidade e, ao melhorar, fui convidado para ser diretor de Cultura. Estava fazendo muitos filmes sobre Cabo Frio, e o prefeito percebeu isso e me chamou para ser secretário de Cultura. Fiquei indo e voltando entre o Rio e Cabo Frio. Virei secretário de Cultura e, nesse cargo, organizamos um evento muito interessante. A Secretaria de Cultura organizou um grande debate no Cine Recreio, com os candidatos à prefeitura da época: José Bonifácio, Roberto Bigode e Octávio Raja Gabaglia.

Eu ainda tenho essas imagens até hoje. O debate foi grande, com muita gente na rua. Fizemos um acordo para que cada candidato só pudesse levar dez assessores. O Lalá levou dez, o Bonifácio levou dez, o Bigode levou dez, e trinta pessoas vieram do Rio de Janeiro. O resto ficou na rua, com a porta fechada. A intenção era gravar e transformar isso em áudio para um programa de televisão, que seria exibido na época na única TV capaz de exibir esse tipo de debate político, a TV Búzios, que depois se transformou na Eco TV. Esse material está comigo

até hoje e eu uso ele de vez em quando. Tenho uma fala do Bonifácio que até hoje utilizo para justificar ações da Secretaria de Cultura.

O Cine Recreio, com esse evento, foi mais do que um espaço para cinema. Ele foi um local de debate público, uma imagem cultural e de cidadania que marcou a história do cinema em Cabo Frio. Depois disso, fui várias vezes até a demolição do prédio e filmei tudo. Tenho essas imagens comigo, inclusive de quando os proprietários decidiram transformar o cinema em um shopping. Fui lá umas três vezes, quando ainda era secretário de Cultura, e estava tudo abandonado. Anunciaram as máquinas, e até os projetores estavam lá. Um projetor da sala 2 tinha 18 anos, e na sala 1 havia um projetor pequeno. Eu guardei isso e tenho esse material até hoje. Mesmo agora, com a referência do Cine Recreio já não existindo mais, eu ainda mostro esse material para algumas pessoas que se lembram.

Havia outro cinema aqui em São Cristóvão, que agora virou uma igreja evangélica, na Teixeira de Souza, perto do Correão. Também usávamos muito aquele cinema para assistir ao copiador.

O Cine Recreio, com certeza, fará parte do Centro de Memória. Eu tenho um dos projetores antigos do Cine Recreio. Consegui esse projetor quando era secretário, e será necessário recuperá-lo. Ele era um dos primeiros projetores de 35mm, com lâmpadas xênon.

Os Festivais de Cinema de Cabo Frio duraram quatro anos e tinham tapete vermelho na porta. Não tenho as imagens desse evento, mas lembro que Jece Valadão ficou no Hotel Malibu com Vera, e eu fiquei no Hotel Marlim com parte da equipe. Foi um festival de cinema, mas não filmávamos nada, só fazíamos gestos para a câmera. O responsável por isso foi Adolfo Cruzele, um crítico de cinema que viveu muito tempo em Cabo Frio. Ele era parceiro do dono do Malibu, seu Meira. Durante esse período, houve outros filmes feitos em Cabo Frio, mas o Cine Recreio foi o principal local. Fiquei aqui filmando entre 1977 e 1979.

Eu também tenho contato com o sistema técnico e a recuperação de equipamentos no centro tecnológico da Faetec em Campos Novos. Eu mesmo estou fazendo a digitalização de todo esse material. As máquinas são muito antigas, mas ainda funcionam. O Henrique e o André Gonçalves estão vivos até hoje, e eu me lembro de quando comecei a fazer filmes. Vera Fischer, Reinaldo Gonzaga, Paulo César Pereio, todos eles estavam aqui nessa época.

Lembro de muitos diretores e artistas dessa época, e o Cine Recreio foi um ponto importante para todos nós.

Apêndice 2 – Entrevista na íntegra com Paulo Henrique Moreira (“Paul”)

Entrevista realizada em 27 de novembro de 2024, na cidade de Cabo Frio, com Paulo Henrique Moreira, conhecido como Paul, arrendatário do Cine Recreio de 1993 a 1998.

Perguntas feitas ao entrevistado:

1. Como começou sua relação com o cinema e com o Cine Recreio?
2. O Cine Recreio tem uma longa história. O que você sabe sobre suas origens?
3. Como foi revitalizar o Cine Recreio?
4. Quais foram os momentos mais marcantes da sua gestão?

Transcrição do depoimento na íntegra

O Roberto Moura, professor da UFF e um velho amigo que conheci em Paris nos anos 1960, me pediu, na época em que eu era proprietário do Cinema Recreio, para que ele fizesse um levantamento sobre o início do Cine Recreio. Ele fez um apanhado e me deu um resumo. Naquela época, não tínhamos computador, nem internet, e eu não sei onde coloquei esse material. Mas ele dizia, e contava de forma oral, a seguinte história: O cinema de Cabo Frio começou em 1917 com um salineiro, um cara rico, porque, naquela época, os salineiros eram milionários. Ele foi para a Europa, viu o cinema lá e trouxe-o para Cabo Frio. O que aconteceu foi que ele trouxe não só as máquinas, mas também um operador, que, segundo Roberto Moura, era alemão. O cinema foi montado naquele lugar onde hoje é a Praça Porto Rocha, até a rua de trás, que é a Rua Raul Veiga, onde hoje existe o Instituto Santa Rosa. Ele montou uma tela no fundo do espaço e colocou as cadeiras. Isso tudo foi feito em 1917, e, segundo as pesquisas de Roberto Moura, a sala tinha um projetor que fazia a projeção. Muitas vezes, as pessoas até levavam suas próprias cadeiras. Imagina como era o negócio naquela época! Depois, construíram uma caixa, que podemos dizer que tinha a forma de um marisco. Ele contou que, quando foi construída, a sala tinha uma tela e um palco. Quando eu peguei o cinema, em 1993, ainda tinha um palco, onde ficava o piano para o acompanhamento musical dos filmes. Você sabia que, na época, havia um pianista tocando durante as projeções?

Outra coisa interessante é que o cinema de 1917 tinha a mesma estrutura dos cinemas de Cinelândia, que surgiram nos anos 1920. Em 1997, fizemos a festa de 80 anos do Cinema

Recreio. O Cine Recreio de Cabo Frio é de 1917, e todos os cinemas da Cinelândia têm suas origens nos primeiros anos do século XX, como o caso dos cinemas inaugurados em Niterói.

O cinema mais antigo que o Cine Recreio é o Iris, de 1909. E os outros? Onde estão os cinemas com tanto tempo de exibição? Nos anos 60, o Cine Recreio pertencia ao grupo Casa Canal, e o Cafu era um dos sócios. Ele era meu concunhado, João Luiz Granado. Ele era um dos sócios do cinema com Pires. Nos anos 60, o cinema dava muito dinheiro. João Luiz me contou uma vez que, em um mês de exibição no cinema, ele ganhava mais do que na loja da Casa Canal, que era um dos maiores comércios de Cabo Frio. Para se ter uma ideia, ele me disse que, em um mês de exibição, ele comprava um carro à vista. Isso mostra o quão rentável o cinema era na época, especialmente devido ao sucesso das grandes produções cinematográficas.

Naquela época, o carro era caro, e filmes como *Tubarão* quebravam recordes de bilheteira. Uma verdadeira loucura. Mas, com o passar do tempo, o cinema foi se deteriorando e, nos anos 90, estava totalmente abandonado. Na realidade, ele só sobreviveu passando filmes de Kung Fu e pornô. Os frequentadores tinham que dar a volta para não passar em frente aos cartazes com cenas obscenas, o que causava desconforto para os beatos que frequentavam a igreja matriz.

Em 1993, João Luiz já estava mais velho, e ele e o sócio decidiram fechar o cinema. Um dos filhos dele, que também trabalhava no cinema, veio até mim e disse: “Tio, vamos pegar o cinema, meu pai não quer mais.” Eu disse a ele: “Eu não entendo nada de cinema, sei apenas assistir a filmes, gosto disso, mas administrar um cinema é totalmente diferente. Não vamos fazer.” Fui até o João Luiz e ele me disse: “Eu passo a cota para você de graça. Eu passo as minhas cotas para meu filho e o Cafu passa a dele para você.” Foi assim que pegamos o cinema. A única condição era que, como o gerente tinha uma enorme dívida trabalhista, tínhamos que dar 5% para ele. A divisão ficou 45% para cada um dos três sócios e 5% para o gerente. Pegamos o cinema e, apesar de estar decadente, ele tinha uma enorme vantagem: era visto como um ótimo pagador no Rio de Janeiro, o que era fundamental para revitalizar o cinema.

No entanto, a indústria cinematográfica é muito competitiva e, às vezes, até mafiosa. Se você não pagar uma distribuidora, como a Fox ou a Universal, no prazo, não consegue mais pegar filmes com ela. Elas têm um sistema onde, se não pagar em uma semana, você não consegue mais pegar nada. Isso aconteceu com os antigos proprietários do cinema. Fui até as grandes distribuidoras, falei que eu era o novo proprietário e que estava assumindo o Cine Recreio. Eles me disseram que os antigos donos eram bons pagadores, então tudo estava certo. Com isso, começamos a trabalhar com as grandes distribuidoras novamente.

Nos anos 90, os cinemas lançavam filmes nas sextas-feiras. O Cine Recreio estava tão atrasado que nunca lançava filme na sexta-feira. Ele sempre pegava filmes fora de lançamento, começando as sessões nas quartas-feiras e fechando na terça-feira. Quando assumi, meu gerente disse que, se tirássemos os filmes de Kung Fu e pornografia, o cinema quebraria em um mês. Mas, felizmente, tive sorte. Consegui um grande sucesso com *O Rei Leão*. Ele foi responsável por tirar o cinema do vermelho e me permitiu retirar os filmes impróprios e de pancadaria.

Em 1994, com o dinheiro de *O Rei Leão*, comecei a reformar o cinema. As poltronas eram de madeira, não havia ar-condicionado, e tínhamos que abrir as portas laterais para o vento circular. Só podíamos passar filmes à noite, pois com a claridade não dava para exibir durante o dia. Era uma sala grande, com mais de 300 lugares, e o salão de entrada era bonito. Coloquei cartazes, e a bilheteria ficava na calçada. Seu Dida era o responsável pela bilheteria.

Com *O Rei Leão*, consegui melhorar a receita. A partir daí, comecei a tirar os filmes impróprios e a reformar o cinema. Em 1995, com o sucesso de *O Rei Leão* e outros filmes, comecei a respirar financeiramente. Em 1996, o maior sucesso de bilheteira foi *Titanic*. Eu passei dois meses com o filme em cartaz e ganhei US$ 100.000. Foi a melhor arrecadação da minha vida. Na época, soube que o cinema do Leblon arrecadou US$ 2 milhões. *Titanic* é, até hoje, um dos maiores sucessos de bilheteira do mundo, com uma arrecadação global de US$ 2 bilhões.

No entanto, no final dos anos 90, o cinema de rua já estava em total decadência. Mesmo com o sucesso de bilheteria de alguns filmes, como *Titanic*, a tendência era clara: os cinemas de rua estavam em declínio. Quando o proprietário do prédio, Valdemar Machado, faleceu, os sócios pediram a integração do cinema e do prédio. O alvará do Cine Recreio é o terceiro alvará de Cabo Frio, registrado como empresa cinematográfica da Região dos Lagos, e o primeiro alvará foi concedido em 1917.

O projetor cinematográfico, aquele rudimentar, muitas vezes funcionava em um lugar improvisado, que mal se podia chamar de sala. Não havia estrutura adequada, e a exibição acontecia com uma lona e em total escuridão, à noite. Uma história interessante que o escritor Terra menciona é sobre o público que levava suas próprias cadeiras para o cinema. Ele fala sobre isso em seus escritos. Além disso, o cinema, naquela época, possuía uma divisão de classes: a primeira classe exigia que as pessoas entrassem de terno e gravata, enquanto na segunda classe, o público podia usar tamancos.

Existem muitas histórias dessa época, como uma que todos contam e que também ouvi. Certa vez, um homem foi assistir a um filme mudo, daqueles no estilo Carlitos, com muito tiroteio. Durante a exibição, o homem, empolgado, começou a atirar na tela. O tumulto foi tão

grande que, em meio à confusão, outro espectador jogou um tamanco. Isso está registrado nos livros de Hilton Massa, Terra e Béranger.

Roberto Moura, em seu artigo sobre crítica de cinema, fala sobre o papel do crítico de cinema, que deve analisar um filme a partir de diferentes perspectivas: socioeconômicas (será que o filme fará sucesso?), estéticas (tem valor artístico?), políticas (corresponde aos valores ideológicos do crítico?). Ele leva em conta a estrutura dramática e narrativa, a função dos personagens, o interesse pelos temas, a pertinência das teses e a originalidade estilística.

Na década de 1990, em Cabo Frio, as videolocadoras não competiam com a exibição dos filmes no Cine Recreio. Quando um filme era lançado no cinema, ele chegava primeiro à sala de exibição, e, só depois de algum tempo, podia ser encontrado nas locadoras. Ou seja, as pessoas só podiam assistir ao filme em casa depois de ele ser lançado nos cinemas. Isso se refletia na mídia da época, dentro do modelo analógico do vídeo cassete. Podemos refletir sobre isso, como Moura descreve, considerando como o comportamento da mídia evoluía naquela época.

Apêndice 3 – Entrevista na íntegra com Meri Damaceno

Entrevista realizada por telefone nos dias 20 e 21 de janeiro de 2025 com Meri Damaceno, memorialista e escritora de Cabo Frio. Desde a década de 1980, dedica-se a escrever sobre a memória da cidade, buscando, em suas pesquisas, retratar sua própria vivência como cabo-friense. Seu trabalho resgata a história local por meio da oralidade, dando voz tanto a pessoas notáveis quanto àquelas menos reconhecidas, mas que contribuíram para a trajetória do Cinema Recreio.

Entre suas obras, destacam-se *Cabofrianças: causos e resgates* (1999) e *Guardas da memória: Cabo Frio*, volumes I (2012) e II (2015).

Perguntas feitas à entrevistada:

1. A senhora poderia compartilhar uma lembrança marcante de sua infância relacionada ao cinema?
2. Poderia descrever o evento do lançamento do sabão em pó Omo no Cine Recreio? Como foi essa experiência?
3. Qual foi o impacto desse evento na cidade?
4. Houve outras experiências cinematográficas marcantes na sua infância?
5. Durante a adolescência, qual era sua relação com o cinema?
6. A senhora frequentava o cinema com qual frequência nessa fase da vida?
7. Algum outro momento cinematográfico marcou sua juventude?
8. O cinema continuou presente em sua vida adulta? Poderia citar alguma experiência relevante?
9. Quais são suas memórias mais fortes relacionadas ao cinema?
10. Para a senhora, qual foi a maior diferença entre a experiência cinematográfica do passado e a atualidade?

Trechos da entrevista

Meri fala sobre o momento em que o cinema foi demolido, entre 1999 e 2001. De acordo com informações sobre o Cine Shopping Recreio, a inauguração do shopping ocorreu em 28 de fevereiro de 2002, mudando assim a estrutura do cinema de rua para o cinema de shopping.

“Eu tenho muitos recortes de jornal lá em casa da época da demolição, muita coisa na *Folha dos Lagos*. Eu recortava tudo e guardo!”

Meri relatou ainda suas memórias emocionais relacionadas ao Cine Recreio:

“Eu me recusei a entrar em qualquer sala de cinema depois que o Cine Recreio foi demolido. Só entrei uma única vez, em um evento cultural na sala nova, logo depois que inauguraram. Foi um documentário maravilhoso do Gilberto Gil. Fui porque meu marido insistiu. A sala era espetacular, grande, com um palco enorme, uma tela gigantesca. Mas nunca mais entrei.”

Sobre a importância do Cine Recreio, Meri destaca que o espaço tinha um caráter simbólico e cultural para Cabo Frio:

“Eu tinha intenção de propor um projeto de lei quando estava à frente da Secretaria de Cultura de Cabo Frio, para transformar o espaço em um teatro ou cinema público. Seria um espaço cultural para palestras, exibições e eventos. Infelizmente, não consegui levar o projeto adiante. Hoje, as salas estão abandonadas, e isso é muito lamentável.”

Ela também compartilhou a lembrança de um objeto que encontrou durante a demolição:

“Quando o cinema foi demolido, fiquei muito chateada. No meio dos escombros, achei uma plaquinha plastificada que dizia ‘esgotado’. Peguei para mim. Era como se representasse o fim de uma era. É a única lembrança física que tenho do cinema.”

Além das lembranças pessoais, Meri reflete sobre as mudanças no acesso ao cinema em Cabo Frio ao longo das décadas:

“Nos anos 1920, 1930, 1940 e 1950, o cinema era frequentado pelas famílias tradicionais, pela burguesia de Cabo Frio. Pessoas de famílias mais pobres dificilmente iam ao cinema. Depois, nos anos 1960 e 1970, com o crescimento do turismo e do comércio local, o acesso começou a mudar. Ainda assim, as transformações econômicas e culturais acabaram impactando muito o setor. Primeiro vieram as igrejas evangélicas, que começaram a ocupar espaços de antigos cinemas. Depois, os shoppings e galerias. É triste ver como esses espaços foram perdendo a força.”

Meri também acredita na ressignificação futura do cinema:

“Eu acho que o cinema vai voltar com força, assim como o vinil e as fitas cassetes. Tudo tem seu ciclo. As plataformas digitais são convenientes, mas nada substitui a experiência coletiva do cinema.”

Apêndice 4 – Entrevista na íntegra com Marisa

Entrevista realizada em 21 de novembro de 2024 em Cabo Frio, por telefone, com Marisa, ex-funcionária do Cine Recreio.

Perguntas feitas à entrevistada:

1. Qual foi seu papel no Cine Shopping Recreio e por quanto tempo trabalhou lá?
2. Poderia descrever as instalações do Cine Shopping Recreio? Quantas salas existiam e qual era sua capacidade?
3. O cinema recebia um público numeroso? Houve eventos com grande lotação?
4. Algum filme ou evento específico gerou grande movimentação no cinema?
5. O que aconteceu com o maquinário e as cadeiras do cinema após o encerramento das atividades?
6. As pessoas ainda perguntam sobre o Cine Shopping Recreio? Como a senhora percebe esse interesse?
7. O que o Cine Shopping Recreio representou para a senhora?
8. Existe alguma memória especial que gostaria de compartilhar sobre seu tempo de trabalho no cinema?
9. Em sua opinião, qual foi o impacto do fechamento do cinema na cidade e na comunidade local?
10. A senhora acredita que ainda existe espaço para um cinema como o Cine Shopping Recreio em Cabo Frio atualmente?

Depoimento da entrevistada

Iniciei o trabalho no Cinema Recreio em 2002, onde trabalhei nos serviços gerais, cuidando da limpeza e segurança. O cinema tinha duas salas: a sala número 01, com 109 cadeiras, e a sala número 02, com 99 cadeiras. Ambas as salas eram carpetadas com camurça. Em diversos períodos, o cinema tinha uma lotação maior do que a quantidade de cadeiras, e muitas pessoas se sentavam no chão.

Um dos filmes que me lembro de gerar grandes filas foi *Carandiru* (2003), com sessões às 19h00 e às 22h00. A fila chegava a tomar o quarteirão.

Infelizmente, o maquinário do cinema, assim como as cadeiras, já não existem mais, e as salas estão agora vazias.

O dono do cinema na época era o senhor Warney, pai de Antonio Machado Dias, que atualmente é o proprietário do Cine Shopping Recreio.

Até hoje muitas pessoas ainda me perguntam se o cinema vai voltar a funcionar.

ANEXOS

Anexo 1 – Termo de Aforamento do terreno onde foi construído o “Cinematographo” de Cabo Frio – 1914

“O termo de Aforamento do terreno para a construção do Cinematógrafo, descrito no Livro da Secretaria Municipal da Fazenda de Cabo Frio, 24 de dezembro de 2013. Aos doze de maio de mil novecentos e quatorze, nesta Cidade de Cabo Frio e Secretaria da Câmara Municipal, ao meio dia, presente o Cidadão Manoel Lopes da Guia, Presidente da Câmara, commigo official da Secretaria, abaixo declarado e tambem assignado compareceo o cidadão JOÃO DE OLIVEIRA ABRANTES, residente nesta cidade, a quem o Senhor Presidente de accôrdo com a deliberaçã da Camara em sessão extraordinaria de 24 de Dezembro de 1913 que concedeo-lhe o aforamento do terreno que requereo entre a Igreja Matriz e o predio de José Antonio Fernandes a fim de construir na parte da frente para a Rua Santo Antonio com predio destinado a DIVERSÕES, CINEMATOGRAPHO ETC, lhe manda na forma da lei, lavrar o presente termo de aforamento do terreno que sendo medido pela Commissão de que trata o art° 3° das Resoluções sobre aforamentos de 11 de Março de 1893 de cuja minuta de medição que se acha junta a petição reda, se que o terreno tem as dimensões e confrontações seguintes: Frente treze metros (13m) para a Praça Doutor Porto Rocha e igual número de metros para a Rua Augusta tendo nas linhas laterais trinta e quatro metros e vinte cinco centímetros dividindo pelo lado do Sudoeste com José Antonio Fernandes e pelo o nordeste com a Igreja Matriz, ficando entre essa e o terreno de que se refere este termo um becco para a serventia da Igreja, formando, portanto, uma área de quatrocentos e quarenta e cinco metros quadrados (445m2). O foreiro declara no presente acto sujeitar-se a todas as obrigações exaradas em Lei, não podendo construir na frente para a Praça Doutor Porto Rocha ou qualquer prédio que seja destinado a diversões bilhares, cinematographo, theatro ou outra qualquer diversão, a pagar annualmente a quantia de quatrocentos quarenta e cinco reis, de fôro á razão de um real por metro quadrado, como determina a Lei, não podendo sob pena de commisso, deixar de pagar por mais de tres annos consecutivos, bem assim obriga-se á não vender ou alheia tal terreno sem previa autorização da Câmara, a qual consentindo haverá dois e meio por cento de laudêmio, sobre o valor da transacção. Foi pago o sello proporcional da União, por uma estampilha de trezentos reis, abaixo collada e devidamente inutilizada. E tendo assim promettido cumprir todas as obrigações, lavrou-se o presente termo que lido perante o foreiro e achado conforme, assignam

o Senhor Presidente e as testemunhas Saad Habbib El-Baïny e Annibal Amador do Valle, e eu Mario Salles, official da Secretaria, que o escrevi e tambem assigno.

Cabo Frio 12 de Maio de 1914. Manoel Lopes da Guia João d’ Oliveira Abrantes Saad Habbib El-Baïny, Annibal Amador do Valle

Anexo 2 – Foto da Praça Porto da Rocha sem autor s/data Cine Teatro Recreio

O Cine Recreio, como pode ser observado na imagem a seguir, tinha a forma de Mourisco. O cinema ficava ao lado do anexo da Igreja Assunção, que guardava documentos. Em frente, há o coreto/palanque da Praça Porto Rocha, construído em comemoração ao III Centenário de Cabo Frio, em 1915.

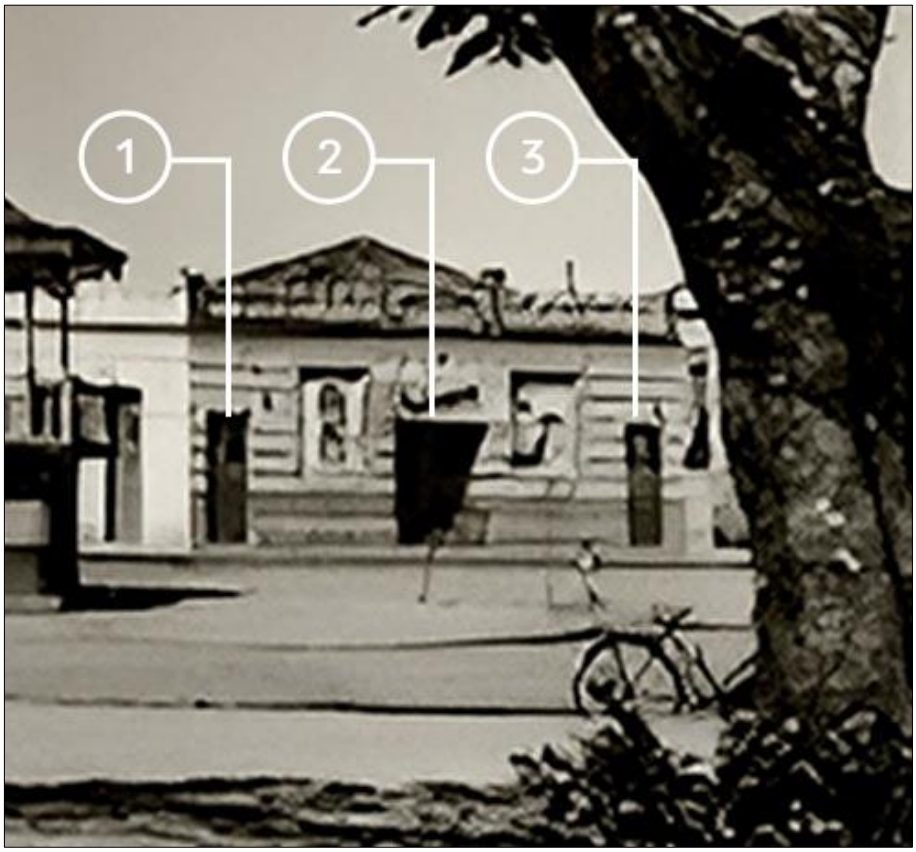
1) Igreja Nossa Senhora de Assunção;
2) Anexo da Igreja;
3) Cine Teatro Recreio
4) Palanque da Praça Porto Rocha



Fonte: Foto de acervo Ac

A seguir, foto do Cine Recreio ampliada:

1) Porta à esquerda: entrada para o camarote; reservada para os que desejavam ter privacidade.
2) Porta central: entrada da primeira classe, para a qual se exigia traje social;
3) Porta à direita: entrada da segunda classe, na qual era permitido entrar de roupas simples e usar tamanco, ao invés de sapato social.



Fonte: Foto de acervo Ac

Anexo 3 – Mapas da Estrada de Ferro Leopoldina

Mapas onde descreve na parte superior a linha do ramal da Estrada de Ferro Leopoldina que interligava Niterói com destino a Campos dos Goytacazes. E na parte de baixa linha do ramal da Estrada de Ferro Maricá que interligava Neves- São Gonçalo com destino a Cabo Frio.



Fonte: RODRIGUEZ, 2004.

Legenda: Mapa onde consta na parte superior a Estrada de Ferro Leopoldina que fazia o trajeto Niterói a Campos dos Goytacazes; na parte de baixo, a Estrada de Ferro Marica que fazia o trajeto de Neves em São Gonçalo até Cabo Frio.

Entre 1854 e 1958, houve investimentos nos ramais ferroviários no Brasil para atender à crescente demanda por transporte de cargas e passageiros. Durante esse período, diversas atividades produtivas encontraram soluções para a distribuição da produção e dos serviços. Podemos supor que a distribuição de filmes também tenha sido realizada por meio desses ramais ferroviários. A partir de 1959, iniciou-se o desmonte da malha ferroviária no país.

Quadro com a Evolução da Malha Ferroviária Brasileira

Ano	Extensão da Malha (km)	Ano	Extensão da Malha (km)
1854	14,5	1945	35.137
1868	718	1946	35.280
1870	1.150	1947	35.313
1880	4.100	1950	36.081
1886	7.800	1955	37.092
1888	9.356	1957	37.422
1889	9.583	1958	37.967
1910	15.316	1964	34.262
1920	28.550	1966	32.463
1925	30.100	1978	30.364
1930	32.478	1980	29.968
1934	34.272	1993	28.168

Observações:

1 - De 1854 a 14/11/1889 (Império)
2 - De 15/11/1889 a 1930 (Primeira República)
3 - A partir de 1931 (Segunda República)

Fonte: RODRIGUEZ, 2004.

Legenda: Demonstrativos da extensão das linhas originais da Estrada de Ferro do Brasil do Império a segunda República onde os ramais ferroviários tiveram a importância significativa para o desenvolvimento nacional.

Quadro demonstrativo da extensão das linhas originais da Estrada de Ferro Central do Brasil no Estado do Rio de Janeiro

Denominação das linhas			Trecho no Rio de Janeiro		Extensão (km)			Observações
Tronco	Ramal	Sub-ramal	Inicial	Final	Bitola larga	Bitola métrica	Bitola mista	
Centro	-	-	D. Pedro II	Fernandes Pinheiro	168,00	-	14,00	Bitola mista nos trechos Barão de Vassouras - Barão de Juparanã e Paraíba do Sul - Três Rios
-	Marítima da Gamboa	-	D. Pedro II	Marítima	0,95	-	-	
-	São Diogo	-	D. Pedro II	São Diogo	1,70	-	-	
-	Campo dos Afonsos	-	Bento Ribeiro	Campo dos Afonsos	4,05	-	-	Militar
-	Mangaratiba	-	Deodoro	Mangaratiba	81,20	-	-	
-	Matadouro (Circular)	-	Santa Cruz	Matadouro	1,70	-	-	Circular
-	Base Aérea Sta Cruz	-	Santa Cruz	Hangar	2,65	-	-	Militar
-	Santa Cruz - Austin - Carlos Sampaio	-	Santa Cruz	Carlos Sampaio	-	4,00	30,00	Ligação em Santa Cruz com Ramal de Mangaratiba - Ligação em Austin com linha do Centro - Ligação em C. Sampaio com Linha Auxiliar
-	Tanetá	-	Japeri	Tanetá	8,25	-	-	Tanetá (Paracambi)
-	São Paulo	-	Barra do Piraí	Eng. Passos	98,76	-	-	
-	Teresópolis	-	Piedade	Várzea de Teresópolis	-	37,70	-	
-	Maricá	-	Neves	Cabo Frio	-	157,20	-	
Auxiliar	-	-	Alfredo Maia	Sapucaia	-	136,10	27,00	Linha em bitola mista até São Mateus. Terminal em Porto Novo do Cunha (km 240)
-	Cais do Porto	-	Herédia de Sá	Arará	-	-	5,00	
-	Deodoro	-	Honório Gurgel	Deodoro	3,02	-	-	Junção com a EFCB
-	Sta. Rita da Jacutinga	-	Gov. Portela	Km 254	-	123,00	-	Terminal em Sta. Rita de Jacutinga (Km 258,228) entroncamento com a RMV
-	-	Afonso Arinos	Marques de Valença	Afonso Arinos	-	59,80	-	Entroncamento com a EFCB
-	Circular da Pavuna	-	Costa Barros	São Mateus	3,80	-	-	Compreende o trecho Costa Barros - Pavuna - S. J. Meriti - Eng. Belford e São Mateus
-	Rio D'Ouro	-	Francisco Sá	Jaceruba	-	38,50	21,80	Bitola mista até Pavuna
-	-	Xerem	Belford Roxo	Xerem	-	27,30	-	
-	-	Tinguá	Cava	Tinguá	-	11,85	-	
-	-	Represa	Rio D'Ouro	Represa	-	2,60	-	
-	-	Mantiqueira / Galrão	Mantiqueira	Galrão	-	9,70	-	Mantiqueira (antiga João Pinto)
Extensão parcial					374,08	607,75	97,80	
Extensão total						1.079,63		

Fonte: A Formação das Estradas de Ferro no Rio de Janeiro; O Resgate da sua Memória (2004).

Legenda: Quadro demonstrativo de dados segundo as regiões de governo e municípios do Estado do Rio de Janeiro com relação a existência de ferrovias.

As Baixadas Litorâneas foram a região onde a ferrovia impulsionou o desenvolvimento de diversas cidades. No entanto, sua extinção ocorreu sem que os administradores regionais percebessem a importância que a ferrovia teve para a economia e a cultura.

Região das Baixadas Litorâneas

Nr. de ordem	Município	População (ano 2000)	Altitude (m)	Área (Km²)	Ferrovias		
					Existentes	Erradicadas	Não existentes
45	Araruama	72.100	15,00	639,30	-	EFCB	-
46	Armação dos Búzios	19.160	3,00	71,70	-	-	NE
47	Arraial do Cabo	22.950	8,00	157,60	-	-	NE
48	Cabo Frio	122.320	4,00	410,80	-	EFCB	-
49	Cachoeiras de Macacu	46.220	57,00	956,80	-	EFL	-
50	Casimiro de Abreu	24.020	17,00	455,90	EFL	-	-
51	Iguaba Grande	11.090	18,00	43,70	-	EFCB	-
52	Rio Bonito	47.610	62,00	463,00	EFL	-	-
53	Rio da Ostras	36.370	4,00	230,40	EFL	-	-
54	São Pedro da Aldeia	66.300	5,00	336,70	-	EFCB	-
55	Saquarema	49.130	10,00	353,60	-	EFCB	-
56	Silva Jardim	19.770	35,00	939,50	EFL	-	-
Total		537.040		*5.059,10*			

Fonte: A Formação das Estradas de Ferro no Rio de Janeiro; O Resgate da sua Memória (2004).
Legenda: Convenções: EFCB Estrada de Ferro Central do Brasil; EFL Estrada de Ferro Leopoldina. Os ramais ferroviários que atendiam à Baixada Litorânea foram fundamentais para o desenvolvimento econômico, social, político e cultural da região. No entanto, na década de 1960, foram extintos em favor do transporte rodoviário.